

CLAUDIA CAMILA LARA

VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA E ATITUDES LINGUÍSTICAS:  
O DESVOZAMENTO DAS PLOSIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM  
CONTATO COM O HUNSRÜCKISCH NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

PORTO ALEGRE  
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA E ATITUDES LINGUÍSTICAS:  
O DESVOZAMENTO DAS PLOSIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM  
CONTATO COM O HUNSRÜCKISCH NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

CLAUDIA CAMILA LARA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

PORTO ALEGRE  
2017

### CIP - Catalogação na Publicação

LARA, Claudia Camila  
VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA E ATITUDES  
LINGUÍSTICAS: O DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO EM CONTATO COM O HUNSRÜCKISCH NO  
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL / Claudia Camila LARA. --  
2017.  
156 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-  
Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Variação fonético-fonológica. 2. Desvozeamento  
das plosivas. 3. Atitudes linguísticas. I. Battisti,  
Elisa, orient. II. Título.

CLAUDIA CAMILA LARA

VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA E ATITUDES LINGUÍSTICAS:  
O DESVOZAMENTO DAS PLOSIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM  
CONTATO COM O HUNSRÜCKISCH NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)

---

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS)

---

Profa. Dra. Marisa Porto do Amaral (FURG)

PORTO ALEGRE  
2017

*Para*

*o que passou, passei.*

*O que vier, viverei!*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é a melhor parte do caminho!

Não são apenas 4 anos para agradecer, são trajetórias vividas até aqui, acompanhadas, ensinadas e muito bem orientadas por quem teve paciência e também confiou nesta tese. Profa. Elisa Battisti, agradeço por toda formação, inspirações e aprendizagens!

Agradeço pelos ensinamentos estatísticos e pelas análises cuidadosas que o Prof. Adalberto Ayjara Dornelles Filho me orientou, fundamentais para a interpretação e reflexão sobre os resultados.

Aos professores que acompanharam todo o percurso, agradeço, desde os incentivos na defesa do projeto de doutorado: à Profa. Valéria Neto de Oliveira Monaretto; todas as contribuições para a qualificação do artigo da Profa. Loremi Loregian-Penkal; aos apontamentos teóricos tão precisos e essenciais do Prof. Cléo Vilson Altenhofen e da Profa. Marisa Porto do Amaral, na qualificação da tese; e, finalmente, à esta banca por terem aceitado compor esta etapa.

Aos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e demais universidades que compartilharam conhecimentos e pesquisas durante a minha formação nesse curso de doutoramento, nas disciplinas, no círculo linguístico, em encontros, eventos, congressos, seminários e cafés.

Agradeço à equipe coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras-UFRGS, ao seu Canísio, à Myrela e Márcia; e à CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado.

Aos colegas do PPGLetras-UFRGS, obrigada pelas conversas sempre produtivas e reflexivas, de estudos e cheias de bons sentimentos; em especial, à Jussara Habel, obrigada pela solicitude, mesmo à distância, sempre tão prestativa e generosa.

Vinte e quatro informantes dispuseram de seu tempo e de suas experiências, com muita alegria, agradeço a cada um deles, por contribuírem com esta pesquisa.

Um agradecimento profundo à minha família: mãe, Tiano, Carol, Filipe, Fábio, dinda Bela e dindo Fernando, tias, tios, primas e primos que tanto apoiam e valorizam cada momento de estudo e de dedicação à pesquisa e ao trabalho. Também, à dona Maria, ao Antônio Marcos, Douglas, Diorge, à Daiana, Silvana, pelo incentivo.

E aos amigos? De lá e daqui... desde sempre, de muito tempo e de agora... Aos amigos que acompanharam meus anseios, incentivaram cada momento e torceram comigo: agradeço à Susie, por ter oportunizado a vida acadêmica, já no primeiro ano da graduação, em Rio Grande; ao Alex, à Vanessa, Paloma, ao Samuel e ao Jun, pelas abstrações da vida, no Cassino; à Aline, por cada chimarrão na Redenção, em Porto Alegre; e agora à Cleo, Rute, Patrícia e ao Cleverson, à Lilian e ao Dirlo, Diogo, Eduardo e a todo Capinzal/SC pela acolhida tão receptiva e feliz que nos proporcionaram.

Ao meu João, são anos de companheirismo, de sonhos e realizações conjuntas. Cada passo é uma conquista partilhada, com um sorriso largo! Obrigada João, por sempre encorajar e impulsionar novos desafios.

## RESUMO

Esta tese objetiva analisar o desvozeamento variável das plosivas bilabial, alveolar e velar (*abacaxi~apacaxi*, *dela~tela* e *Glória~Clória*) do português brasileiro em contato com o hunsrückisch, língua de imigração alemã. A variedade de português investigada é a falada em Glória, comunidade da zona rural do município de Estrela, Rio Grande do Sul, Brasil. O *status* social da variável em estudo é estereotipado e as atitudes linguísticas são analisadas em relação ao desvozeamento das plosivas. Investiga-se, portanto, a relação entre o processo variável e as atitudes linguísticas dos falantes para com o português brasileiro local e com a língua de imigração. O estudo orienta-se pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e pelo estudo de atitudes linguísticas (TRIANDIS, 1974; FASOLD, 1996; KAUFMANN, 1997; 2011; GILES e BILLINGS, 2004; GARRET, 2005; VANDERMEEREN, 2005; LABOV, 2010). Para a análise de regra variável, foram levantados contextos de desvozeamento de vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas de informantes de Glória. Os dados foram submetidos à análise estatística pelo pacote computacional VARBRUL, versão GoldVarb X, para verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o desvozeamento variável das plosivas. Constatou-se que a proporção de desvozeamento é baixa, 2,6%. Os informantes do gênero feminino, com menor grau de escolarização, ensino fundamental, e com mais de 47 anos condicionam o processo. As palavras com maior número de sílabas, contexto precedente vazio e o contexto seguinte alveolar, sílabas pretônica e tônica favorecem o desvozeamento das plosivas. Para o estudo de atitudes linguísticas, foi realizada uma pesquisa qualitativa mediante a aplicação do questionário “As atitudes linguísticas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch”, adaptado de Kaufmann (1997; 2011). Posteriormente, os dados levantados com o questionário foram submetidos a tratamento estatístico pelo *software* IBM SPSS, versão 22.0. Verificou-se que os núcleos familiares, compostos por avós, pais, irmãos, tios e tias, influenciam as práticas sociais, linguísticas e culturais na comunidade de Glória, principalmente a figura feminina, a mãe, (geração mais velha) que tem responsabilidade na formação e preservação cultural nas antigas áreas de imigração europeia no sul do Brasil e também pela função social que exerce em casa, na educação inicial dos filhos. Os informantes mais jovens realizam mais atividades de trabalho, diversão e lazer do que seus pais, usando o português como língua de interação. Tais atividades influenciam as atitudes dos falantes em relação à preferência a usar português em lugar do hunsrückisch. Os resultados evidenciam



que a escolaridade também contribui para as atitudes, com práticas linguísticas em português brasileiro local no ambiente escolar: os falantes orientam-se à cultura brasileira e à fala em português brasileiro local e buscam fugir ao estereótipo do desvozeamento das plosivas.

**Palavras-chave:** variação fonético-fonológica; desvozeamento das plosivas; atitudes linguísticas.

## ABSTRACT

This thesis aims at analyzing the variable devoicing of bilabial, alveolar and velar plosives (*abacaxi~apacaxi*, *dela~tela e Glória~Clória*) in Brazilian Portuguese in contact with hunsrückisch, German immigration language. The Portuguese variety under investigation is the one spoken in Glória, a rural area community in the town of Estrela, Rio Grande do Sul, Brazil. The social status of the variable in study is stereotyped and the linguistic attitudes are analyzed in relation to the devoicing of the plosives. It investigated, therefore, the relation between the variable process and the speakers' linguistic attitudes towards local Brazilian Portuguese and the immigration language. The study is oriented by Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and by linguistic attitude studies (TRIANDIS, 1974; FASOLD, 1996; KAUFMANN, 1997; 2011; GILES e BILLINGS, 2004; GARRET, 2005; VANDERMEEREN, 2005; LABOV, 2010). For analyzing the variable rule, devoicing contexts, present in twenty-four sociolinguistic interviews with informants from Glória, were gathered. The data were submitted to statistical analysis by the computational package VARBRUL, version GoldVarb X, in order to verify the linguistic and extra-linguistic factors that condition the variable devoicing of plosives. It was determined that the devoicing proportion is low, 2.6%. The female gender informants, with the lowest scholarization degree, middle school, and older than 47 years old condition the process. The words with a bigger number of syllables, empty precedent context and alveolar posterior context, pre-tonic and tonic syllables favor the plosives devoicing. For the study of linguistic attitudes, a qualitative research was carried out, through the application of the questionnaire "As atitudes linguísticas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch", adapted from Kaufmann (1997; 2011). After that, the data collected through the questionnaire were submitted to statistical treatment by the *software* IBM SPSS, version 22.0. It was possible to verify that family cores, composed by grandparents, parents, siblings, uncles and aunts, influence the social, linguistic and cultural practices in the community of Glória, specially the female figure, the mother, (older generation) which holds responsibility in cultural formation and maintenance in old European immigration areas in the south of Brazil and also in the social function exerted at home, in the initial education of the children. The younger informants perform more activities related to work, entertainment and leisure than their parents, using the Portuguese as interaction language. Such activities influence the speakers' attitudes towards the preference for using Portuguese over hunsrückisch. The results show that scholarization also contributes

for the attitudes, with linguistic practices in local Brazilian Portuguese in the school environment: the speakers orient themselves towards the Brazilian culture and the speech in local Brazilian Portuguese, and seek to scape from the stereotype of plosives devoicing.

**Keywords:** phonetic-phonological variation; plosives devoicing; linguistic attitudes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Brasil e do Rio Grande do Sul com a localização de Estrela.....	22
Figura 2 – Mapa do Vale do Taquari com a localização de Estrela e de Glória.....	23
Figura 3 – Distribuição dos informantes.....	62
Figura 4 – Cruzamento entre escolaridade e idade.....	73
Figura 5 – Representação da tonicidade silábica.....	74
Figura 6 – Cruzamento entre tonicidade da sílaba e número de sílabas.....	78
Figura 7 – Cruzamento entre proporção de aplicação e gênero.....	86
Figura 8 – Cruzamento entre proporção de aplicação e escolaridade.....	87
Figura 9 – Cruzamento entre proporção de aplicação e ‘onde você aprendeu o português’.....	97
Figura 10 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a relação trabalho <i>versus</i> lazer.....	104
Figura 11 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável trabalhador.....	107
Figura 12 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável ‘amável’.....	110
Figura 13 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável honesto (qualidade).....	119
Figura 14 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável trabalhador (qualidade).....	120

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variáveis <i>independentes</i> .....	61
Quadro 2 – Medidas de VOT para plosivas desvozeadas.....	68
Quadro 3 – Médias de VOT encontradas no PB, em línguas minoritárias alemãs e no PB de contato com o Hunsrückisch.....	69
Quadro 4 – Fatores linguísticos e sociais condicionadores do desvozeamento das plosivas.....	80
Quadro 5 – Perfil dos informantes.....	85
Quadro 6 – Cruzamento entre proporção de aplicação e lugar de nascimento da mãe.....	89
Quadro 7 – Cruzamento entre proporção de aplicação e primeira língua.....	91
Quadro 8 – Cruzamento entre proporção de aplicação e ‘sua mãe sabe alemão’.....	93
Quadro 9 – Cruzamento entre proporção de aplicação e ‘onde você aprendeu o português’.....	96
Quadro 10 – Cruzamento entre proporção de aplicação e em que língua(s) você fala com seus avós.....	98
Quadro 11 – Cruzamento entre proporção de aplicação e mistura de línguas faladas em Glória.....	101
Quadro 12 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a relação lazer <i>versus</i> trabalho.....	103
Quadro 13 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável trabalhador.....	106
Quadro 14 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável útil (português) .....	108
Quadro 15 – Cruzamento entre proporção de aplicação de desvozeamento e a variável útil (Hr) .....	111
Quadro 16 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável incorreto.....	113
Quadro 17 – Qualidades pessoais e o número de vezes (pontos) que os informantes as fizeram constar entre as cinco mais importantes.....	118

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escolaridade.....	71
Tabela 2 – Idade.....	72
Tabela 3 – Tonicidade da sílaba.....	73
Tabela 4 – Gênero.....	74
Tabela 5 – Número de sílabas.....	78
Tabela 6 – Contexto precedente.....	79
Tabela 7 – Contexto seguinte.....	79

## LISTA DE ABREVIATURAS

**AP:** alemão padrão

**Hr:** hunsrückisch

**GU:** gramática universal

**L1:** língua materna

**L2:** segunda língua

**MA:** Malayalam

**ME:** Malayalee

**MGT:** *Matched Guise Technique*

**ms:** milissegundos

**NE:** Inglês de Malayalam

**OT:** Teoria da Otimidade

**PB:** português brasileiro

**Pt:** português brasileiro local, variedade de português falada em Glória, zona rural do município de Estrela, Rio Grande do Sul, Brasil

**VOT:** *Voice Onset Time*

## SUMÁRIO

<i>LISTA DE FIGURAS</i> .....	12
<i>LISTA DE QUADROS</i> .....	13
<i>LISTA DE TABELAS</i> .....	14
<i>LISTA DE ABREVIATURAS</i> .....	15
<i>SUMÁRIO</i> .....	16
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA</b> .....	<b>27</b>
2.1 <i>VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA</i> .....	27
2.1.1 <b>Comunidade de fala e de prática</b> .....	<b>29</b>
2.2 <i>O CONTATO DE LÍNGUAS</i> .....	31
2.3 <i>DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS</i> .....	37
2.3.1 <b>Controle do <i>Voice Onset Time</i> (VOT)</b> .....	<b>38</b>
2.3.2 <i>Offspring</i> .....	41
2.4 <i>ATITUDES LINGUÍSTICAS</i> .....	43
2.4.1 <b>Conceito de atitudes linguísticas</b> .....	<b>44</b>
2.4.2 <b>Atitudes linguísticas: identidade e norma</b> .....	<b>46</b>
2.4.3 <b>Atitudes linguísticas e o estudo da variação</b> .....	<b>47</b>
2.4.4 <b>A pesquisa sobre atitudes linguísticas</b> .....	<b>50</b>
2.4.4.1 <b>Desafios metodológicos no estudo de atitudes linguísticas</b> .....	<b>51</b>
2.4.4.2 <b>Abordagens diretas e indiretas</b> .....	<b>53</b>
2.4.4.3 <b>Matched Guise Technique (MGT)</b> .....	<b>54</b>
2.4.4.4 <b>Questionário</b> .....	<b>54</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>56</b>
3.1 <i>ANÁLISE (QUANTITATIVA) DE REGRA VARIÁVEL</i> .....	56
3.2 <i>ANÁLISE (QUALITATIVA) ESTATÍSTICA NO ESTUDO DE ATITUDES</i> .....	57
3.3 <i>O DESENHO DA ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL DO DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS</i> .....	58
3.3.1 <b>Contexto precedente</b> .....	<b>58</b>
3.3.2 <b>Contexto seguinte</b> .....	<b>58</b>
3.3.3 <b>Tonicidade da sílaba</b> .....	<b>59</b>



3.3.4	Número de sílabas.....	59
3.3.5	Gênero.....	59
3.3.6	Idade.....	60
3.3.7	Escolaridade.....	60
3.3.8	Delimitação da amostra e obtenção dos dados.....	61
3.4	DESENHO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA PARA O ESTUDO DE ATITUDES.....	63
4	O DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS COMO PROCESSO VARIÁVEL.....	66
4.1	CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DO DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS.....	66
4.2	ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL.....	70
5	ATITUDES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO AO PT, AO HR E AOS TRAÇOS DO CONTATO PT-HR.....	82
5.1	BLOCO I – PERFIL DOS INFORMANTES.....	83
5.2	BLOCO II- LÍNGUAS E SEU USO.....	90
5.2.1	Línguas.....	91
5.2.2	Hunsrückisch.....	94
5.2.3	Português.....	95
5.2.4	Uso das línguas.....	97
5.3	BLOCO III – LÍNGUAS, PESSOAS, ATITUDES.....	99
5.3.1	Línguas e pessoas.....	100
5.3.2	Atitudes pessoais.....	102
5.3.3	Os alemães são.....	105
5.3.4	A língua portuguesa é.....	107
5.3.5	Os brasileiros são.....	109
5.3.6	O Hunsrückisch é.....	111
5.4	A NOÇÃO DE BRASIL E ALEMANHA.....	113
5.5	QUALIDADES PESSOAIS MAIS IMPORTANTES.....	118
5.6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DAS DUAS ANÁLISES.....	121
6	CONCLUSÃO.....	126
	REFERÊNCIAS.....	131

<b>ANEXO A</b> .....	<b>140</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>141</b>
<i>APÊNDICE A – Ficha social</i> .....	<i>141</i>
<i>APÊNDICE B – Roteiro para a entrevista sociolinguística</i> .....	<i>142</i>
<i>APÊNDICE C – As atitudes linguísticas no Português em contato com o Hunsrückisch</i> .....	<i>144</i>

# 1 INTRODUÇÃO

Esta tese investiga o fenômeno linguístico do desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar no português brasileiro falado em Glória, comunidade da zona rural do município de Estrela, Rio Grande do Sul, Brasil (doravante português brasileiro local, Pt)<sup>1</sup>, variedade de português em contato com o hunsrückisch (Hr), língua falada por descendentes de imigrantes alemães. O estudo é feito sob as perspectivas teóricas da Sociolinguística Variacionista (LABOV (2008 [1972], LABOV, 2010) e do estudo de atitudes linguísticas (TRIANDIS, 1974; FASOLD, 1996; KAUFMANN, 1997; 2011; GILES e BILLINGS, 2004; GARRET, 2005; VANDERMEEREN, 2005).

Dentre as realizações variáveis na fala em língua portuguesa de comunidades teuto-brasileiras, destaca-se o vozeamento e desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar, como em *pudim* ([pu'dĩŋ] para [bu'dĩŋ]), *baile* ([ˈbajlɪ] para [ˈpajlɪ]), *disse* ([ˈdisɪ] para [ˈtisi]) e *gosta* ([ˈgɔstə] para [ˈkɔstə]). Em estudo anterior (LARA, 2013), em Glória, verificou-se a baixa aplicação desses processos, mas apenas em contextos de plosivas bilabiais. Além disso, verificou-se que o desvozeamento é mais frequente do que o vozeamento, isto é, a tendência maior é o desvozeamento, não o vozeamento da plosiva. Desse modo, neste estudo, investiga-se somente o processo de desvozeamento e abrangem-se todas as plosivas – bilabial, alveolar e velar. Os dados serão levantados de entrevistas sociolinguísticas realizadas por Lara (2013).

O desvozeamento das plosivas vozeadas /b d g/, produzidas como [p t k] (***bloco-ploco***, ***dela-tela***, ***galo-calo***), resulta do contato do português<sup>2</sup> com a língua de imigração, Hr, uma língua minoritária alemã ainda hoje falada por descendentes de imigrantes no Rio Grande do Sul. É o que ocorre na Linha Glória. Segundo Altenhofen (1996), o desvozeamento é uma transferência fonética de um padrão fonológico da língua de imigração alemã para o português. Se, como registra a literatura (MUELLER, 1985; ALTENHOFEN, 1990; 1996; 1998; 2003; HILGEMANN, 2004; SCHNEIDER, 2007; ALTENHOFEN E MARGOTTI, 2011; LARA, 2013; 2015; GEWEHR-BORELLA, 2010; 2014), marcas de contato linguístico como o desvozeamento podem

---

<sup>1</sup> O português brasileiro tem peculiaridades locais, regionalidades. Dessa forma, tomou-se a denominação português brasileiro local (Pt) para o português falado em Glória, em contato com o hunsrückisch (Hr).

<sup>2</sup> Na seção 2.2, será abordado o português de contato.

tanto perdurar numa língua quanto dela desaparecer ao findar o contato, indagações se apresentam acerca do *status* dessas marcas e da própria prática bilíngue na comunidade.

Assim, pretende-se analisar, nesta tese, o desvozeamento das plosivas no português falado em Glória, sob dois enfoques sociolinguísticos: (i) o da análise de regra variável, para captar o padrão de variação na comunidade – proporção total de aplicação da regra e grupos de fatores condicionadores do desvozeamento – e (ii) o do estudo de atitudes linguísticas, para verificar o *status* das variantes desvozeadas, da prática do Hr e do Pt na comunidade em estudo.

Segundo Lara (2013), há no Hr um processo ativo de desvozeamento das plosivas que se estendeu ao português local. O fator tepe precedente (*urbana*), com peso relativo de 0,99, é favorecedor do processo, assim como a sílaba tônica (*bicho*). Quanto aos aspectos sociais, Lara (2013) verificou que o gênero feminino, falantes com mais de 47 anos, com nível fundamental e médio de escolaridade e bilíngues ativos condicionam a aplicação da regra.

Neste estudo, questiona-se se tais condicionamentos valem também para as outras plosivas, ou seja, se esses condicionamentos têm efeito também sobre as plosivas alveolar e velar, e se as atitudes dos falantes em relação a variantes resultantes do contato do Pt com o Hr, com base na variável em estudo, têm efeito sobre o padrão de variação na comunidade em questão. São questões-problema desta tese:

- Quais os condicionadores linguísticos e sociais do desvozeamento variável das plosivas, em especial, da alveolar e velar, no Pt de contato com o Hr?
- Quais as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao Pt de contato com o Hr? Em que medida essas atitudes relacionam-se ao padrão de desvozeamento variável?

O objetivo geral da pesquisa é investigar o desvozeamento variável das plosivas bilabial, alveolar e velar, da fala, em Pt, dos habitantes de Glória, na zona rural do município de Estrela (RS) de modo a contribuir para a descrição de variedades de Pt em contato com línguas minoritárias como o Hr.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Verificar os condicionadores linguísticos e sociais do desvozeamento variável das plosivas na fala, em Pt, dos habitantes de Linha Glória, a partir da análise de regra variável;
- Mensurar as atitudes linguísticas dos informantes em relação ao contato Pt-Hr, na investigação de como estas atitudes se relacionam ao padrão de desvozeamento variável.

Em Lara (2013), o estudo qualitativo, de rede social e de comunidades de prática revelou que as práticas bilíngues nos grupos investigados (escola, coral, bolão, ginástica, teatro, grupo de 3ª idade, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja) são realizadas pelos informantes mais velhos. Os mais jovens praticam predominantemente o monolinguismo em português. Conclui-se, assim, que “tanto o falar dialetal alemão quanto as marcas de seu contato com o PB são hoje despreferidos em Glória” (LARA, 2013, p. 83). O estudo das atitudes linguísticas dos falantes evidenciará que identidades são construídas e que normas são valorizadas na fala em Pt em contato com o Hr.

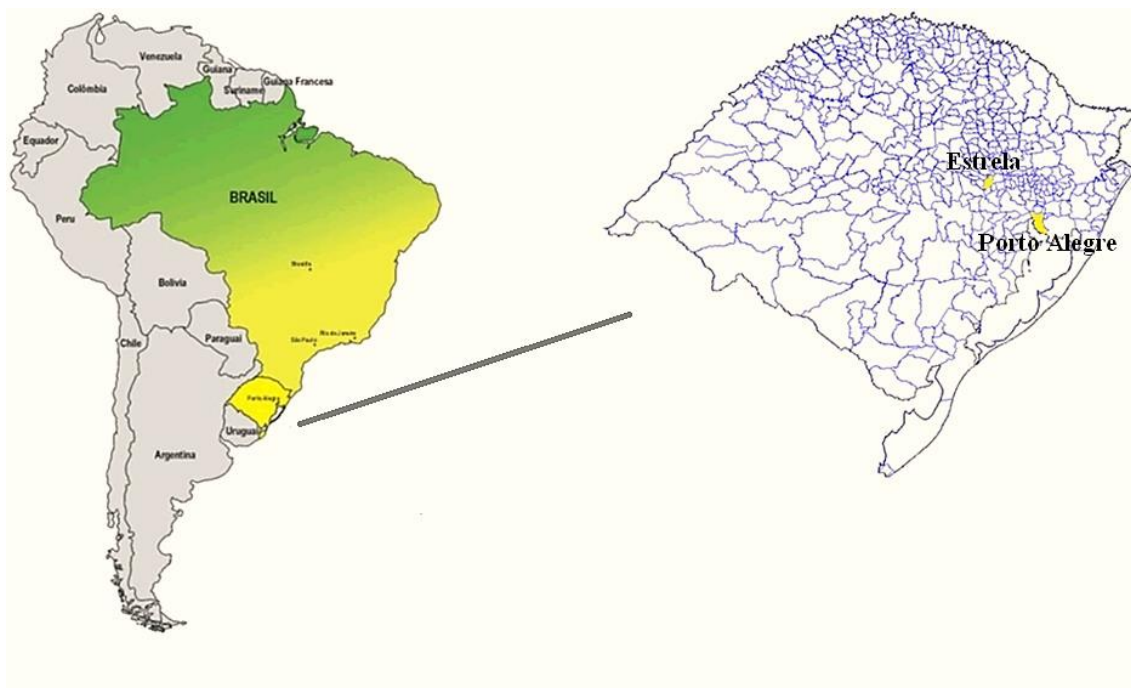
O Hr é uma língua de imigração de matriz francônio-renana e francônio-moselana à qual se agregam elementos, inclusive do alemão *standard*. É o que se entende por complexo variacional. O Hr de Glória é um complexo variacional específico, pois tanto a denominação quanto a variedade falada não são próprias da dialetologia alemã, mas do Rio Grande do Sul e de outras regiões do Brasil, como Santa Catarina, Paraná e região amazônica. Segundo Altenhofen (1996, p. 27), o Hr é

uma variedade supra regional do alemão falado no sul do Brasil, que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio (brasileiro), uma forte influência do português e de outras variedades em contato.

Estrela, localizada no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, recebeu a partir de 1855 os primeiros imigrantes alemães. A Linha Glória, localizada na zona rural de Estrela, é um de seus povoamentos mais antigos.

A Figura 1 traz o mapa do Brasil, contextualizado na América do Sul, e o mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Estrela em relação à capital, Porto Alegre.

**Figura 1 – Mapa do Brasil e do Rio Grande do Sul com a localização de Estrela**



FONTE: Da autora, adaptado de figuras disponíveis no site da prefeitura de Estrela/RS<sup>3</sup>.

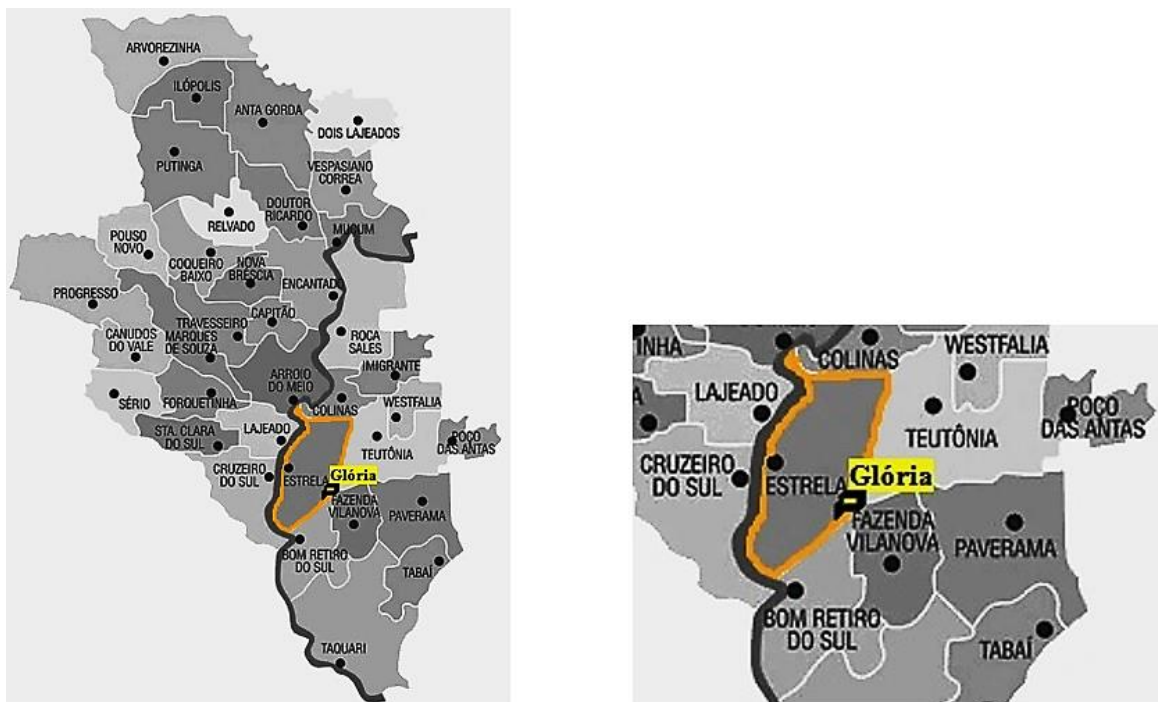
No “Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata” (ALMA-H), Estrela integra a rede de pontos de pesquisa como ponto RS09 (ver Mapa 3, Anexo A).

O Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, compreende Estrela que, por sua vez, compreende a localidade de Glória, na zona rural, distante cerca de 14 km da sede. A Figura 2 mostra a localização de Estrela no Vale do Taquari, com destaque para Estrela e a localidade de Glória.

Glória é uma localidade que faz divisa com as cidades de Teutônia, Fazenda Vilanova e Bom Retiro do Sul. A BR 386 divide a localidade de Glória com a cidade de Bom Retiro do Sul. Ao atravessar a estrada principal de acesso a Glória, pode-se ir para Fazenda Vilanova e ao dirigir-se para o norte, para Teutônia.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.cicvaledotaquari.com.br/portal/index.php/cic-vt/o-vale-do-taquari/>> e <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Rio\\_Grande\\_do\\_Sul\\_Municipalities.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Rio_Grande_do_Sul_Municipalities.png)> Acesso em: 15 mar. 2016.

**Figura 2 – Mapa do Vale do Taquari com a localização de Estrela e de Glória**



FONTE: Da autora, adaptado de figuras disponíveis no site da prefeitura de Estrela/RS.

Na fala em Pt, os imigrantes alemães permaneceram, por muitos anos, com traços linguísticos da variedade dialetal do Hr. Muitos dos traços linguísticos foram superados e vêm, atualmente, desaparecendo do Pt. Porém, percebe-se, ainda, a presença de alguns resquícios desse contato em Glória. Um deles, abordado neste estudo, é a realização variável das plosivas bilabial, alveolar e velar desvozeadas em lugar das vozeadas. As marcas de interferência vão sendo superadas de uma geração a outra. Algumas resistem mais, outras persistem apenas na geração mais velha, em virtude de proficiência menor em Pt, outras desaparecem.

No Rio Grande do Sul, embora haja o contato entre o Pt e o Hr e se utilize essa variedade alemã como forma de comunicação na família, na comunidade e, inclusive, no comércio, os bilíngues podem ser estigmatizados socialmente por (re)produzirem no Pt marcas linguísticas do adstrato alemão. Programas humorísticos e livros, como o dos personagens Willmutt e Jacó Rudi Plitzlamp – Truff Catuch e Aldo de Teutônia<sup>4</sup>

<sup>4</sup> O humorista Cleiton Geovani Kurtz, conhecido pelo personagem Willmutt, era de Marechal Cândido Rondon/PR. Disponível em <<http://www.willmutt.com.br/sobre.php>>; Truff Catuch é de Novo Hamburgo/RS. Disponível em: <<http://jacorudiplitzlamp.tumblr.com/>>. Acesso em: 16 dez. 2013 e Aldo é integrante do programa humorístico Pretinho Básico transmitido pela Rede Atlântida no RS, SC e PR. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Abj82\\_hhFQo](https://www.youtube.com/watch?v=Abj82_hhFQo)>. Acesso em: 24 out. 2016.

ênfatizam a fala estereotipada dos imigrantes alemães. O mesmo ocorre com os ítalo-gaúchos. Segundo Ponso (2003, p. 40-41),

existe um estereótipo vigente sobretudo entre luso-brasileiros e na mídia, caracterizando a fala dos ítalo-gaúchos com traços de um sotaque muitas vezes artificialmente recriado para fins diversos, por exemplo o humor (como no caso do personagem Radicci, do cartunista Iotti e das histórias em vêneto do ilustre e desengonçado Nanetto Pipetta [...]). De fato, superficialmente, há uma tendência no senso comum para a generalização: quer dizer, a variedade do português resultante do contato com o adstrato italiano é caracterizada através de um sotaque bem marcado atribuído homogeneamente à região como um todo (principalmente no que se refere aos traços fonéticos).

O desvozeamento variável das plosivas /b d g/ na fala Pt-Hr foi apontado por Altenhofen e Margotti (2011) como um dos traços fonético-fonológicos característicos do português de contato com o adstrato alemão. Este traço é um dos mais estigmatizados socialmente e mais perceptível por membros de comunidades que não são bilíngues português-alemão. Utilizado para fins humorísticos, contribui para estereotipar os imigrantes alemães. Segundo Gewehr-Borella e Altenhofen (2012, p. 2), “configura uma marca social bastante estigmatizada, com conotações negativas relacionadas aos falantes de línguas de imigração alemã, vista como ‘fala de colono’”.

Nos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil, um número reduzido tem explorado atitudes linguísticas. O de Santos (1973) abordou atitudes linguísticas de adolescentes a fim de verificar sua capacidade de perceber o valor social de variantes. Almeida (1979) estudou as atitudes linguísticas de falantes brasileiros em Belo Horizonte para comparar as atitudes linguísticas da comunidade de Belo Horizonte com as atitudes de dialetos de outras regiões do Brasil. Alves (1979) pesquisou as tendências de pernambucanos e baianos, em São Paulo, para saber como se comportam em relação às variedades linguísticas nativas e paulistas. Santos (1980) averiguou a relação da transmissão aos educandos de crenças e atitudes no contexto escolar. Cardoso (2015 [1989]) desenvolveu a tese intitulada “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros,”<sup>5</sup> um dos primeiros trabalhos a tratar da avaliação social da língua através da mensuração das atitudes linguísticas (*self report test, family background test e matched guise test*).

---

<sup>5</sup> Tese de Doutorado orientada pelo Prof. Dr. Jürgen Heye e defendida junto ao Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 14 de julho de 1989. A tese originou o livro que está disponível em: <<http://openaccess.blucher.com.br/article-list/atitudes-linguisticas-281/list#articles>>. Acesso em: 12 dez. 2015.



Das pesquisas bibliográficas realizadas e dos trabalhos mencionados, tem-se poucos registros de estudos de atitude linguística, sob o enfoque teórico sociolinguístico, no falar regional de comunidades do Rio Grande do Sul. Nesse panorama, justifica-se o presente estudo sobre o Pt em contato com o Hr. Os desafios ainda continuam e incentivam pesquisas como a desta tese, que pretende descrever o fenômeno do desvozeamento das plosivas do Pt-Hr buscando esclarecer as variáveis linguísticas e sociais condicionadoras e atitudes linguísticas para com as formas alternantes (vozeadas e desvozeadas) e para com o Pt e o Hr.

Cada região do Brasil apresenta suas peculiaridades, do ponto de vista geográfico, econômico, social, bem como o falar característico tido como marca de uma identidade regional. As variações na fala de cada região são avaliadas pelos sujeitos e levadas em conta na valoração de usos linguísticos. As variações dialetais produzem efeitos avaliativos diferentes. Para descrever o aspecto variável em questão, resultante do contato Pt-Hr, precisa-se investigar as atitudes linguísticas locais e os julgamentos linguísticos dos sujeitos da pesquisa, que podem impactar o processo de difusão ou redução das formas variáveis em questão e até mesmo a vitalidade da língua minoritária, o Hr.

Em termos linguísticos, o estudo justifica-se porque, de acordo com Mohanan e Mohanan (2003), a emergência de novos padrões linguísticos particulares nas línguas em contato, motivados pela tensão entre o substrato e o superestrato, resulta em novas propriedades linguísticas no sistema resultante, que eles denominam *offspring*. É necessário investigar que propriedades são essas, o que se propõe a fazer em relação ao desvozeamento variável no Pt em contato com o Hr.

Outra justificativa para o estudo de variação e atitudes linguísticas dos falantes em relação ao Pt de contato com o Hr está no lento declínio das práticas bilíngues e desaparecimento das marcas de contato que se percebem em comunidades como Glória. Com a chegada dos imigrantes alemães, a dinâmica das comunidades e da região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, modificou-se, pois foram introduzidas novas práticas sociais às que já existiam de outras colonizações, como a lusa e a afro-brasileira. Essas práticas dos imigrantes passaram de geração a geração. No entanto, as práticas linguísticas monolíngues em português foram se incrementando na rotina das colônias alemãs. Na pesquisa de Lara (2013), observa-se que marcas do contato do Pt com o Hr, como o desvozeamento das plosivas, tendem a desaparecer, pois estão relacionadas ao grau de proficiência do Pt, que é maior entre os jovens. A mensuração

das atitudes linguísticas em relação ao Pt-Hr possibilitará compreender o comportamento linguístico dos falantes e sua relação com os padrões variáveis locais.

Esta tese está organizada em 6 capítulos. O primeiro deles é esta introdução, em que se apresenta o objeto de estudo, os objetivos geral e específicos, as questões-problema, a justificativa desta tese e o contexto sócio-histórico geográfico em que se localizam Estrela e Glória, no Rio Grande do Sul.

No capítulo 2, apresenta-se a fundamentação teórica da pesquisa, com a conceituação de variação e mudança linguística, contato de línguas, caracterização acústica do desvozeamento, com o controle do *Voice Onset Time* (VOT), *offspring* ou sistema emergente, atitudes linguísticas na sociolinguística, bem como identidade e norma. Além disso, descrevem-se os desafios metodológicos no estudo de atitudes linguísticas, as abordagens diretas e indiretas, *Matched Guise Technique* (MGT) e a formulação do questionário cujas respostas receberam análise estatística.

Os procedimentos metodológicos são apresentados no capítulo 3, tanto para a análise de regra variável quanto para o estudo de atitudes linguísticas. Esclarecem-se as etapas seguidas, o que inclui os tratamentos estatísticos previstos em cada análise.

Os resultados da análise de regra variável são apresentados e discutidos no capítulo 4. O capítulo 5 compreende os resultados do estudo de atitudes. Discutem-se os aspectos que se aproximaram e que se diferenciaram nas análises.

Ao final, nas conclusões do estudo, retomam-se, resumidamente, os caminhos percorridos na investigação, os resultados alcançados e as reflexões sobre explicações para as peculiaridades do falar de Glória e do Pt de contato.

## 2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Neste capítulo, abordam-se noções fundamentais ao estudo da variação e de atitudes linguísticas: variação e mudança, o contato de línguas, a transferência linguística, atitudes linguísticas e os desafios de seu estudo. Faz-se também a caracterização acústica do desvozeamento das plosivas.

### 2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Tarallo (1997, p. 8) aponta as variantes como diferentes formas de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto. Por exemplo, *bloco~ploco; dela~tela; galo~calo; tia~[tʃ]ia; dia~[dʒ]ia*, nesta tese. Variação linguística diz respeito à alternância entre essas formas.

Segundo Camacho (2006, p. 50), a variação linguística “não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação”. Labov (2008 [1972]) chamou a variação linguística de heterogeneidade ordenada nos primeiros trabalhos realizados na sociolinguística variacionista, “The social motivation of a sound change” e “The social stratification of English in New York city”<sup>6</sup> (LABOV, 2008 [1963] e [1966]).

Conforme Labov (2008 [1972], p. 124), “a gramática de uma comunidade de fala é mais regular e sistemática do que o comportamento de um único indivíduo”. No que tange ao estudo da variação linguística, isso significa que interessa ao pesquisador o padrão de fala de um grupo de falantes, não o falar individual ou idioleto, já que um dado fator favorecedor será favorecedor em qualquer falante típico da comunidade de fala estudada. Os autores Cedergren e Sankoff (1974, p. 335) mostram elementos fonológicos e morfológicos cujas manifestações, heterogêneas no nível da comunidade, podem ser explicadas “por uma única regra, que descreve o intervalo de variação presente na comunidade e com precisão prediz o comportamento de cada indivíduo”.

---

<sup>6</sup> Traduzem-se os títulos dos estudos de Labov para: “A motivação social da mudança sonora” e “A estratificação social do Inglês na cidade de Nova Iorque”, respectivamente.

No estudo da variação linguística, controlam-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ter efeito na aplicação de regra variável. Os fatores condicionantes são vistos como um conjunto de condições possíveis, fatores que apontam e determinam a mudança. O termo fatores condicionantes ou condicionadores pode significar fatores que atuam de forma a restringir ou pressionar o aparecimento de algumas formas que levam à mudança.

A sociolinguística formaliza a heterogeneidade por meio das regras variáveis. A fala obedece a um padrão sistemático expresso pelas regras variáveis que abrange os elementos condicionadores tanto linguísticos quanto extralinguísticos.

A variável *dependente* é a realização de uma ou outra variante pela aplicação de uma regra variável. Utiliza-se o termo *dependente* para caracterizar o condicionamento de uma ou outra variante, na fala, pelos fatores linguísticos e extralinguísticos. As variáveis *independentes* são os grupos de fatores controlados.

As variáveis *independentes* podem mostrar-se *favorecedoras* ou *desfavorecedoras* da realização da variável *dependente* do estudo. É o que a análise estatística pelo pacote de programas computacionais VARBRUL revela. Desenvolvido para estudos sociolinguísticos, o VARBRUL versão GoldVarb X será usado nesta pesquisa (ver capítulo 3, Metodologia).

A busca pelos fatores condicionadores é um dos aspectos que os estudos de variação e mudança linguística, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), podem contemplar. Os problemas com que a pesquisa tem que lidar são:

- a) os fatores condicionantes;
- b) a transição;
- c) o encaixamento;
- d) a avaliação;
- e) a implementação.

A transição, relacionada com a estrutura linguística variável e com fatores da estrutura social, refere-se à difusão de uma determinada variante na comunidade de fala. Há um momento em que as formas coexistem e, após um tempo, uma das formas cai em desuso.

O encaixamento na estrutura linguística refere-se às relações do fenômeno em questão com outros aspectos do sistema linguístico. A alternância pode ser uma de

várias reações em cadeia, pode derivar de outras modificações estruturais, em que uma mudança puxa outra, conforme Faraco (1998).

O problema da avaliação relaciona-se ao julgamento subjetivo das formas variáveis. Analisa-se a reação dos falantes diante do uso de uma variável, de modo que se defina a tendência de mudança que essa avaliação social favorece. É nesse sentido que esta tese, com o estudo de variação e atitudes linguísticas, é empreendida.

O estudo do processo de implementação da mudança em uma comunidade de fala considera informações sobre transição e avaliação, encaixamento da variável na estrutura linguística, para esclarecer o percurso da mudança e a razão pela qual a mudança acontece em um tempo e lugar. A pesquisa sobre o desvozeamento variável das plosivas no Pt em contato com o Hr vai também nessa direção.

### **2.1.1 Comunidade de fala e de prática**

A análise de regra variável revela o comportamento linguístico e social de uma comunidade de fala.

Para conceituar comunidade nesta tese, parte-se de duas concepções que abordam diferentemente a forma como as pessoas estão agrupadas socialmente: o conceito de comunidade de fala será abordado com base em Labov (2008 [1972]) e Guy (2000), e o de comunidade de prática, com base em Eckert (2000).

A comunidade de fala não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente da mesma forma, mas que, ao falarem, compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros. Para Labov (2008 [1972]), os membros de uma comunidade de fala, ao compartilharem normas de uso, configuram padrões, realizam variação de forma estratificada na fala.

Guy (2000) defende três características definidoras de comunidade de fala. A primeira delas refere-se às características linguísticas compartilhadas e usadas na comunidade, mas não fora dela (palavras, sons ou construções gramaticais); a segunda é a densidade de comunicação interna relativamente alta (entre os indivíduos da comunidade) e, por último, as normas compartilhadas (atitudes em comum sobre o uso da língua, a direção da variação estilística e avaliações sociais a respeito das variáveis linguísticas).

A Linha Glória, pertencente à zona rural de Estrela (RS), é tomada nesta tese como comunidade de fala. Além de apresentar um falar em Pt que lhe parece típico (características linguísticas compartilhadas), atribuíveis ao contato com o Hr, nela os habitantes se conhecem mutuamente (comunicação interna possivelmente alta), dada sua extensão territorial e população relativamente pequena.

Glória é um dos povoamentos mais antigos do município de Estrela. O município, pertencente ao Vale do Taquari, localiza-se na região Sul do Brasil. A partir de 1855 recebeu os primeiros imigrantes alemães que se estabeleceram nas picadas, localidades abertas na mata pelos colonos, recebidas do governo brasileiro para morar e trabalhar, segundo Hessel (1983).

Glória caracteriza-se pelas atividades econômicas do setor primário. A produção de leite, suíno, frango, milho, soja e mandioca é desenvolvida em Glória. As famílias, pequenos núcleos, realizam tais atividades. Porém, muitos informantes da pesquisa, principalmente da geração mais nova, voltam-se para as atividades urbanas, em indústrias e no comércio.

Em Estrela, há alguns eventos de lazer caracterizados como de imigrantes alemães, por exemplo, o Festival do Chucrute, Parkchoppfest, Maifest e Brotfest que ocorrem durante o ano. Há, também, o Baile de Kerb que ocorre no mês de maio, comemoração da fundação da Igreja da localidade. É uma designação regional dos estados alemães do Hessen e da Renânia Palatinado para o vocábulo *Kirchweih* (inauguração da Igreja). Em Glória, o Baile de Kerb também ocorre no mês de maio. São vários dias de festividades entre as famílias e no salão comunitário.

Nesta tese, Glória é tomada como comunidade de fala na análise de regra variável porque se busca apreender o padrão de variação local para o desvozeamento das plosivas. Já a busca pelo valor social das formas alternantes no Pt (vozeada e desvozeada), que também é contemplada na tese, leva a um outro nível de análise, qualitativo, em que a comunidade de interesse passa a ser a comunidade de prática.

Segundo Eckert (2000), uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um empreendimento comum. Os membros de uma comunidade de prática devem ter um engajamento a ela como a uma corporação, em que agem de modo a alcançar objetivos comuns. Os indivíduos que participam de forma central em um grupo influenciam as práticas sociais, inclusive as linguísticas. Na comunidade de prática, a identidade individual emerge da articulação do indivíduo com

os demais membros. Na interação entre os membros, as formas linguísticas adquirem valor simbólico.

A pesquisa nas comunidades de prática requer do pesquisador ter certa familiaridade com a comunidade estudada para conviver com o grupo, na pesquisa de campo. O pesquisador deve dar atenção à visão e ao comportamento que os próprios membros da comunidade têm sobre aspectos da estrutura social da comunidade, sobre o lugar deles nessa estrutura e sobre o lugar da comunidade no mundo como um todo.

Na pesquisa de Lara (2013), foram investigadas as atividades, em Glória, realizadas pelos informantes e compreendidas como comunidades de prática: escola, coral, bolão, ginástica, teatro, grupo de 3ª idade, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja. A autora acompanhou essas atividades para obter dados referentes à percepção dos informantes sobre si próprios, se elementos centrais e marginais das comunidades de prática. Estas informações foram relevantes para compreender a conexão entre os informantes no estudo de redes sociais pessoais. Conforme Lara (2013, p. 58):

sobressaem-se na comunidade três subcategorias de atividades (ocupações): local (trabalham na comunidade em atividades agrícolas e em casa), (...) não-locais (deslocam-se para outros lugares a fim de desenvolverem atividades profissionais), (...) e aposentados (os que se aposentaram na agricultura e os que se aposentaram por outras profissões).

O estudo referido busca dar conta da crítica feita por Eckert (2000) ao conceito de comunidade de fala como unidade em que se busca a homogeneidade na heterogeneidade. A consideração a comunidades menores e às práticas que nelas os sujeitos realizam, em especial as linguísticas, pode contribuir para a compreensão da emergência, manutenção e até regressão de processos variáveis, pelo valor que as formas adquirem nas práticas, nos usos linguísticos.

## 2.2 O CONTATO DE LÍNGUAS

Esta tese trata do contato do Pt com o Hr. Os conceitos de contato de línguas, português de contato e bilinguismo, pertinentes ao estudo, são abordados nesta seção.

Contato de línguas é o contato de falantes de diferentes línguas (TRASK, 1996, p.308). Refere-se a “uma situação em que línguas ou dialetos estão em continuidade

geográfica ou proximidade social (e assim influenciam-se mutuamente).” (CRYSTAL, 2000, p.64). Essa situação pode se verificar na vizinhança territorial de duas comunidades monolíngues com algum nível de interação social, como em municípios de fronteira seca entre Brasil, onde se fala português, e Uruguai ou Argentina, onde se fala espanhol; ou na circunstância de bilinguismo e multilinguismo. Do contato podem resultar palavras de empréstimo, alterações fonológicas ou gramaticais.

Para Altenhofen (2008, p. 130), “o que, enfim, entra em contato são antes de tudo modos de falar individuais (idioletos) identificados com variedades linguísticas”. Portanto, o que entra em contato são sempre variedades de uma língua ou, como afirma Thun (2010b), “complexos variacionais”, pois o repertório de cada falante dificilmente é monolíngue e, muito menos, monovarietal. O repertório linguístico de um indivíduo é composto de variedades e variantes que o falante ordena/indexa em um contínuo e das quais se serve conforme uma série de fatores, entre os quais a situação, o interlocutor e o tópico da conversa. Assim, tem-se “variedades (do português) em contato”, com marcas próprias. Altenhofen (2014, p. 75-76) identifica a seguinte tipologia de contatos linguísticos no Brasil, revisada a partir de Altenhofen (2008, p. 137; 2013, p. 38):

- 1) *português e línguas indígenas (autóctones);*
- 2) *português e línguas afro-brasileiras;*
- 3) *português e línguas de imigração (alóctones);*
- 4) *português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com guarani e espanhol, no Paraguai, e espanhol no Uruguai);*
- 5) *português e línguas co-oficiais em contato (p.ex. Tukano, Nheengatu e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro; ou ainda talian, em Serafina Corrêa-RS; pomerano, em Santa Maria de Jetibá-ES e Pancas-ES, além de Canguçu-RS; Hunsrückisch, em Antônio Carlos-SC);*
- 6) *contatos linguísticos de fronteira (com os países vizinhos);*
- 7) *contatos intervaretais do português (entre falantes de variedades regionais do português);*
- 8) *contatos transnacionais do português “aquém- e além-mar” (Portugal e demais países lusófonos, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, além do próprio Brasil).*

O autor apresenta a noção de português de contato “como um produto derivado do bilinguismo ou plurilinguismo societal que caracteriza a situação linguística local” (ALTENHOFEN, 2014, p. 76). Ou seja, o resultado do contato é uma língua/variedade com marcas próprias, neste caso um português de contato. Nesta tese, assim considera-se o Pt, português falado em Glória, de contato com o Hr.

Altenhofen (2002, p. 121-122), sobre o português do Sul do Brasil (um português de contato), afirma que:



Ao delimitar áreas linguísticas, está-se delimitando, hipoteticamente, também fatores extralinguísticos determinantes dessas áreas, em virtude da probabilidade de correlação existente entre “a variedade do português em estudo” e “os traços extralinguísticos do meio geográfico”, tais como origem e constituição étnica da população, atividades econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e hidrografia, entre outros. Na região sul do Brasil, tem-se uma pluralidade social, cultural e geofísica rara que lhe confere um *status* particular no estudo do português brasileiro.

O autor destaca “a existência de áreas bilíngues significativas [no Rio Grande do Sul], originadas do assentamento, nas (antigas) zonas de floresta, de imigrantes não-lusos a partir do séc. XIX” (ALTENHOFEN, 2002, p. 121-122). Ao considerar os aspectos elencados pelo autor, mas em relação ao português falado em Glória, entende-se que ao Pt se possa conferir um *status* particular. Por essa razão, utiliza-se na tese a denominação ‘português brasileiro local’ (Pt) para referir o português brasileiro falado em Glória.

O Pt em contato com o Hr é falado por sujeitos com diferentes graus de bilinguismo. Entre diversas definições encontradas na literatura, para Weinreich (1970), bilinguismo é o uso alternante de duas línguas e o indivíduo bilíngue é aquele envolvido na prática de alternar as duas línguas, o que promove o contato de línguas.

Para Mackey (2005), o bilinguismo refere-se apenas ao indivíduo, não a um grupo. Já segundo Appel e Muysken (1997), bilinguismo pode ser entendido de forma individual ou societal, abrangendo um indivíduo ou toda uma comunidade. A presente tese vai na linha de Appel e Muysken (1997), mas concebe bilinguismo como um conceito relativo, dependente da proficiência em diferentes habilidades – falar, compreender, ler, escrever. Ter apenas habilidades de comunicação oral pode caracterizar bilinguismo, como é o caso de muitos sujeitos em comunidades como a de Glória, no que se refere ao Hr. O importante não é, portanto, definir se o sujeito é ou não bilíngue, mas o quão bilíngue ele é, já que a maior ou menor proficiência em Pt ou em Hr pode originar ‘interinfluências’ linguísticas.

Na pesquisa de Lara (2013, p. 37), os informantes foram agrupados em três subcategorias. “As subcategorias abrangem os informantes ativos, que falam e entendem dialeto alemão; passivos, entendem, mas não falam o dialeto; e informantes zero bilinguismo, aqueles que não falam e nem entendem dialeto.” Como Lara (2013), esta tese compreende que bilinguismo não é falar com proficiência total na expressão

oral e na compreensão oral, mas compreender ao menos alguns itens lexicais. São graus de bilinguismo que se pode conferir ao informante. Por exemplo, se ao menos o informante desenvolve um diálogo com seus avós e os compreende oralmente, ele é considerado bilíngue nesta tese. Ressalta-se que essa situação não ocorre exclusivamente com os avós. Em um momento da observação participante que Lara (2013) realizou, acompanhando as práticas do canto coral, presenciou quando os membros do coral (jovens, de idade intermediária e mais velhos) chegavam e cumprimentavam-se, ora em Pt, ora em Hr. Mesmo aqueles informantes que não tinham proficiência total respondiam ao cumprimento (os mais velhos, em alemão, os mais jovens, em português) porque entendiam que estavam sendo cumprimentados em Hr.

As interações intergeracionais pela fala ora em português brasileiro, ora em Hr, promovem o contato linguístico e alterações num e noutro sistema. A esse respeito, Ponso (2003, p. 106), que investigou o contato português-italiano no município de São Marcos, Rio Grande do Sul, observou que “se por um lado parece não haver uma manutenção da língua de imigrantes, os traços do dialeto italiano, ou seja, as interferências fonéticas que se mantêm na sua fala apontam para um reforço da identidade de sua origem”.

Weinreich emprega o termo ‘interferência’ para referir as alterações numa língua causadas pelo contato. Segundo o autor, a interferência resulta do fato de o bilíngue identificar um fonema do sistema secundário com um do sistema primário e, ao reproduzir isto, o sujeita às regras fonéticas do primeiro sistema (WEINREICH, 1970, p. 14). Neste trabalho, opta-se por usar o termo ‘interinfluência’,<sup>7</sup> no pressuposto de que os resultados do contato não são negativos, como o termo interferência poderia levar a crer. Além disso, a influência é potencialmente bidirecional (ambas as línguas podem ser afetadas), embora considere-se que tenha uma direção de sentido inicial ou majoritária (ODLIN, 1989).

A interinfluência está relacionada ao grau de proficiência dos sujeitos nas línguas envolvidas. Nesta tese, como se verá no capítulo 3 (Metodologia), uma escala de proficiência é usada para medir o grau de bilinguismo dos informantes, considerando-se as habilidades de falar, compreender, ler e escrever em Hr (os sujeitos são proficientes nessas habilidades em Pt).

---

<sup>7</sup> Condição de interinfluente, em que pode haver influência recíproca.

Diversas pesquisas, sob enfoques diferentes, abordam o contato do português com o Hr contemplando não apenas os usos em interação social, mas também a presença, na escrita em português, de traços do Hr.

No estudo do contato entre o português e o Hunsrückisch, de Altenhofen (1990), em Harmonia (RS), o autor analisa o papel e o significado da aprendizagem do português, como segunda língua, nas relações sociais de um grupo. O autor constatou que a interferência dos traços fonológicos desse contato resulta em erros ortográficos dos alunos que ‘trocam as letras’, entre elas, as plosivas (ALTENHOFEN, 1990, p. 229).

Essas ‘trocas’ são a denominação popular para empregos indevidos de letras, baseados em hipóteses fonéticas sobre a relação letra-som. Tais hipóteses, influenciadas pela pronúncia, precisam ser revistas pelo bilíngue português-Hunsrückisch nos primeiros anos de aprendizagem da escrita em português.

[...] o predomínio de decisões sobre como escrever as palavras tendo como base padrões de pronúncia (hipótese fonética) deve ser substituído pela consideração de regras linguísticas e pelos aspectos visuais das palavras (hipótese ortográfica), independentemente de como são faladas. Dito de outra forma, há necessidade de desenvolver referenciais ortográficos e visuais, para coordená-los com os referenciais auditivos, ou fonéticos, que tendem a dominar nas etapas iniciais da aprendizagem da escrita (ZORZI, 2003, p. 51).

Os estudos de Schneider (2007) e de Gewehr-Borella (2014), realizados sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, e em diferentes comunidades linguísticas do Rio Grande do Sul, incluem o desvozeamento das plosivas, oriundo do contato português-alemão, entre seus objetos de investigação.

Schneider (2007) pesquisa as práticas sociais de professores envolvendo as (des)sonorizações das oclusivas /p, b, t, d, k, g / e das fricativas /ʃ, ʒ/, em três comunidades bilíngues (português-alemão) do Rio Grande do Sul. A autora tem como objetivos averiguar a alternância de português-alemão em estilos de fala mais ou menos monitorados e a não diferenciação entre consoantes surdas e sonoras, sob o enfoque teórico da Sociolinguística e da Sociolinguística Interacional. A pesquisa desenvolveu-se em três escolas rurais, tendo 20 professores como informantes, lecionando em turmas do jardim à 4ª série.

Os resultados do questionário (SCHNEIDER, 2007, apêndice E, p. 277), aplicado aos professores para responder ao objetivo acima, indicaram que o uso alternado de português-alemão está ligado de forma muito forte às identidades de grupo

e de colono. A maioria dos professores classificou esse uso como ‘comum’ e ‘muito comum’<sup>8</sup> em suas interações com familiares e amigos, com os pais dos alunos. A autora constatou que o uso alternado está determinado pelo grau de domínio de ambas as variedades pelos interlocutores e pelo grau de exigência de um estilo de linguagem mais ou menos monitorado ou (in)formal entre os interlocutores (SCHNEIDER, 2007, p. 149). Assim, no contexto escolar a transferência de traços linguísticos é muito menos frequente do que em contexto familiar. Em relação à variação fonêmica, a autora destaca que os professores a consideram “interferência” ou transferência do Hunsrückisch para o português. Segundo Schneider (2007, p. 260), a escola deve oportunizar que os traços de fala dos alunos bilíngues sejam percebidos como manifestação legítima de sua identidade linguística e não apenas como “erros” que devem ser eliminados.

Sobre a variação e mudança das competências linguísticas no contato português-alemão no nível da comunidade, a autora observou uma gradual substituição, que começa com o monolinguismo em alemão, passa pelo bilinguismo alemão-português que, por sua vez, parece estar caminhando em direção ao monolinguismo em português (SCHNEIDER, 2007, p. 246). Ainda, segundo Schneider (2007), estes resultados poderiam indicar que a variedade do alemão falada irá desaparecer nas próximas décadas nas comunidades que investigou.

O estudo de Gewehr-Borella (2014) teve como objetivo principal a descrição da variação de sonorização e de desonorização das oclusivas /p, b, t, d, k, g/ na fala em português de falantes de hunsriqueano<sup>9</sup> a partir da perspectiva macroanalítica e pluridimensional, conforme Thun (1998). Os dados para a análise foram extraídos da leitura em voz alta de um trecho da Bíblia, a parábola do filho pródigo, portanto, uma situação de uso formal, por informantes de 16 pontos do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H). Os informantes da pesquisa são jovens (GI) e velhos (GII), divididos em dois estratos sociais: classe sociocultural alta (Ca) e baixa (Cb). Nas etapas de leitura da parábola, a autora verificou o número de aplicações dos processos de sonorização e de desonorização e os condicionamentos linguísticos que favoreceram as transferências do Hunsrückisch para o português.

---

<sup>8</sup> A escala de classificação quanto ao uso alternado de português-alemão utilizada pela autora no questionário é ‘muito comum’, ‘comum’ e ‘incomum’.

<sup>9</sup> Termo empregado pela autora como equivalente, em português, à denominação Hr.

A hipótese de que o padrão de vozeamento do hunsriqueano seria transferido para o português, de forma significativa, não foi confirmada porque o número de sonorizações e de desonorizações encontrado foi reduzido, sendo de 1,98%, índice muito aproximado ao verificado por Lara (2013). Quanto à hipótese do tipo de processo que se revelou na pesquisa, confirmou-se que a desonorização das oclusivas ocorre mais frequentemente que o vozeamento (84,14%), corroborando o estudo de Lara (2013). Especialmente, as oclusivas bilabiais e velares foram mais desonorizadas. Os condicionamentos linguísticos que confirmaram a hipótese de Gewehr-Borella (2014) foram a tonicidade da sílaba e a posição inicial da palavra. A sílaba tônica, seguida da pretônica e postônica, e a posição inicial da palavra contribuem para a aplicação da desonorização.

A variação e mudança no contato de línguas também foram investigadas por Gewehr-Borella. Foram encontrados padrões com e sem transferência nos dados da autora. Os padrões distintos do português ocorrem de forma sistematizada pela geração mais velha (GII) e da Cb. Este fato indica que a variável sonorização e desonorização das oclusivas encontra-se em um processo de mudança linguística. Em alguns anos, muito provavelmente, as transferências referentes às oclusivas não serão mais observadas na fala de falantes bilíngues hunsriqueano-português (GEWEHR-BORELLA, 2014, p. 153).

Uma das questões da presente tese também diz respeito à toda a série de plosivas do português, mas será respondida com uma abordagem metodológica diferente da empregada por Gewehr-Borella, sob a perspectiva teórica laboviana, detalhada no capítulo 3, associada ao estudo de atitudes linguísticas.

### 2.3 DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS

As plosivas são, em termos articulatórios, segundo Cristófaros-Silva (2003), segmentos produzidos com uma obstrução completa à passagem da corrente de ar pela boca. Podem ser vozeados ou desvozeados, o que resulta de as pregas vocais aproximarem-se ou não na laringe, obstruindo a passagem de ar dos pulmões em direção à faringe. No primeiro caso, a corrente de ar força a passagem por entre as pregas, que vibram, e os fones produzidos são vozeados; no segundo, a corrente de ar passa

livremente pelas pregas, que não vibram, e os fones produzidos são desvozeados. No sistema fonológico do português brasileiro (doravante PB), tem-se as plosivas bilabial, alveolar e velar, vozeadas (/b, d, g/) e desvozeadas (/p, t, k/).

O desvozeamento variável das plosivas vozeadas não costuma ocorrer no PB de monolíngues-português, senão quando os falantes estão em contato com línguas minoritárias de imigração, por exemplo, a alemã.

Cada língua é caracterizada por um grupo de fonemas, os quais são definidos pela função contrastiva que carregam com respeito aos outros, segundo Wiese (2006). Cristófar-Silva (2003) observa que as plosivas são uniformes em todos os dialetos do PB, com exceção de /t, d/ que podem ocorrer com articulação alveolar ou dental e ser palatalizadas. No alemão padrão (AP), há seis fonemas plosivos, como no PB. O que diferencia o sistema do AP do sistema do PB é, na realização fonética, o grau de desvozeamento de acordo com a posição da plosiva na sílaba: em posição inicial da sílaba, as plosivas comportam-se da mesma forma que em PB e no final da palavra desvozeiam, como em: [B]rot → [B]rot; Bun[d] → Bun[t].

Altenhofen (1996) afirma que no Hunsrückisch ocorre uma dessonorização sistemática da consoante em sílaba tônica e pretônica. Esse padrão de dessonorização é que se transfere para o Pt, sobretudo de falantes em que o Hr é língua dominante. Na transcrição fonética, esse traço é representado por um diacrítico junto aos símbolos fonéticos [b̥ d̥ g̥]. O desvozeamento pode ser transferido ao PB falado nas comunidades bilíngues. O controle fonético acústico do *Voice Onset Time* (VOT) confirma essa realização.

### **2.3.1 Controle do *Voice Onset Time* (VOT)**

O VOT é a duração do intervalo de tempo entre a soltura da plosiva e o início da vibração das pregas vocais (BANDEIRA e ZIMMER, 2011). É medido em milissegundos (ms). O VOT é um atributo fonético considerado especialmente na distinção de plosivas vozeadas e desvozeadas, em contextos linguísticos (posição na palavra, por exemplo) em que tal distinção é complexa. O estudo de Lara e Battisti (2014) analisou os dados de uma informante de Lara (2013) para a obtenção da média

dos valores de VOT de plosivas do PB em contato com Hunsrückisch, a fim de confirmar o desvozeamento variável percebido de oitiva nos dados de Lara (2013).

As diferenças na duração do intervalo de tempo entre a soltura da plosiva e o início da vibração das cordas vocais é um padrão gradiente, referente a certos ambientes linguísticos.

A gradiência mensurada pela medida de VOT é classificada em três tipos principais (REIS e NOBRE-OLIVEIRA (2007), baseando-se em LISKER e ABRAMSON (1964)). O primeiro deles é o VOT negativo: varia de -125 ms a -75 ms, a vibração das pregas vocais (vozeamento) precede a soltura da consoante plosiva, caracterizando as plosivas vozeadas. Nas plosivas parcialmente vozeadas, o vozeamento começa durante o fechamento da consoante. O segundo tipo é o VOT zero: varia de 0 ms a +35 ms, caracterizando as plosivas desvozeadas. O início do vozeamento é simultâneo, ou quase simultâneo, à soltura da consoante plosiva. O último é o VOT positivo: varia de +35 ms a +100 ms, caracterizando as plosivas aspiradas. O vozeamento começa após a soltura da consoante plosiva.

As medidas de VOT podem variar de uma língua para outra por alguns motivos, dentre eles, o segmento seguinte à plosiva, aspectos aerodinâmicos e diferenças na massa dos articuladores. Hardcastle (1973, *apud* CHO e LADEFOGED, 1999) observa que o VOT está ligado ao movimento dos articuladores, pois quanto mais rápido o movimento articulatorio, menor o VOT.

No caso do inglês, observa-se essa gradiência nas plosivas /b, d, g/ que se distinguem de /p, t, k/ no meio de palavra pela sua realização vozeada, e em início de palavra, se diferenciam de /b, d, g/ por realizarem-se com vozeamento parcial e até desvozeamento variável.

Lara e Battisti (2014) estudaram qualitativamente o VOT de plosivas desvozeadas no Pt em contato com o Hunsrückisch, em Glória, zona rural do município de Estrela (RS). O estudo pretendeu obter a média dos valores de VOT de plosivas do Pt de contato a fim de confirmar o desvozeamento variável percebido de oitiva nos dados de Lara (2013). Buscou responder as seguintes questões: (a) as realizações desvozeadas de plosivas no Pt captadas de oitiva por Lara (2013) são, de fato, realizadas sem vozeamento? (b) o padrão de desvozeamento nas realizações variáveis resulta da transferência do padrão da língua minoritária (Hunsrückisch) para a língua majoritária (PB)?

As autoras realizaram a análise acústica de plosivas com o programa computacional PRAAT<sup>10</sup> (BOERSMA e WEENINK, 2013). Lara e Battisti (2014) concluíram (i) que o desvozeamento captado de oitiva confirmou-se na análise e (ii) o desvozeamento das plosivas mostrou que os valores de VOT não se encontram de acordo com o padrão de desvozeamento do Hunsrückisch; os valores de VOT aproximam-se aos verificados em outros estudos do português; no entanto, observou-se que parecem ser específicos ao Pt.

Os valores de VOT encontrados no estudo de Lara e Battisti (2014) não corroboram os de estudos anteriores (BANDEIRA, 2010; GEWEHR-BORELLA, 2010; WEIRICH e FERREIRA-GONÇALVES, 2012). Essas pesquisas versaram sobre o contato linguístico do português com línguas alemãs em localidades diferentes do estado do Rio Grande do Sul. Usaram dados de crianças em fase escolar para verificar a média geral de VOT.

Na pesquisa de Bandeira (2010), foi constatado que o contato português-pomerano leva os falantes multilíngues a transferirem os padrões de VOT de sua L1, pomerano, para a L2, português, e para a L3, Inglês.

Segundo Gewehr-Borella (2010), alguns alunos por ela pesquisados não apresentaram transferências. No entanto, outros apresentaram transferências de dois tipos: grafo-fônico-fonológicas (da fala para a escrita) e transferências fonético-fonológicas (percepção das diferenças acústico-articulatórias da L1 e L2<sup>11</sup>). A autora mediu os VOTs dos segmentos [p], [t], [k] e constatou que tendem a ser maiores nas crianças bilíngues, pelo motivo de transferirem a aspiração presente no Hunsrückisch ao português.

Weirich e Ferreira-Gonçalves (2012) verificaram acusticamente os valores de VOT de crianças monolíngues e bilíngues de uma escola pública de Agudo, no Rio Grande do Sul. No município, há um expressivo número de descendentes alemães hunsriqueanos. As autoras concluíram que há diferenças entre os grupos, pois as crianças bilíngues produzem médias mais altas de VOT e as crianças monolíngues produzem médias mais baixas.

Em Lara (2013) verificou-se que o processo linguístico de desvozeamento das plosivas é socialmente saliente, mesmo com a baixa aplicação de regra (1,6%). Este fator, juntamente com o fato de o desvozeamento das plosivas ser delicado para um

---

<sup>10</sup> Software disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em 16 nov. 2013.

<sup>11</sup> L1 e L2 correspondem, respectivamente, à língua materna e segunda língua.



exame de oitiva, promoveu a averiguação acústica dos dados no programa PRAAT (BOERSMA e WEENINK, 2013).

Em Lara e Battisti (2014, p. 49), a análise acústica realizada com dados de uma só informante confirmou o desvozeamento percebido de oitiva:

Na fala em Pt, os valores de VOT aproximam-se do padrão da língua majoritária (PB), não do padrão da minoritária (Hunsrückisch), mas ainda assim são diferentes do PB, o que sugere ser o sistema bilíngue um sistema com seu próprio estatuto e características, relacionadas à língua minoritária e majoritária, mas não determinadas por essas línguas.

Mohanan e Mohanan (2003) questionam as propriedades estruturais de línguas em contato em geral, se são partilhadas com seu substrato ou superestrato ou se são únicas às línguas em contato. O conflito entre o substrato e o superestrato pode resultar na emergência de padrões linguísticos particulares a eles relacionados, mas peculiares ao *offspring* ('descendente, rebento, prole', em inglês), o novo sistema resultante do contato. Na seção seguinte, aborda-se o padrão de desvozeamento nas realizações variáveis resultante da transferência do padrão da língua minoritária (Hunsrückisch) para a língua majoritária (PB).

### 2.3.2 *Offspring*

Mohanan e Mohanan (2003) investigaram o Inglês de Malayalam (NE), em Kerala.<sup>12</sup> O Malayalee (ME) é uma variedade de inglês transplantada do Inglês falado em Malayalam (MA) que apresenta um contraste entre consoantes alveolares e retroflexas inerentes ao inglês.

O estudo do sistema resultante do contato, denominado *offspring* (ME) pelos autores, é guiado por uma importante questão teórica: o que faz novos padrões emergirem em sistemas de segunda língua? Esta questão pode ser relevante para as teorias não só de sistemas de segunda língua, mas também de línguas de contato em geral (incluindo *pidgins* e crioulos), e pode, portanto, ser generalizada: como novos

---

<sup>12</sup> Kerala é um dos 28 estados da Índia, situado no extremo sudoeste do país. A sua capital e mais populosa cidade, Thiruvananthapuram, está localizada no extremo sul de seu território.

padrões emergem através do contato entre línguas do substrato<sup>13</sup> e superstrato? Neste contexto, Mohanan e Mohanan (2003) questionam: quais são as propriedades estruturais de um contato linguístico individual? Compartilhadas por um contato linguístico e seu substrato e/ou superestrato? Únicas para o contato linguístico em relação ao seu substrato e superestrato? Compartilhadas entre línguas em contato? Únicas para o contato linguístico em relação a outros contatos com línguas?

A análise dos autores revela que, ao contrário das expectativas alguns padrões em ME não são compartilhados com seu substrato, Malayalam (MA), nem tampouco com recursos do superestrato, Inglês de Malayalam (NE).

As questões teóricas abordadas pelos autores baseiam-se no programa de pesquisa associado à fonologia do *The Sound Pattern of English* (SPE) (CHOMSKY e HALLE, 1968), que tentou resolver duas questões importantes: Quais são as propriedades estruturais das línguas humanas? Como se pode desenvolver um quadro teórico e um modelo para expressar formalmente essas propriedades estruturais de modo a descartar propriedades logicamente possíveis, mas não atestadas?

A maioria das pesquisas posteriores na teoria fonológica, através de Fonologia Lexical (PESETSKY, 1979; MOHANAN, 1982, 1986; KIPARSKY, 1982, 1985; PULLEYBLANK, 1986 *apud* MOHANAN e MOHANAN, 2003), estavam preocupadas com estas questões. O capítulo 9 do SPE introduziu duas outras questões importantes: Quais são as propriedades estruturais encontradas repetidamente em línguas humanas? Como se pode desenvolver uma teoria que prediz corretamente as assimetrias normalmente e raramente encontradas nas propriedades estruturais?

Os programas de pesquisa associados à Fonologia Natural (STAMPE, 1972 *apud* MOHANAN e MOHANAN, 2003) e às teorias de subespecificação (KIPARSKY, 1982; ARCHANGELI, 1984, 1988; STERIADE, 1987, 1995 *apud* MOHANAN e MOHANAN, 2003) tentaram resolver essas questões sob a ótica da marcação. Com a Teoria da Otimidade (OT, do inglês *O(ptimality) T(heory)*) (PRINCE e SMOLENSKY, 2002 [1993]), levantaram mais duas questões: Quais são as propriedades estruturais que distinguem uma língua da outra? Como se pode desenvolver uma teoria que produz essas variações tipológicas de uma forma que excluiria propriedades logicamente possíveis, mas variações não atestadas?

---

<sup>13</sup> Um **adstrato** refere-se a uma língua que está em contato com outro idioma de uma população vizinha, sem por isso ter uma influência identificável maior ou menor. **Substrato** é uma língua que tem menor poder ou influência do que outra e **superestrato** é uma língua que tem maior presença ou influência.

A OT é uma teoria de processamento da gramática que expressa o conflito de requisitos de diferentes restrições estruturais no mapeamento *input-output* (forma subjacente-forma de superfície). Em resposta à última questão, a OT afirma que todas as propriedades estruturais que distinguem uma língua de outra podem ser deduzidas a partir da combinação de restrições universais, do seu *ranking* e das propriedades idiossincráticas de morfemas. *Rankings* alternativos correspondem a diferentes gramáticas. A pesquisa em OT, segundo Mohanan e Mohanan (2003), permite formular perguntas sobre a relação entre *offspring* e suas línguas-mães (substrato e superestrato) a partir de uma mesma perspectiva teórica.

O padrão alveolar-retroflexo emergente em ME, pesquisado pelos autores, apresenta diferenças peculiares na distribuição de cada um dos segmentos coronais. Estas diferenças, enquanto refletem alguns dos padrões do Malayalam, não são simples transferências do Inglês falado em Malayalam. Também não podem ser interpretadas como universais em sua manifestação real. A análise de Mohanan e Mohanan (2003) mostra a necessidade de reconhecer o papel das línguas-mães e da Gramática Universal (GU) como influenciadoras, mas não exclusivamente determinadoras das propriedades do *offspring*, permitindo, assim, a emergência de novos padrões linguísticos particulares.

A partir do estudo de Mohanan e Mohanan (2003), é possível levantar a hipótese de que o Pt seja um *offspring*, emergente do contato linguístico entre o Pt e o Hr (língua-mãe). As características emergentes no *offspring* podem não ser exatamente nem as da língua primária, nem as da língua secundária, como mostrou o controle acústico do VOT das plosivas, peculiares ao Pt.

## 2.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Na sociolinguística, atitudes são estudadas para elucidar fenômenos como perda, manutenção ou difusão de variedades linguísticas em função da avaliação de formas ou manifestações linguísticas, tanto em situações de monolinguismo como de bilinguismo. Estudos de atitudes linguísticas desafiam o analista teórica e metodologicamente.

Segundo Kaufmann (2011, p. 121), há três pontos fundamentais a se considerar em relação a atitudes linguísticas:

- 1 – aspectos teóricos sobre atitudes;
- 2 – atitude e comportamento;
- 3 – problemas no levantamento e na medição de atitudes.

Kaufmann (2011) relata que elaborou e aplicou um questionário na América do Norte em comunidades menonitas para medir as atitudes em relação à língua majoritária, o inglês. Este mesmo estudo de Kaufmann replicado no México verificou que há normas sociais no grupo de menonitas tradicionais que os proíbem de adquirir o espanhol, pois isso facilitaria o contato com o mundo dos mexicanos. Nos Estados Unidos, a amostra é ao mesmo tempo parecida e diferente em relação aos menonitas conservadores. É parecida porque os menonitas no Texas “não apresentam correlações fortes e significativas entre atitudes e relacionamento linguístico” (KAUFMANN, 1997, p. 260). E é diferente porque a falta de correlações se deve ao fato de que os texanos nativos pressionam linguisticamente os menonitas, pois eles têm de aprender o inglês. Portanto, o comportamento linguístico na língua majoritária não é influenciado pelas atitudes individuais, mas sim pelas normas sociais, por isso há diferenças entre os menonitas americanos e mexicanos.

### **2.4.1 Conceito de atitudes linguísticas**

De acordo com Vandermeeren (2005), na perspectiva mentalista (estruturalista), as atitudes são processos mentais que atuam como variáveis mediadoras entre estímulos e respostas. Segundo Rosenberg e Hovland (1960, *apud* VANDERMEEREN, 2005), uma atitude é expressa em ações. As atitudes são “predisposições para responder a alguma classe de estímulos com determinadas classes de respostas” (ROSENBERG e HOVLAND, 1960, p. 3 *apud* VANDERMEEREN, 2005). As atitudes não são diretamente mensuráveis, são predisposições, inferidas de acordo com a forma como as pessoas reagem a certos estímulos, conforme Rosenberg e Hovland (1960, p. 1 *apud* VANDERMEEREN, 2005).

A primeira parte da definição mentalista (estruturalista) de Triandis (1974, p. 2-3) é a de que “uma atitude é uma ideia carregada de emoção e predispõe uma classe de ações a uma classe particular de situações sociais”. Triandis (1974, p. 3) destaca a suposição antiga de que uma atitude não só é composta de conação, mas também de

afeto e cognição. Para o autor, uma atitude linguística é uma ideia carregada de emoção em relação ao comportamento linguístico e predispõe um tipo de comportamento linguístico a uma determinada classe de situações linguísticas (TRIANDIS, 1974, p. 3).

A maioria dos sociolinguistas embasa-se na perspectiva mentalista. Para eles, as atitudes linguísticas são predisposições para responder aos estilos linguísticos dos falantes e às situações de comportamento perante uma língua. A ligação entre atitudes e comportamentos linguísticos gera ações, em relação a uma dada língua, que servem como indicadores da atitude para o uso dessa língua. Sob a perspectiva do realismo prático (gerativista), as atitudes consistem no fato de serem previsíveis, ao passo que ao manipular as atitudes, o comportamento também pode ser manipulado (BAKER, 1995, p. 23 *apud* VANDERMEEREN, 2005).

Vandermeeren (2005) e outros linguistas subscreveram esta conceituação mentalista (estruturalista) de atitude como sendo algo cognitivo (na medida em que envolve conhecimentos sobre o objeto de atitude), afetivo/avaliativo (porque pressupõe a percepção negativa ou positiva do objeto atitude) e conativo (já que se trata de disposição comportamental) (ROSENBERG e HOVLAND, 1960; OSTROM, 1969 *apud* VANDERMEEREN, 2005).

Para Kaufmann (2011), o componente cognitivo reflete convicções e crenças sobre o objeto da atitude; o componente afetivo refere-se à avaliação positiva ou negativa; e o componente conativo, a “crenças e valores emocionais relevantes [que] são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas” (DEPEZ e PERSOONS, 1987, p. 126 *apud* VANDERMEEREN, 2005).

Atitudes linguísticas manifestam-se no comportamento linguístico, sob influência de aspectos situacionais. Segundo Vandermeeren (2005, p. 1321):

A força da relação entre as atitudes linguísticas e suas manifestações é moderada por variáveis situacionais. Consequentemente, uma mesma atitude pode levar a manifestações que parecem incompatíveis umas com as outras por causa do impacto da mudança de variáveis de contexto.

As atitudes de um falante perante o uso de diferentes línguas relacionam-se a demandas interacionais. Em contextos de bilinguismo ou plurilinguismo, a adaptação às normas sociais e membros do grupo, por exemplo, é demonstrada através do uso de uma língua A, ao passo que o uso da língua B dá-se por outro motivo, por exemplo, por ser mais acessível ao falante, mais proficiente na língua B do que na língua A. Neste caso, a

escolha de uma língua do falante é determinada pela força dos componentes de avaliação normativa e conação de suas atitudes: a língua B é usada com o cônjuge e com os filhos, por exemplo, enquanto a língua A é reservada para situações em que o grau de exposição às normas sociais é muito alto.

### **2.4.2 Atitudes linguísticas: identidade e norma**

O comportamento linguístico é um fator de identificação de um falante com um grupo étnico. Segundo Giles e Johnson (*apud* VANDERMEEREN, 2005), os membros de um grupo étnico podem valorizar a sua língua como um símbolo de sua identidade e como forma de identificação forte com o seu grupo. Em contrapartida, outros que não valorizam a língua do seu grupo como símbolo de sua identidade se identificam moderada ou fracamente com esse grupo. No estudo de Blom e Gumperz (2002) sobre uma pequena cidade ao norte da Noruega, chamada Hemnesberget, a maioria dos falantes tem fluência na língua padrão e no dialeto falado localmente, ranamål, que tem prestígio e é valorizado positivamente, pois,

a fala nativa do indivíduo é considerada parte integral de sua história familiar, um sinal de sua identidade local. Ao identificar-se como falante do dialeto, tanto em casa como fora da comunidade, o indivíduo comunica que tem orgulho de sua comunidade e da contribuição especial que sua comunidade faz à sociedade como um todo (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 48).

Atitudes linguísticas relacionam-se a normas sociais. Segundo Kaufmann (2011, p. 122), normas sociais derivam da “fossilização das atitudes da maioria dos membros de um grupo em questão”. Em Vandermeeren (2005), Ajzen e Fishbein (1980) afirmam que “as normas sociais são determinadas pela própria percepção a partir das expectativas dos outros e sua motivação para cumprir essas expectativas”, de acordo com a teoria da ação racional (gerativista). Ainda, segundo os autores, as atitudes linguísticas de um falante refletem as normas do grupo a que se relacionam. As atitudes e o comportamento que orientam esse falante podem ser vistos como marcadores de identidade do grupo, demonstrando, desse modo, que o comportamento linguístico tem significado social.

### 2.4.3 Atitudes linguísticas e o estudo da variação

Segundo Labov (2010), as atitudes linguísticas são reforçadas pelos atos de identidade de um indivíduo no seu grupo no uso da língua. Sturtevant (1947, *apud* LABOV, 2010) afirma que novas variantes linguísticas são associadas a valores e atributos gerados pelo grupo motivador da variação linguística. Os falantes pertencentes a este grupo adotam as variantes linguísticas para alinharem-se ao grupo. Durante o processo de mudança linguística, as variantes linguísticas “escolhidas” por um grupo diferenciam-se das “escolhidas” por outro grupo, gerando um conflito social que se resolve quando a mudança está implementada. Belize, Le Page e Tabouret-Keller (1985, *apud* LABOV, 2010) desenvolveram uma descrição mais elaborada desse processo social, incluindo o comportamento linguístico do indivíduo como propulsor do pertencimento a um grupo.

Como argumento paralelo ao de Le Page e Tabouret-Keller (1985, *apud* LABOV, 2010), Eckert e McConnell-Ginet (2003) associam os atos de identidade com variáveis sociolinguísticas. Nas comunidades de prática, o falante desenvolve o sentimento de pertença ao grupo, o que o impele ao emprego de variantes prestigiadas pelo grupo.

Segundo Giles e Billings (2004, p. 187), estudiosos têm argumentado que determinados efeitos de julgamentos sociais sobre a língua são parte integral do processo de comunicação, assim como variáveis culturais, dialetos, acentos e contextos de determinada língua.

Oushiro (2015) faz um estudo sobre a variação linguística no português brasileiro falado em São Paulo que contempla atitudes linguísticas e gênero. A autora analisa a avaliação, produção e percepção linguística da fala de informantes paulistanos nativos através de quatro variáveis sociolinguísticas: a realização de /e/ nasal como monotongo [ê] ou ditongo [ễ], (*querendo~quereno, fazenda~fazena*); a realização de /r/ em coda silábica como tepe [r] ou retroflexo [ɾ], como em *porta* e *mulher*; a concordância nominal de número, como em *as casas~as casa* e a concordância verbal de primeira e de terceira pessoa do plural, como em *nós fomos~nós foi* e *eles foram~eles foi*.

A realização de /e/ nasal como monotongo [ê] ou ditongo [ễ] é índice de certas identidades urbanas. Oushiro (2015, p. 87) afirma que “a grande maioria dos falantes

não revela uma atitude negativa para com a variante ditongada”. A análise do encaixamento social e linguístico da variável (ẽ) revela que seja uma provável mudança em curso, em tempo aparente. As mulheres e membros de classes mais altas impulsionam essa mudança que se direciona ao encontro da variante ditongada [ẽ̃], e isto tem ocorrido abaixo da consciência dos falantes.

No final do século XX, Preston (1982) combinou técnicas para complementar o processo de obtenção, organização e interpretação de dados da dialetologia, inaugurando a Dialetologia Perceptual. O método de Preston foi o de combinar mapas de percepções geográficas com os mapas de percepções linguísticas. Na pesquisa de 1982, “Perceptual dialectology: mental maps of United States dialects from a Hawaiian perspective”<sup>14</sup>, solicitou aos seus informantes, estudantes universitários havaianos, que delimitassem em um mapa dos Estados Unidos as suas percepções de diferenças linguísticas. Notou que as áreas mais desenhadas pelos informantes eram vistas como inglês não padrão, e, em muitas das respostas, os informantes foram além de uma distribuição regional da fala, isto é, avaliaram o inglês falado na região como “correto”, “agradável” ou “normal” (PRESTON, 1982, p. 46). Posteriormente, o estudo de Preston ficou conhecido por abordar as crenças e percepções sobre língua de não linguistas em perguntas aos informantes sobre, por exemplo, o que constitui uma língua boa/ruim.

A partir de Preston (1982), a dialetologia perceptual incorporou em seu método as atitudes linguísticas, já estudadas na área da psicologia social e na sociolinguística. A avaliação feita pelo informante das divisões dialetais demarcadas em mapas e o reconhecimento de atitudes foram medidos em termos de agradabilidade, dinamismo, prestígio, correção ou grau de diferença. Muitos destes aspectos estão atrelados à variação e à mudança linguísticas: o informante seleciona uma e não outra variante linguística.

No Brasil, Amaral (1982) seguiu as técnicas desenvolvidas por Preston, para conhecer as impressões de variedades linguísticas de indivíduos das três cidades em que pesquisou: Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte. A técnica dos mapas mentais foi aplicada em duas etapas, sendo a primeira o desenho do mapa pelos informantes, e depois foi realizada a conversão dos dados individuais em mapa-síntese que mostraram as diferenças dialetais percebidas pelos falantes.

---

<sup>14</sup> Traduz-se o título do estudo de Preston para: “Dialetologia perceptual: mapas mentais de dialetos dos Estados Unidos numa perspectiva havaiana”.



No primeiro estudo, foram entrevistados 14 informantes adultos e com ensino médio completo – na época, chamado de ensino secundário – da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. No segundo estudo, em 2013, obteve uma amostra de 28 informantes das cidades gaúchas de Rio Grande e São José do Norte. A metodologia empregada nos dois estudos foi a mesma: cada um dos informantes demarcou subjetivamente no mapa do estado as áreas dialetais que identificou. Ao apresentar o mapa em branco do Rio Grande do Sul, foi solicitado que o informante marcasse os lugares em que se fala de diferentes formas. A autora percebeu que os informantes hesitaram, por isso, forneceu outro mapa com a divisão dos municípios para consulta.

Os informantes de Porto Alegre, de modo geral, diferenciaram áreas com sotaque devido a contato de línguas, distinguindo um sotaque mais “carregado”, quando este tinha maior contato com a língua alemã, por exemplo, de um sotaque mais “leve” quando em contato com o português. Os resultados de Amaral (2014) vão ao encontro do que Preston (2002, p. 9) afirma: “a percepção, avaliação e a produção estão intimamente ligadas na variação e mudança linguística”.

Os porto-alegrenses também destacaram a entonação como “melódica” quando se referiram à área de influência italiana e avaliaram as pessoas dessa área como indivíduos que se esforçam no trabalho e que gostam de conservar sua cultura e sua língua. Para Calvet (2002, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades das línguas e para com aqueles que os utilizam”.

As percepções de fala dos informantes de São José do Norte e de Rio Grande, em 2013, demonstraram que alguns deles preocuparam-se em demarcar no mapa muitas localidades, enquanto que outros demarcaram poucas. Isso, de acordo com a autora, deve-se ao fato de que as respostas foram dadas com base em experiências pessoais de viagens, fatos históricos e caricaturas regionais. Para esses informantes, as áreas de fronteira logo foram demarcadas no mapa, talvez por serem bastante conhecidas por eles, por serem as cidades centros urbanos onde se encontram muitos *free shops* ou por oferecerem atividades tradicionalistas, como os rodeios.

Além disso, os informantes de Rio Grande e São José do Norte reconheceram mais facilmente a região fronteira do estado porque na fala é marcante a influência do espanhol e do gaúcho dos pampas. Com relação à fala do porto-alegrense, destacaram que esta é “cantada”. Os informantes de São José do Norte e do Rio Grande resistiram em imitar os estereótipos dialetais, ao contrário dos informantes de Porto Alegre. A

autora concluiu que os traços linguísticos foram percebidos pelos informantes nesta ordem: fonéticos, prosódicos, lexicais e sintáticos.

Ao comparar os mapas das três cidades pesquisadas, Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte, a autora percebeu que “a maioria dos informantes tem consciência da distribuição dos diferentes falares das etnias que povoaram nosso estado, sobretudo nas regiões-polo de cultura e tradição” (AMARAL, 2014, p. 13). Dos três pontos de coleta dos dados, os porto-alegrenses distribuíram melhor os sotaques no mapa, apontando até mesmo diferenças dentro de uma mesma área e imitando caricaturas de certas regiões, como a do centro-norte, espontaneamente. Ou seja, tais comportamentos linguísticos evidenciados pelos porto-alegrenses, segundo Labov (2010), são atitudes linguísticas reforçadas pelos atos de identidade dos indivíduos em seus grupos, o que por sua vez se torna saliente aos membros de outros grupos pelas diferenças entre eles existentes.

#### **2.4.4 A pesquisa sobre atitudes linguísticas**

O estudo de atitudes linguísticas pode ser baseado em uma gama de posições teóricas relacionadas à percepção individual, buscando explicar a relação entre o modo como culturas e segmentos da sociedade são vistos e as diferenças lexicais, dialetais e semânticas das línguas.

Segundo Vandermeeren (2005), os psicólogos sociais lidavam com a questão das atitudes linguísticas já na década de 1930 (ALLPORT, 1935; LAMBERT, ANISFELD e BOGO, 1962; GILES, 1970 apud VANDERMEEREN, 2005). Os psicólogos sociais foram os primeiros a investigar as atitudes linguísticas na sociolinguística. Para Garret (2010, p. 19), a concepção de atitudes foi indispensável na psicologia social e tem desempenhado um papel central na sociolinguística desde o estudo de Labov (1966), com a estratificação social de comunidades de fala. Estudos de mudança linguística são influenciados pelo prestígio e estigma de traços linguísticos de uma comunidade de fala.

Nas últimas décadas, em muitos países como Bélgica, Canadá, Israel, Kenya, Nova Zelândia e Peru, desenvolveram-se mais pesquisas sociolinguísticas em relação às atitudes linguísticas. Os grupos-alvo de estudos sobre atitudes linguísticas são muitos:

crianças, professores, imigrantes, estudantes de medicina, gerentes de vendas, residentes em lares de idosos.

Para Vandermeeren (2005), em quarenta anos de pesquisas em atitudes linguísticas, a maior contribuição foi a compreensão dos conceitos de atitudes linguísticas e do comportamento linguístico. No entanto, as pesquisas atuais ainda buscam meios confiáveis de medir as atitudes linguísticas.

#### *2.4.4.1 Desafios metodológicos no estudo de atitudes linguísticas*

A partir dos questionamentos de Kaufmann (2011, p. 128), “Com quem trabalharemos? Com que método mediremos as atitudes? Que atitudes mediremos?”, consideram-se os problemas metodológicos e teóricos acerca da análise das atitudes em estudos sociolinguísticos.

A primeira pergunta, com quem trabalhar, é abordada nos trabalhos de sociopsicólogos. Esses estudos são de complexidade considerável, o que se reflete em seus questionários. Entrevistam-se estudantes universitários ou informantes pagos. Kaufmann (2011, p. 128) levanta perguntas como: “será que os meus informantes entenderão as perguntas como quero que as entendam? Será que meus informantes sabem ler e escrever?”.

Na sociolinguística, deve-se adequar a complexidade do método aos informantes, talvez reduzindo seu número, ou usando questionários menos detalhados, por exemplo. No caso de grupos em que não se possa trabalhar com questionários, o autor sugere o uso de métodos qualitativos para obter os dados, em vez de testes estatísticos.

Com relação à segunda pergunta, o autor faz a crítica de que os resultados de pesquisas com os dados da vida real, na sociolinguística, não alcançarão os resultados das pesquisas da sociopsicologia feitas em laboratórios e na universidade. Pergunta-se: os dados da sociopsicologia são comparáveis aos dados da vida real dos informantes da sociolinguística?

No que diz respeito à terceira pergunta, quais atitudes medir, Kaufmann (2011, p. 133) levanta ainda outra, com base em Moyer (2007, *apud* KAUFMANN, 2011): “Há alguma diferença aparente entre atitudes em relação à língua alvo e atitudes em relação à cultura da língua alvo quando se trata de sotaque em uma segunda língua?”. Há casos

em que os aprendizes de uma segunda língua não fazem questão de imitar o sotaque nativo, pois não querem identificar-se com aquele grupo, mas utilizam a língua por ter prestígio. Embora Kaufmann (2011) tenha verificado isso na pesquisa com os menonitas, tal afirmação pode ser generalizada para qualquer segunda língua.

Segundo Vandermeeren (2005), a compreensão das atitudes é influenciada pela forma como essas são quantificadas em questionários. A autora observa que, para os pesquisadores, é mais fácil ter acesso à percepção dos falantes analisando seu comportamento linguístico em uma entrevista do que em uma observação do seu comportamento real. No entanto, o acompanhamento do indivíduo nas comunidades de prática e nas redes sociais das quais participa possibilita alcançar maior detalhamento das atitudes linguísticas.

Nas pesquisas sociolinguísticas, deve-se ter o cuidado de distinguir as atitudes para com a língua e as atitudes para com a comunidade linguística, uma vez que estas atitudes não coincidem, em muitos casos.

Diversas ações de pesquisa, como a redação das perguntas, ordem das perguntas, a identidade do entrevistador e a linguagem do questionário podem influenciar a forma como uma atitude se manifesta. Por isso, uma atitude só pode ser medida por comparação do seu impacto nas mais diversas situações de pesquisa. O Modelo de Manifestação da Atitude, desenvolvido por Vandermeeren (1996, *apud* VANDERMEEREN, 2005), considera que as (in)consistências entre as respostas mediadas pela mesma atitude e moderadas pela mudança de outras variáveis revelam muito sobre a atitude em questão. Esse modelo adota o ponto de vista mentalista (estruturalista) de que as atitudes linguísticas são variáveis, se expressam em ações (linguísticas) e nos comportamentos e atitudes linguísticas. Os estudiosos fazem a mediação entre essas ações e seus estímulos.

Um dos tipos de ações que revelam atitudes consiste em autorrelatos. Os autorrelatos relativos ao comportamento são respostas conativas; as declarações verbais de avaliação são respostas avaliativas e as declarações verbais de crenças são respostas cognitivas.

Este modelo reforça a afirmação de que as atitudes têm componentes cognitivos, afetivo/avaliativos e conativos. Vandermeeren (2005) ressalta, também, que as atitudes linguísticas de um falante estão de acordo com as normas do grupo de pessoas com quem ele se relaciona. O sentido positivo da adesão (social, étnica e/ou linguística) ao grupo, a percepção do cumprimento das normas deste grupo influencia a qualidade e

quantidade de atitudes linguísticas. Portanto, postula-se um componente avaliativo/normativo de atitudes linguísticas. O uso da língua é considerado como uma parte do componente conativo de atitudes linguísticas.

#### 2.4.4.2 *Abordagens diretas e indiretas*

Os métodos empregados na mensuração das atitudes linguísticas dividem-se em explícitos (diretos) e implícitos (indiretos).

Para Fasold (1996, p. 232), um exemplo de um método totalmente direto consiste em informantes responderem a um questionário escrito ou a perguntas de uma entrevista, em que se pede diretamente para os informantes darem sua opinião sobre uma ou outra língua. Já o método totalmente indireto é arquitetado de forma a evitar que o entrevistado saiba que se está investigando suas atitudes perante uma língua.

A técnica de escala, como a de Likert e Guttman (*apud* VANDERMEEREN, 2005), pode discriminar opiniões diferentes a respeito das línguas e do uso da língua entre os entrevistados. Solicita-se que o falante concorde ou discorde dos tópicos com pontos negativos e positivos (por exemplo, concordo plenamente, concordo, indeciso, discordo, discordo totalmente). Sobre essa técnica, Vandermeeren (2005) levanta uma crítica a respeito dos informantes que não manifestam as atitudes sob investigação ou daqueles com menor escolaridade, que geralmente concordam mais com uma afirmação do que os outros.

Vandermeeren (2005, p. 1323) traz a posição de Kolde (1981, *apud* VANDERMEEREN, 2005), que defende que as atitudes em relação às línguas e grupos de falantes são, muitas vezes, restritas. Os problemas metodológicos decorrentes de meios diretos de medir as atitudes linguísticas são maiores do que aqueles que surgem quando se confrontam os informantes com perguntas relativamente menos constrangedoras sobre a frequência de uso da própria língua.

A técnica *F-Scale*, método implícito, de Adorno et al. (1950, *apud* VANDERMEEREN, 2005), capta as associações por parte dos informantes. No *Implicit Association Test*, abordagem implícita, de Conner et al. (2007, *apud*

VANDERMEEREN, 2005), os informantes associam atributos *bom, agradável* ou *feio* aos objetos da pesquisa, por exemplo, em relação aos alimentos.<sup>15</sup>

#### 2.4.4.3 *Matched Guise Technique (MGT)*

De acordo com Kaufmann (2011), a *Matched Guise Technique* (MGT, ‘Técnica dos Estímulos Pareados’) é abordagem implícita. Para Lambert, Hodgson e Gardner (1960, *apud* KAUFMANN, 2011), a MGT consiste num estímulo auditivo com a leitura de um texto gravado por uma pessoa bi/multilíngue, ouvido por informantes que têm de qualificar a gravação com pares de adjetivos (*Semantic Differential*), por exemplo, simpático-antipático, inteligente-não inteligente. O informante acredita que está avaliando a pessoa (da gravação) e não percebe que avalia, assim, as línguas/variedades da gravação.

Para Vandermeeren (2005), a MGT é uma técnica de disfarce combinado. A autora critica a técnica porque expõe os entrevistados apenas ao estímulo auditivo, descartando condições situacionais como relacionamento dos falantes, localização e tópico, conforme Agheyisi e Fishman (1970, p. 146, *apud* VANDERMEEREN, 2005).

#### 2.4.4.4 *Questionário*

Segundo Kaufmann (2011), não faz sentido correlacionar atitudes gerais a um comportamento específico. As atitudes gerais perante um grupo não apresentam necessariamente o comportamento específico que se vincula a indivíduos do grupo ou a suas características. O autor exemplifica da seguinte forma: pode-se não gostar de pessoas dos Estados Unidos, mas vir a dominar o inglês fluentemente para obter vantagens, como um emprego.

Na proposta de pesquisa de Kaufmann (1997, *apud* KAUFMANN, 2011), o autor usou um método mais simples, com base em Giles e Powesland (1975, *apud* KAUFMANN, 2011), o *Semantic Differential* (‘diferencial semântico’) sem estímulo auditivo. Os informantes posicionaram-se quanto à questão “Quem é mais

---

<sup>15</sup> A técnica *F-Scale* e o método *Implicit Association Test* foram apresentados como exemplos de abordagens de investigação, no entanto, não serão usados nesta tese.

religioso/materialista/amável etc.”, por exemplo, (KAUFMANN, 2011, p. 132). No estudo, Kaufmann (1997, *apud* KAUFMANN, 2011) solicitou que os informantes indicassem, dentre as qualidades (semi)positivas, quais eram as cinco mais importantes na sua vida. As qualidades foram contabilizadas de acordo com a frequência das indicações de cada grupo, de forma mais fiel ao grupo. Para o autor, o comportamento linguístico na língua majoritária não é influenciado pelas atitudes individuais, mas sim pelas normas sociais, por isso há diferenças entre os menonitas americanos e mexicanos.

Vandermeeren (2005) ressalta que, para uma pesquisa de atitudes linguísticas, é importante observar as variáveis com as quais as atitudes linguísticas se correlacionam. Por exemplo, a variável informante: os informantes são recrutados por meio de certas técnicas de amostragem (GABLER, 1996; HIPPLER e SCHWARZ, 1996, *apud* VANDERMEEREN, 2005), por meio de contatos de rede conforme Vandermeeren e Labrie (1996 *apud* VANDERMEEREN, 2005) e por conta de sua participação no grupo-alvo, mas também porque eles pertencem a vários subgrupos deste grupo-alvo.

As variáveis da pesquisa preveem alguns fatores que podem influenciar as entrevistas em uma dada situação da pesquisa. São eles:

- a) identidade do entrevistador/identidade do elaborador do questionário (BOND, 1983; GIBBONS, 1983; VANDERMEEREN, 1993 *apud* VANDERMEEREN, 2005);
- b) hora e local da realização da entrevista/questionário (CLÉMENT, GARDNER e SMYTHE, 1977; CREBER e GILES, 1983 *apud* VANDERMEEREN, 2005);
- c) a linguagem do questionário/entrevista (BOTHA, 1968; PRICE, FLUCK e GILES, 1983; PERSOONS, 1986 *apud* VANDERMEEREN, 2005);
- d) ordem das perguntas (SOLMECKE e BOOSCH, 1981; JÄGER e SCHILLER, 1983; VANDERMEEREN, 1996 *apud* VANDERMEEREN, 2005).

Esses fatores, levados em consideração na elaboração e na aplicação de um questionário, aumentam a confiabilidade da obtenção de dados e análise dos resultados. É o que se buscou fazer nesta tese.

## 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevem-se os procedimentos metodológicos seguidos na análise de regra variável do desvozeamento das plosivas e no estudo de atitudes linguísticas.

### 3.1 ANÁLISE (QUANTITATIVA) DE REGRA VARIÁVEL

De acordo com Labov (2008 [1972]), a Sociolinguística Variacionista ou quantitativa vale-se de um método, a análise de regra variável, para verificar os fatores favorecedores ou não, tanto linguísticos como extralinguísticos, da aplicação da regra variável em questão. É o que se faz nesta tese, voltada à análise do desvozeamento variável das plosivas.

A análise estatística é realizada com o auxílio do pacote de programas computacionais VARBRUL, versão GoldVarb X<sup>16</sup>, desenvolvido a fim de realizar análise estatística de regressão e, com isso, verificar o efeito dos grupos de fatores controlados sobre a variável *dependente* (processo analisado) quando da interação desses grupos de fatores (peso relativo) nos dados de fala. Para realizar a análise, codificam-se os dados de acordo com a variável dependente e as variáveis *independentes* propostas (grupos de fatores controlados). Estatisticamente, neste estudo, a variável *dependente* (desvozeamento das plosivas) é categórica, isto é, opõe-se aplicação do desvozeamento das plosivas (valor 1) à não aplicação (valor 0).

A análise multivariada, de regra variável, tem o propósito de separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores linguísticos e sociolinguísticos de uma variável linguística, conforme Guy e Zilles (2007). O valor atribuído aos grupos de fatores, ou seja, o peso relativo no intervalo de 0 a 1 revela sua influência no condicionamento da aplicação da regra. Logo, quando se tem um valor acima de 0,5 para um dado fator, ele condiciona a aplicação da regra, quando está abaixo de 0,5, não condiciona, e o valor em torno de 0,5 é considerado neutro.

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>, acesso em 14/12/2016.



### 3.2 ANÁLISE (QUALITATIVA) ESTATÍSTICA NO ESTUDO DE ATITUDES

Com base na amostra dos dados observados e descritos numa pesquisa, a estatística inferencial permite extrair generalizações a respeito do comportamento dos indivíduos. O processo de inferência ocorre quando o pesquisador chega a uma conclusão sobre uma realidade analisada examinando uma amostra dela. Assim, a inferência dá-se a partir de testes estatísticos. É o que se faz nesta tese no estudo de atitudes linguísticas, com apoio do *software Statistical Package For The Social Sciences* (SPSS, Pacote Estatístico para as Ciências Sociais), para *Windows*, versão 22.0.

Segundo Laureano e Botelho (2010) e Laureano (2011), atualmente o aplicativo denomina-se IBM SPSS. O SPSS executa análises estatísticas descritivas, como média, desvio-padrão e tabelas de frequências, gráficos, bem como métodos avançados de análise de variância, modelos de regressão multivariável e outros. Nesta pesquisa, utilizam-se os testes ANOVA e Qui-quadrado para a análise dos dados obtidos do questionário de atitudes linguísticas.

O teste paramétrico<sup>17</sup> *analysis of variance – one way* (ANOVA), teste de análise de variância a um fator, é aplicado com uma variável quantitativa *dependente* para comparar a média com grupos de fatores de variáveis *independentes*.

Já o teste não-paramétrico de independência do Qui-quadrado de uma amostra, *Chi-square* ( $\chi^2$ ) é utilizado para avaliar a associação entre dados categoriais qualitativos, ou seja, para testar se duas variáveis nominais são *independentes*. De acordo com Laureano (2011), as hipóteses (H) deste teste são: Hipótese Nula ( $H_0$ ), que representa a não associação entre as variáveis por não haver diferença entre os grupos de variáveis, e atribui-se ao acaso a ocorrência do fenômeno e dos resultados obtidos; e a Hipótese Alternativa ( $H_1$ ), representando que há associação entre as variáveis. Afirma-se, neste caso, que há diferença entre os grupos de variáveis.

As hipóteses são rejeitadas ou não conforme as regras de decisão. Para não rejeitar a  $H_0$ , é preciso que a significância (Sig) seja maior do que o nível de significância 0,05 (Sig >  $\alpha = 0,05$ ), e para rejeitar a  $H_0$ , ou seja, aceitar a  $H_1$ , a significância deve ser menor ou igual a 0,05 (Sig  $\leq \alpha = 0,05$ ).

---

<sup>17</sup> Os testes estatísticos diferenciam-se em dois grupos que são classificados como: paramétricos e não-paramétricos.

### 3.3 O DESENHO DA ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL DO DESVOZEAMENTO DAS PLOSIVAS

De forma a investigar os condicionadores do desvozeamento variável das plosivas em Pt, esta tese orienta-se pelas seguintes questões: (a) Quais os condicionadores linguísticos e sociais do desvozeamento variável das plosivas bilabial, em especial, da alveolar e velar, no Pt em contato com o Hr? (b) Qual é a proporção de desvozeamento das plosivas alveolar e velar? As hipóteses estão detalhadas na apresentação das variáveis linguísticas e sociais investigadas.

Na análise de regra variável aqui feita, a variável *dependente* é o desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar, ou seja, é o emprego de [p] por /b/, [t] por /d/ e [k] por /g/ e as variáveis *independentes*, baseadas em Lara (2013) e na literatura que subsidia este estudo, são: contexto precedente e seguinte, tonicidade da sílaba, número de sílabas, gênero, idade e escolaridade. Apresentam-se as variáveis independentes linguísticas e, em seguida, as variáveis independentes extralinguísticas.

#### 3.3.1 Contexto precedente

Controlam-se os fatores: Vazio (início de palavra), como em *\_domingo*; Nasal bilabial, *\_**u**ndo*; Tepe alveolar, *\_**t**arde*; Fricativa alveolar, *\_**s**desde*; Vogal anterior, *\_**o**comunidade*; Vogal central, *\_**o**comunidade*; Vogal posterior, *\_**o**das*; Lateral alveolar, *\_**l**guém*.

A hipótese é a de que o contexto fonológico precedente vazio tende a condicionar a aplicação da regra, por exemplo, *\_**g**osto*, *\_**g**alinha*, *\_**g**anhar*. A ausência de segmento pode exercer influência na realização das plosivas velares.

#### 3.3.2 Contexto seguinte

Controlam-se os fatores: Vogal anterior, *\_**d**iferente*; Vogal central, *\_**d**á*; Vogal posterior, *\_**q**uando*; Tepe alveolar, *\_**I**greja*; Lateral alveolar, *\_**G**lória*; Fricativa, *\_**o**bjetivo*; Nasal, *\_**s**ubmissa*.

A hipótese para o contexto seguinte é a de que a vogal central tende a favorecer o desvozeamento, como em: *toda, jogador, segunda*. É o que verificou Lara (2013) em relação às plosivas bilabiais. Esse condicionamento precisa ser verificado com as outras plosivas. Uma possível explicação fonética para isso estaria relacionada à grande redução que essa vogal em posição final de vocábulo, sílaba átona, pode sofrer.

### 3.3.3 Tonicidade da sílaba

Controlam-se os fatores: Pretônica, *tradição*; Tônica, *largaram*; Postônica, *passado*.

Conforme Lara (2013), acredita-se que a consoante-alvo localizada na sílaba tônica seja favorecedora da aplicação da regra variável. Alguns exemplos são: *agora, jogar, grande*. Suspeita-se de que a força articulatória tenha o ápice nas sílabas tônicas.

### 3.3.4 Número de sílabas

Controlam-se os fatores: Monossílaba, *dá*; Dissílaba, *disse*; Trissílaba, *seguinte*; Polissílaba, *complicado*.

A hipótese é a de que a aplicação da regra variável seja condicionada por palavras cujo número de sílabas é menor, em monossílabos (*da, de, gol*) e dissílabos (*dele, depois, pegar*).

### 3.3.5 Gênero

Controlam-se os fatores: Feminino e Masculino.

Testa-se a hipótese de que o gênero feminino condicione a aplicação da regra variável. Se confirmada, tal hipótese pode sustentar-se no fato de que, em comunidades como Glória, os homens mais velhos tiveram a oportunidade de seguir seus estudos na cidade quando jovens e as mulheres permaneceram no trabalho em casa, essas assim com menos oportunidades de realizar práticas linguísticas em português.

### 3.3.6 Idade

Controlam-se os fatores: 15 a 30 anos; 31 a 46 anos; 47 anos ou mais.

A hipótese é a de que o desvozeamento das plosivas tenda a ocorrer no grupo etário que compreende 47 anos ou mais anos. Essa é a faixa etária em que se encontram os informantes com maior grau de bilinguismo na comunidade. De acordo com Naro (2007), na puberdade o indivíduo encerra o processo de aquisição da linguagem. A língua, a partir desse momento, torna-se estável. Assim, o indivíduo na fase adulta reflete o estado da língua adquirida até aproximadamente os 15 anos de idade, por exemplo, uma pessoa com 50 anos hoje representaria a língua de 35 anos atrás.

### 3.3.7 Escolaridade

Controlam-se os fatores: ensino fundamental, ensino médio, ensino superior.<sup>18</sup>

A hipótese é a de que os níveis de escolaridade ensino fundamental e ensino médio condicionam o fenômeno linguístico, pois quanto maior a escolaridade, a exposição ao português e a idealização de práticas sociais em português, menos ocorre o desvozeamento das plosivas. Ainda, quanto maior a escolaridade, maior a proficiência e o domínio da língua majoritária e o acesso aos bens culturais do Pt.

O Quadro 1 apresenta o conjunto das variáveis *independentes* investigadas.

---

<sup>18</sup> Ressalta-se que a escolaridade ensino fundamental compreende os anos iniciais e finais. Também, é importante destacar que todos informantes que pertencem a este nível já o concluíram. Porém, no momento da entrevista sociolinguística, um informante ainda não havia concluído o nível médio e dois informantes estavam cursando o ensino superior ainda.

Quadro 1 – Variáveis *independentes*

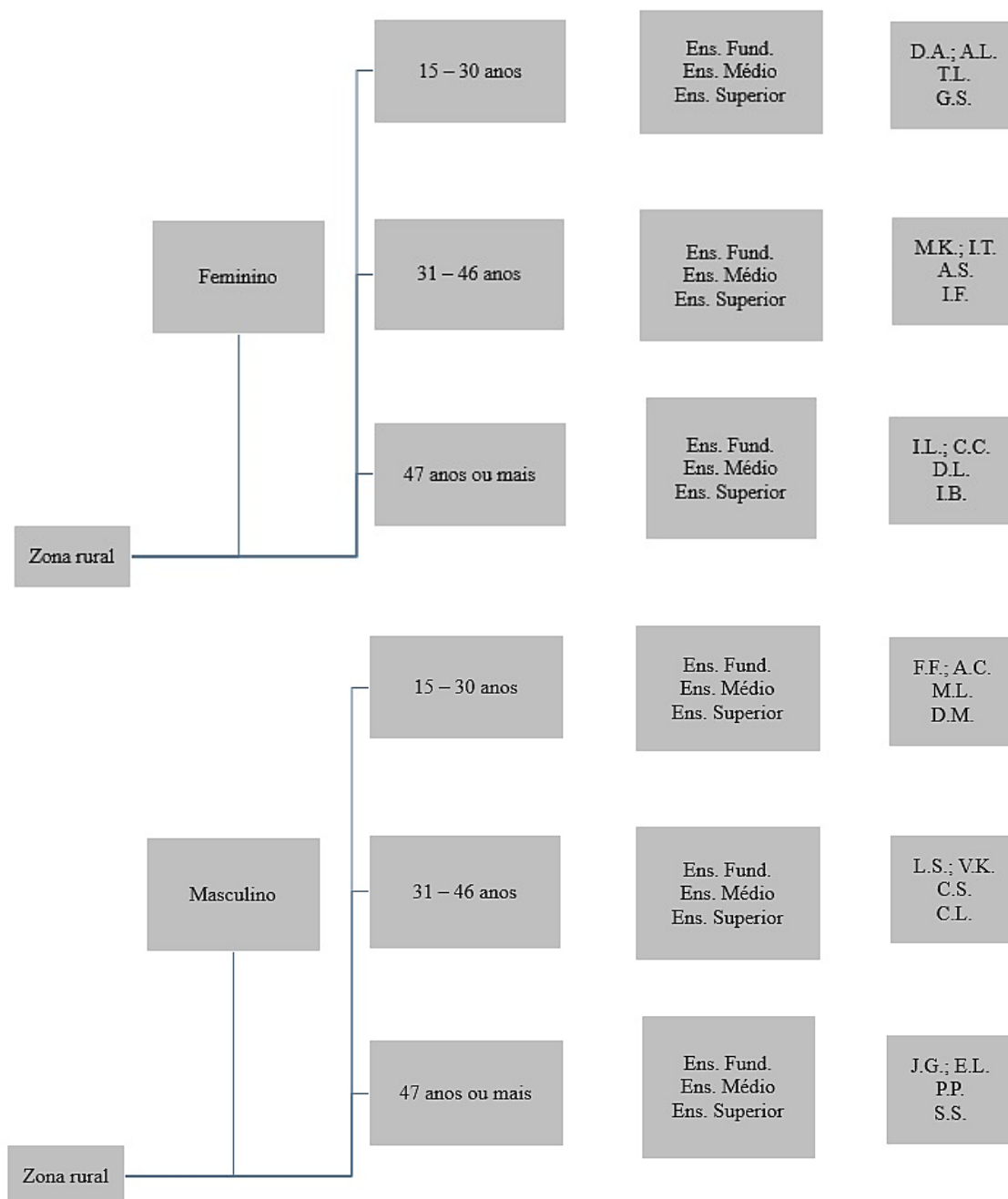
Variáveis linguísticas		Variáveis extralinguísticas
<b>Contexto precedente</b>	<b>Exemplos:</b>	<b>Gênero</b>
Vazio (início de palavra)	<i>_domingo</i> <i>mundo</i>	Feminino Masculino
Nasal bilabial	<i>tarde</i>	
Tepe alveolar	<i>desde</i>	
Fricativa alveolar	<i>comunidade</i>	
Vogal anterior	<i>comunidade</i>	
Vogal central	<i>todas</i>	
Vogal posterior	<i>alguém</i>	
Lateral alveolar		
<b>Contexto seguinte</b>	<b>Exemplos:</b>	<b>Idade</b>
Vogal anterior	<i>diferente</i>	15 a 30 anos
Vogal central	<i>daí</i>	31 a 46 anos
Vogal posterior	<i>quando</i>	47 anos ou mais
Tepe alveolar	<i>Igreja</i>	
Lateral alveolar	<i>Glória</i>	
Fricativa	<i>objetivo</i>	
Nasal	<i>submissa</i>	
<b>Tonicidade da sílaba</b>	<b>Exemplos:</b>	<b>Escolaridade</b>
Pretônica	<i>tradição</i>	Ensino fundamental
Tônica	<i>largaram</i>	Ensino médio
Postônica	<i>passado</i>	Ensino superior
<b>Número de sílabas</b>	<b>Exemplos:</b>	
Monossílaba	<i>dá</i>	
Dissílaba	<i>disse</i>	
Trissílaba	<i>seguinte</i>	
Polissílaba	<i>complicado</i>	

### 3.3.8 Delimitação da amostra e obtenção dos dados

Os dados usados da análise de regra variável foram levantados de entrevistas sociolinguísticas realizadas por Lara (2013). A pesquisadora, que é nascida em Glória, tem algum grau de proficiência em Hr: fala e compreende pouco (em situações como ao cumprimentar alguém ou em perguntas e respostas curtas). Selecionou vinte e quatro informantes da comunidade que preenchessem as células conforme a faixa etária: 15 –

30 anos, 31 – 46 anos, 47 anos ou mais; escolaridade: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior; gênero: feminino e masculino. A Figura 3 mostra a distribuição dos informantes:

**Figura 3 – Distribuição dos informantes**



Os informantes foram contatados e as entrevistas, realizadas em 2011 e 2012. A realização das entrevistas foi organizada conforme a disponibilidade dos informantes. As entrevistas foram gravadas, têm cerca de uma hora de duração e versam sobre temas

do cotidiano e experiências pessoais. Todas as gravações foram feitas com o consentimento livre e esclarecido dos informantes, em que foi informado o propósito do estudo e, sobre a utilização das gravações, que seria exclusivamente para fins de pesquisa, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Adotou-se o cuidado ético referente ao anonimato dos informantes. Assim, nas transcrições do material, foram utilizadas letras maiúsculas para cada informante, de modo a impedir sua identificação.

A coleta de dados organizou-se de forma que o primeiro contato da pesquisadora com os moradores da comunidade de fala foi através de uma conversa cujo objetivo era o de saber se a pessoa gostaria de participar e colaborar, espontaneamente, de um trabalho. A pessoa, ao aceitar o convite, disponibilizou-se para os contatos posteriores, quando foi preenchida a ficha social (Apêndice A). Após, foi realizada a gravação espontânea de fala com o entrevistador, a partir do roteiro de perguntas a respeito da comunidade e do cotidiano (Apêndice B).

Após sua realização, as vinte e quatro entrevistas foram ouvidas e delas foram levantados os dados da análise de regra variável, isto é, contextos de desvozamento das plosivas (toda e qualquer palavra com plosiva vozeada, estivesse ela preservada ou desvozeada, incluindo-se aí repetições). Os dados foram então codificados conforme os fatores das variáveis independentes controladas e, depois, submetidos ao pacote de programas VARBRUL, versão GoldVarb X.

### 3.4 DESENHO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA PARA O ESTUDO DE ATITUDES

Procede-se à investigação de atitudes linguísticas com base em dados obtidos via aplicação de um questionário, “As atitudes linguísticas no Português em contato com o Hunsrückisch” (Apêndice C), aos mesmos vinte e quatro sujeitos de Glória anteriormente submetidos às entrevistas sociolinguísticas. O questionário foi aplicado de março a agosto de 2015.

Segundo Cardoso (2015 [1989], p. 29),

a análise das atitudes linguísticas ou das reações subjetivas de aracajuano em relação ao seu dialeto, sob uma perspectiva sociolinguística, só é possível

através de testes linguísticos de atitudes. Desses testes, um dos mais adequados parece ser o questionário, uma vez que, através dele, obtêm-se respostas mais claras e mais espontâneas, sem prejuízo de conteúdo das respostas que se obteriam com outros testes.

Nesta tese, também julgou-se ser esse o instrumento metodológico de obtenção de dados para a análise de atitudes linguísticas em relação ao Pt e ao Hr. Assim, o questionário foi estruturado para compreender a realidade social, cultural, comportamental e linguística de Glória, Estrela (RS).

Diferentes estilos de fala podem implicar variação linguística devido a um maior ou menor monitoramento da fala. Por exemplo, a fala informal é mais livre, descuidada, menos monitorada do que a leitura de um texto ou a leitura de listas de palavras, que se considera uma fala mais formal, segundo Labov (2008 [1972]). No questionário, não foram controlados estilos mais ou menos monitorados de fala. Os informantes responderam oralmente as perguntas sem que essas fossem estruturadas de formas diferentes com o intuito de contemplar estilo mais ou menos formal.

Com esse questionário,

- identifica-se o perfil dos informantes (Bloco I – Informações gerais);
- medem-se as percepções e as avaliações das formas linguísticas pelos falantes nas interações sociais na comunidade, com amigos, no trabalho e nas diversas relações sociais, também fora da comunidade (Bloco II – Línguas e seu uso: II-1 Línguas; II-2 Hunsrückisch; II-3 Português e II-4 Uso das línguas);
- medem-se os aspectos atitudinais e comportamentais que revelam a conduta, os posicionamentos e os modos de proceder ou manifestar-se perante a(s) língua(s) falada(s) na comunidade. As avaliações dos informantes refletem uma forma positiva, negativa ou neutra (indeciso) ao falarem o Pt e/ou o Hr com as outras pessoas, em diversas situações (Bloco III – Línguas, pessoas, atitudes: III-1 Línguas e pessoas e III-2 Atitudes pessoais);
- identificam-se as marcas identitárias construídas através das atitudes linguísticas dos falantes e de seus comportamentos, bem como as normas valorativas na fala em Pt em contato com o Hr (III-3 Os alemães são; III-4 A língua portuguesa é; III-5 Os brasileiros são; III-6 O Hunsrückisch é; Bloco IV – Países e Bloco V – Qualidades pessoais mais importantes).

O último bloco do questionário (Bloco VI – Palavras) foi elaborado a fim de obter os dados para o controle do VOT mediante análise fonética acústica, apresentada



no capítulo 4, seção 4.1. Embora este bloco não faça parte do instrumento e do conjunto de questões do questionário para o estudo de atitudes linguísticas, (Capítulo 5), serviu para coletar dados e caracterizar o desvozeamento das plosivas.

As perguntas sobre línguas e pessoas (Bloco III) ofereceram opções de respostas organizadas em escala de diferencial semântico. Nesse método, a escala abrange extremos que se situam em polos opostos de uma determinada característica. Por exemplo, a afirmação refere-se à mistura das línguas faladas em Glória: “Quando falo com meus amigos eu muitas vezes misturo o português com alemão”. Em algumas questões, o informante precisou marcar uma das 5 possibilidades de respostas, conforme a escala: “concordo plenamente – concordo – indeciso – não concordo – não concordo de modo algum”. Em outras, os informantes optaram por respostas dispostas em uma escala com graus de intensidade “bastante”, “muito” “pouco” e “indeciso”. Conforme o dicionário Houaiss (2009, p. 265), “bastante” é um advérbio de grau de intensidade elevado; “muito” é de intensidade alta, mas menor do que “bastante”. Além dessa escala, utilizou-se, no Bloco II – Línguas e seu uso, a escala gradual de “muito bem – bem – mais ou menos – um pouco – não sei”.

Após a descrição dos procedimentos adotados para a obtenção e tratamento dos dados na análise de regra variável e no estudo de atitudes, o capítulo 4 apresenta os resultados da primeira análise, bem como caracteriza acusticamente o desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar com o controle do VOT.

## 4 O DESVOZAMENTO DAS PLOSIVAS COMO PROCESSO VARIÁVEL

Este capítulo dá conta do objetivo específico (a) da pesquisa, verificar os condicionadores do desvozeamento variável das plosivas na fala, em Pt, a partir da análise de regra variável. O capítulo se inicia com a caracterização acústica do desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar, objeto linguístico desta tese. Depois, apresenta e discute os resultados da análise de regra variável, contemplando-se as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo programa de análise estatística Goldvarb X.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DO DESVOZAMENTO DAS PLOSIVAS

O programa computacional PRAAT<sup>19</sup> (BOERSMA e WEENINK, 2013) foi usado para a caracterização acústica das plosivas. No PRAAT, verificaram-se somente os pulsos glotais para averiguar o grau de desvozeamento no espectrograma e mensurar o VOT quando detectado algum grau de desvozeamento. Além de atestar o desvozeamento, o controle acústico serviu para testar a hipótese de que o desvozeamento no Pt de Glória não seria exatamente como o do Hr, mas peculiar ao sistema de contato.

Propositamente, escolheram-se palavras-alvo dissílabas, trissílabas e polissílabas com a plosiva-alvo em sílaba pretônica e tônica, por serem fatores das variáveis *independentes* que favorecem o processo de desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar, como se verá na análise de regra variável desse estudo, conforme os resultados descritos no capítulo 5.

Na coleta de dados para essa análise, solicitou-se a cada um dos vinte e quatro informantes que falassem sobre a imagem a eles apresentada, conforme Apêndice C. As respostas foram gravadas no formato .wav e submetidas ao PRAAT. As palavras-chave

---

<sup>19</sup> Software disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em 01 out. 2016.

que descreviam as imagens continham plosivas-alvo vozeadas a fim de verificar se o informante desvozearia as mesmas, em duas posições silábicas diferentes: plosiva vozeada em posição de ataque silábico simples em início de palavra, e plosiva vozeada em posição de ataque simples no meio da palavra:

- 1) *baile* /b/ → [p] plosiva vozeada em posição de ataque simples da sílaba em início de palavra;
- 2) *trabalho* /b/ → [p] plosiva vozeada em posição de ataque simples da sílaba no meio da palavra;
- 3) *diretoria* /d/ → [t] plosiva vozeada em posição de ataque simples da sílaba em início de palavra;
- 4) *idosos* /d/ → [t] plosiva vozeada em posição de ataque simples da sílaba no meio da palavra;
- 5) *galinha* /g/ → [k] plosiva vozeada em posição de ataque simples da sílaba em início de palavra;
- 6) *margarida* /g/ → [k] plosiva vozeada em posição de ataque simples da sílaba no meio da palavra.

Salienta-se que a forma de captura de desvozeamento para as plosivas-alvo não obteve sucesso como o esperado e planejado para esse bloco, pois a metodologia empregada submete o informante a uma pressão para responder ou conversar forçosamente a respeito da imagem. A captura de voz de forma espontânea, como a entrevista sociolinguística da linha laboviana (LABOV, [1972] 2008), é muito mais produtiva em termos de obtenção de dados e deixa o informante praticamente sem a pressão para conversar sobre algum tópico.

No controle do VOT, buscou-se verificar se era negativo, variando de -125 ms a -75 ms, o que caracteriza as plosivas vozeadas; ou VOT zero, variando de 0 ms a +35 ms, característico de plosivas desvozeadas.

Ao analisar acusticamente as palavras pronunciadas pelos informantes, no total de cento e quarenta e quatro palavras, observou-se que apenas 5 informantes do total de vinte e quatro apresentaram desvozeamento e em algumas palavras. Dos 5 informantes, apenas a informante C.C.; 47 +; F;<sup>20</sup> desvozeou as plosivas-alvo em todas as palavras e posições da sílaba na palavra. Os demais informantes apresentaram desvozeamento em algumas palavras. Na produção das cento e quarenta e quatro palavras, apenas dezesseis

---

<sup>20</sup> As informações a respeito dos informantes seguem a respectiva ordem: Informante; Idade; Gênero; como em: C.C.; 47 +; F.

produções apresentaram um grau de desvozeamento em alguma posição, inicial ou medial da palavra.

Os informantes desvozearam mais as plosivas alvelar e velar do que a bilabial. Nas palavras-alvo *idosos* e *galinha*, houve 3 e 5 desvozeamentos, respectivamente, e nas demais palavras-alvo (*baile*, *trabalho*, *diretoria* e *margarida*), 2 desvozeamentos cada uma.

No Quadro 2, estão os valores de VOT dos informantes que apresentaram algum grau de desvozeamento das plosivas nas palavras específicas, acima elencadas, na análise acústica.

**Quadro 2 – Medidas de VOT para plosivas desvozeadas**

Informantes	Idade	Gênero	Medidas de VOT <sup>21</sup>					
			[b]		[d]		[g]	
			inicial	medial	inicial	medial	inicial	medial
<b>C.C.</b>	47 +	F	+12,7	+26,5	+14,85	+18,61	+23,81	+36,85
<b>D.M.</b>	15- 30	M					+33,5	
<b>E.L.</b>	47 +	M					+24,79	
<b>J.G.</b>	47+	M			+15,37	+28,88	+22,28	
<b>I.L.</b>	47+	F	+11,69	+20,61		+16,88	+19,23	+25,45

O grau de desvozeamento captado na análise é a medida em milissegundos do tempo entre a soltura da plosiva e o início do vozeamento, mensurado nas plosivas que cada informante produziu isoladamente. Os valores de VOT encontrados para esses 5 informantes enquadram-se nos valores das médias obtidas para o Pt, segundo o estudo de Lara e Battisti (2014). As médias obtidas pelas autoras foram de +13,70 ms para [p], +15,88 ms para [t] e +24,13 ms para [k]. Nesse estudo, os informantes produziram um desvozeamento similar a essas médias. A informante C.C.; 47 +; F; produziu o desvozeamento de todas as plosivas nas palavras-alvo, com VOT de +12,7 para [p], +14,85 para [t] e +23,81 para [k]. A informante I.L.; 47 +; F; também apresentou um desvozeamento característico do Pt de contato com o Hr: +11,69 para [p], +16,88 para [t] (em posição medial na palavra) e +19,23 para [k].

<sup>21</sup> As medidas estão em ms (símbolo para milissegundo).

Os valores de VOT obtidos nessa captura mostram-se peculiares ao falar de Glória, contrastando com os valores de VOT obtidos por outros estudos de português em contato com o Hunsrückisch e outras variedades de alemão. O Quadro 3, adaptado do Quadro 2 do trabalho de Lara e Battisti (2014), mostra as médias de VOT de diversos estudos para o português em contato com línguas minoritárias alemãs:

**Quadro 3 – Médias de VOT encontradas no PB, em línguas minoritárias alemãs e no PB de contato com o Hunsrückisch**

Autores	VOTs*	[p]	[t]	[k]
Istre (1983) (PB)		12 ms	18 ms	38 ms
Klein (1999) (PB)		17,70 ms (5,90:37,00)	16,78 ms (6,95:30,45)	37,85 ms (20,60:66,20)
Alves (2011) (PB)		16,32ms (20,60:66,20)	23,06 ms (20,60:66,20)	25,66 ms (11,80:34,88)
Cristofolini (2013) (PB)		22,37 ms (4,26:61,62)	20,28 ms (9,15:34,72)	47,61 ms (15,77:89,88)
Gewehr-Borella (2010) (Hunsrückisch)		27,36 ms	23,91 ms	40,85 ms
Bandeira (2010) (Pomerano)		51 ms	44 ms	76 ms
Valores de VOT neste estudo (PB de contato com o Hunsrückisch)		11,69 ms (4,06:29,58)	14,12 ms (1,99:41,85)	20,46 ms (7,49:46,15)

\* VOT dos segmentos desvozeados

FONTE: Adaptado de Lara e Battisti (2014, p. 48)

O desvozeamento verificado no Pt, neste estudo, não se deve a um simples processo de transferência do sistema linguístico das plosivas do Hr ao sistema linguístico das plosivas do português. Está de acordo com a tese de Mohanan e Mohanan (2003) de emergência de sistemas peculiares na situação de contato de línguas, os *offsprings*: a produção dos falantes não se conforma ao sistema de L1, nem o de L2, portanto, é um sistema emergente da tensão entre os sistemas de L1 e de L2. Por

isso, afirma-se ser este um sistema emergente (*offspring*) e o desvozeamento, característico do Pt-Hr em Glória, ratificando o estudo de Lara e Battisti (2014).

## 4.2 ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Foram analisados 19.317 contextos de desvozeamento das plosivas. Fizeram-se várias rodadas de dados. A primeira rodada revelou apenas 507 ocorrências desse processo. As 507 ocorrências em que houve desvozeamento representam 2,6% do total de dados.

Nas rodadas subsequentes, foram retirados os *knockouts*<sup>22</sup> e feitos procedimentos, como amalgamações<sup>23</sup>, para ajustá-los, totalizando 19.268 contextos. As amalgamações foram necessárias nas variáveis linguísticas: contexto precedente e seguinte. No contexto precedente, a amalgamação de tepe, fricativa e a lateral alveolar configurou o fator alveolares. Também foi necessária a amalgamação dos fatores vogal anterior e posterior. Amalgamados, os fatores da variável contexto precedente passaram a ser vazio, alveolares, vogal central, vogal (anterior e posterior) e nasal. No contexto seguinte, também foram amalgamados os fatores tepe, lateral e fricativa em alveolares, resultando nos fatores alveolares, vogal anterior, vogal posterior e vogal central. Todas as amalgamações justificaram-se pelo baixo número de contextos, ou seja, os fatores amalgamados não apresentaram dados suficientes para, na análise estatística (rodada de dados), obterem resultados significantes.

Conforme a ordem de seleção das variáveis pelo programa, obteve-se o seguinte ordenamento das variáveis controladas por grau de relevância no condicionamento do desvozeamento, do maior (1°) ao menor (7°):

- 1° Escolaridade;
- 2° Idade;
- 3° Tonicidade da sílaba;
- 4° Gênero;
- 5° Número de sílabas;

---

<sup>22</sup> *Knockouts* ocorrem quando o programa (pacote computacional VARBRUL, versão GoldVarb X) encontra fatores com 100% ou 0% de aplicação da regra.

<sup>23</sup> Amalgamação, segundo Guy e Zilles (2007, p. 188), é a combinação de fatores que “têm uma semelhança linguística ou social, e a junção dos dois constitui uma supercategoria racional”. O amálgama foi realizado para solucionar o problema da pequena quantidade de dados.

6º Contexto precedente;

7º Contexto seguinte.

Não houve nenhuma variável eliminada pelo programa. Os resultados da análise serão apresentados conforme essa ordem de seleção.

Do conjunto de fatores que compreende a variável escolaridade, o fator ensino fundamental, menor grau de escolaridade, apresentou maior frequência de aplicação do fenômeno linguístico estudado, com peso relativo de 0,91. Os informantes com nível superior (peso relativo 0,23) e com ensino médio (peso relativo 0,05) desfavorecem o processo, conforme os resultados da Tabela 1:

**Tabela 1 – Escolaridade**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Ens. Fundamental	490/8776	5,6	0,91
Ens. Superior	15/5843	0,3	0,23
Ens. Médio	2/4649	0,0	0,05
<b>TOTAL</b>	<b>507/19268</b>	<b>2,6</b>	

Input: 0,001

significância: 0,000

A hipótese para a variável escolaridade era a de que os informantes com o menor grau de instrução, ou seja, com ensino fundamental (completo ou incompleto) e o ensino médio (completo ou incompleto) fossem os favorecedores do desvozeamento das plosivas. Esta hipótese confirmou-se quando tratou dos informantes com ensino fundamental. Já os informantes com ensino médio e superior desfavorecem a aplicação da regra variável.

As práticas escolares implicam monolinguismo em português. Os informantes mais escolarizados, que têm ensino médio e superior, também são aqueles que exercem atividades profissionais na zona urbana, deslocando-se da zona rural para trabalhar na cidade diariamente. Por consequência, têm maior proficiência em Pt, é maior a probabilidade de anularem os efeitos de influência e transferência do Hr. Por exemplo, os informantes M.L.; 15-30; M; e A.S.; 31-46; F; têm ensino médio e trabalham em um escritório e na indústria, respectivamente; C.L.; 31-46; M; e D.M.; 15-30; M; cursam o ensino superior e trabalham em uma empresa; G.S.; 15-30; F; e I.F.; 31-46; F; têm ensino superior e trabalham em uma instituição financeira e em uma escola. No dia a dia, esses informantes desenvolvem atividades majoritariamente em Pt, enquanto os informantes que trabalham em suas propriedades rurais mantêm maior contato com a

fala em Hr. Por isso, quanto maior o nível de escolaridade dos informantes (ensino médio e superior), menor será a incidência de desvozeamento das plosivas.

A Tabela 2 compreende os resultados para o grupo de fatores idade:

**Tabela 2 – Idade**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
47 ou mais	446/7319	6,1	0,88
31-46 anos	46/6366	0,7	0,35
15-30 anos	15/5583	0,3	0,12
<b>TOTAL</b>	<b>507/19268</b>	<b>2,6</b>	

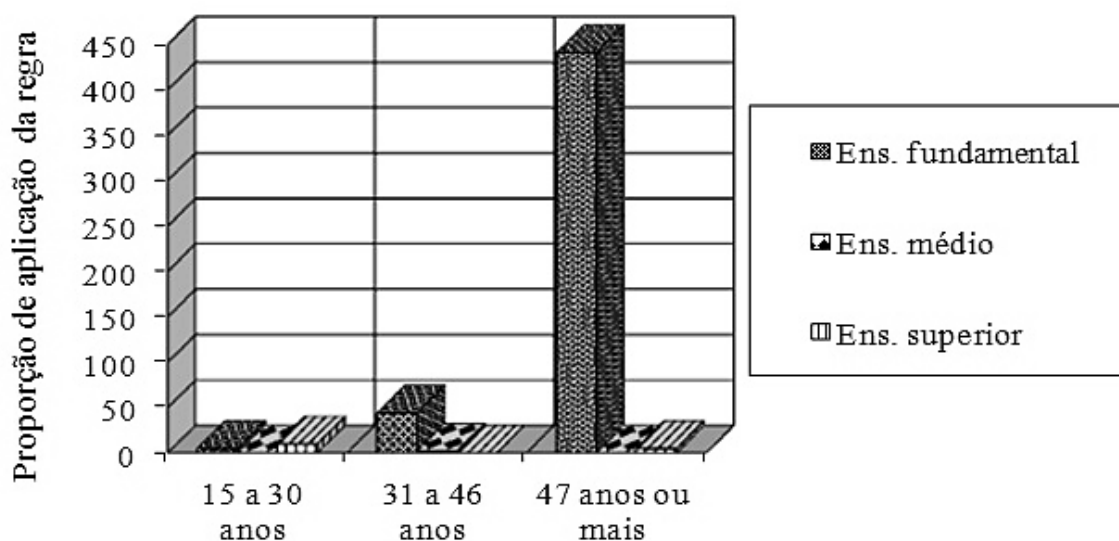
Input: 0,001

significância: 0,000

A variável idade apontou os mais velhos, com mais de 47 anos, como os que lideram o desvozeamento das plosivas, com peso relativo de 0,88. O grupo etário de 31 a 46 anos (0,35) e o grupo jovem, de 15 a 30 anos, (0,12), são desfavorecedores do desvozeamento das plosivas. A hipótese de que os informantes mais velhos condicionassem a regra foi confirmada. Isto se deve ao fato de os mais velhos desenvolverem práticas sociais locais, de eles ainda apresentarem bilinguismo ativo nas comunidades de prática, como escola, coral, bolão, ginástica, teatro, grupo de 3ª idade, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja. Informantes como I.B.; 66 anos; F; E.L.; 99 anos; M; são exemplos: participam dessas atividades, zelando pelas tradições locais. Como se vê mais adiante (capítulo 5), atuam como guardiões da memória coletiva do processo de imigração alemã ao Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

Na Figura 4, está o resultado do cruzamento das variáveis escolaridade e idade, com que se busca verificar a interação dessas características sociais frente ao processo de desvozeamento:



**Figura 4 – Cruzamento entre escolaridade e idade**

O cruzamento revela que não há diferença entre os níveis de escolaridade no grupo etário 15 a 30 anos. Começa a haver diferença no grupo etário intermediário, e se acentua no grupo 47 ou mais anos. A oposição entre fundamental, de um lado, e médio e superior, de outro, se mantém nos grupos 31 a 46 e 47 ou mais anos. Como se afirmou, isso deve estar relacionado às práticas sociais locais, que a informante C.C. ilustra: é do gênero feminino, com mais de 47 anos, tem o menor nível de escolaridade (ensino fundamental) e sua ocupação é L/A (Local/Aposentado). A informante C.C. participa de diversas comunidades de prática: coral, bolão, ginástica, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja, além de assumir um cargo na diretoria da comunidade. Esta informante realizou uma alta proporção de desvozeamento das plosivas, se comparada aos demais informantes (126 aplicações, 0,006539%).

Quanto à tonicidade da sílaba, a sílaba pretônica (0,81) e a sílaba tônica (0,72) são favorecedoras da aplicação da regra variável, enquanto a sílaba postônica é desfavorecedora (0,12), conforme a Tabela 3. Não se confirmou totalmente a hipótese para a tonicidade da sílaba, pois a sílaba pretônica também favoreceu o desvozeamento, e não somente a tônica, como se suspeitava.

**Tabela 3 – Tonicidade da sílaba**

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Pretônica ( <i>guria</i> )	185/2919	6,3	0,81
Tônica ( <i>duas</i> )	308/9580	3,2	0,72
Postônica ( <i>tarde</i> )	14/6769	0,2	0,12
TOTAL	507/19268	2,6	

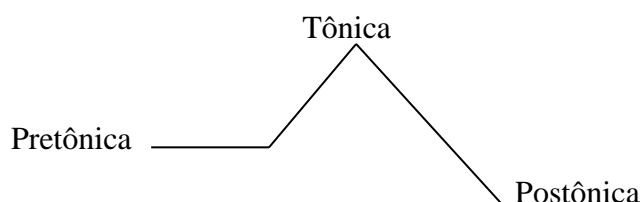
Input: 0,001

significância: 0,000

Os resultados apresentados na Tabela 3 corroboram o que foi observado por Gewehr-Borella (2014) quanto ao papel da tonicidade silábica. A autora verificou que, nas sílabas tônicas e pretônicas, a proporção de desvozeamento é maior do que em sílabas postônicas.

Numa representação para a tonicidade relativa das sílabas nas diferentes posições da palavra (Figura 5), vê-se que a força articulatória iniciada nas sílabas pretônicas atinge o ápice nas tônicas, diminuindo essa força nas sílabas postônicas, Como se pode observar em Pt: [a'migʊ] para *amigo*, a última sílaba contém o alvo da regra e é átona, razão pela qual será menos desvozeada do que plosivas em outras posições da palavra.

**Figura 5 – Representação da tonicidade silábica**



FONTE: Da autora

Entende-se que a proporção de desvozeamento é maior nas sílabas pretônicas e tônicas porque o falante empreende maior força articulatória para a produção destas sílabas do que em sílabas postônicas.

A hipótese de que o gênero feminino tende a promover mais do que o masculino a aplicação de regra variável foi confirmada. Na Tabela 4, são expressos os valores:

**Tabela 4 – Gênero**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Feminino	437/9722	4,5	0,70
Masculino	70/9546	0,7	0,29
TOTAL	507/19268	2,6	

Input: 0,001

significância: 0,000

As mulheres, com peso relativo de 0,70, condicionam a regra variável, já os homens desfavorecem o processo, com peso relativo de 0,29. Das doze informantes do gênero feminino, 8 permanecem com atividades na zona rural e 4 mulheres trabalham em centros urbanos como professoras, bancária e industriária. A maioria delas

permanece mais em casa, em atividades locais. Já dos homens, (3 informantes) trabalham nas propriedades rurais, enquanto 9 saem para trabalhar em centros urbanos.

Em Lara (2013), foi realizado o cruzamento entre as variáveis gênero e idade e gênero e escolaridade para elucidar o porquê de o gênero feminino apresentar uma proporção de aplicação da regra maior do que o gênero masculino. Os cruzamentos evidenciaram que o gênero feminino, com mais de 47 anos, ensino fundamental, lidera o processo variável de vozeamento/desvozeamento das plosivas. Segundo Lara (2013), isto se justifica porque os homens mais velhos (+ de 47 anos) tiveram a oportunidade de estudar em centros urbanos quando jovens, e as mulheres não, pois permaneciam no trabalho em propriedades rurais enquanto os homens seguiam seus estudos na cidade, além de buscarem melhorias para as atividades agrícolas através de negócios no comércio. Essa interpretação é assumida também no presente trabalho.

Battisti e Lara (2015, p. 138-141) discutem esses resultados a respeito da questão sexo/gênero feminino no processo de vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais. O papel desempenhado pelas mulheres e sua relação com o processo investigado sugere que, desde muito pequenas, as mulheres são orientadas, pelas mães (31 a 46 anos) e avós (mais de 47 anos), para o trabalho, a ajudar em casa ou na escola, a cuidar da casa e dos filhos e a participar das atividades da comunidade, como o clube de mães, grupo do apostolado da oração, ginástica.

Há algumas gerações, as mulheres da faixa etária de 15 a 30 anos também começaram a trabalhar em uma área de conhecimento ou prática diferente daquela a que habitualmente se dedicavam, direcionadas aos centros urbanos de Estrela, Fazenda Vilanova, Bom Retiro do Sul, Teutônia, Lajeado e outras comunidades vizinhas. Com o deslocamento diário, passaram a trabalhar no comércio, escritórios, bancos, supermercados, indústrias e no período da noite começaram a estudar.

Além disso, nessa faixa etária, se encontram também mulheres trabalhando em casa em atividades agrícolas como o plantio de milho, soja e outros produtos; no trato de vacas leiteiras, suínos e aves (frango de corte). As informantes T.L.; de 26 anos; F; e D.A.; 17 anos; F; por exemplo, desenvolvem na agricultura, por opção, atividades tão rentáveis ou mais quanto as desempenhadas pelas mulheres que se direcionam ao trabalho na cidade. Sobre isso, uma informante expõe:

[...] trabalho de dia numa instituição financeira, volto pra casa, tomo meu banho, vô pra escola, quando volto, às vezes, tem trabalho pra fazê [...], há oito anos fazendo a faculdade. [...] eu tenho colegas inclusive que foram

meus colegas de aula que hoje tão seguindo a atividade junto com os pais, né, muita área de terra, uns com leite, uns com suínos, aves, conheço bastante gente. [...] eu quando chego em casa [...] tô na rua, né, to mexendo no pátio, alguma coisa a gente sempre faz. (G.S., fem., 28 anos)

Por outro lado, as mulheres da faixa etária intermediária, de 31 a 46 anos, prendem-se, de certa forma, às atividades locais nas propriedades rurais familiares, além de prestarem serviços nos centros urbanos como diaristas ou trabalharem em fábricas. A informante A.S.; 31-46; F; declara:

meu dia a dia é levantá cedo, botá o café na mesa, se arrumá e vô pro serviço, eu trabalho o dia inteiro fora, volto de tardezinha, né. [...] a gente sai assim quando tem alguma coisa, a gente participa da comunidade e assim quando tem algum evento (festas da comunidade) a gente sempre, sempre ajuda, né, não tem um evento que a gente fica de fora, a gente sempre trabalha ou participa da diretoria (da comunidade). [...] eu assumi a se candidata a presidente do coral, né, eu escolhi então doze mulheres, né, a diretoria e formada só por mulheres. (A.S., fem., 42 anos)

Essas mulheres têm uma dupla rotina de trabalho, como D.L.; 47+; F,;

eu levanto cedo, ajudo a minha filha que fica cuidando da propriedade [...] levanto às cinco horas, fazemo todo o trabalho: tirá leite, tratá (os animais) [...] depois vô pra cidade trabalhá. Vai fazê agora em maio oito anos que eu tô nessa rotina, trabalhando no sindicato dos trabalhadores rurais. (D.L., fem., 55 anos)

Muitas das mulheres, com mais de 47 anos, estão aposentadas.<sup>24</sup> Nesse grupo etário, apresentam índices significativos de desvozeamento das plosivas bilabiais. Justifica-se esse fato por elas estarem envolvidas com as práticas sociais da comunidade, que reforçam práticas bilíngues, promovendo o contato Pt-Hr. Desempenham papéis de liderança, como a informante I.L.; 60 anos; F; aposentada como agricultora. Ela organiza grupos de atividades comunitárias que são, por sua vez, a forma de lazer local. Por exemplo, I.L. participa da coordenação do coral (encontros semanais), jogo de bolão (esporadicamente), ginástica (uma vez por semana), teatro (apresentação de natal), grupo de 3ª idade (mensal), apostolado da oração (contato mensal), vôlei (semanal), clube de mães (reunião mensal), da escola e igreja (contínuo). Nesses momentos, conduz as práticas ligadas a tradições locais, fazendo uso da linguagem em que traços do contato do Pt-Hr emergem, como no relato:

---

<sup>24</sup> As agricultoras, em regime de economia familiar, têm direito à aposentadoria aos 55 anos, de acordo com os termos da Lei 8.213.

[...] o clube de mães, o que que nós fizemo, né, por exemplo, ajudemo a comunidade, cada fim do ano a *tiretoria* intrega e compra algumas coisas pra comunidade, ela vê o que que falta, ou pra *icreja* e participa também da parte litúrgica da missa, assim, as leituras, né. Porque tem cada domingo (missa), e o clube de mães, a *tiretoria* escolhe o clube de mães ou a turma da catequese ou a comunidade ou a apostolado [...] isso que participemo, assim. [...] a gente ensaia toda semana (no coral), o ano inteiro, toda semana, [...] nós ensaiemo cantos pra *paile*, festa e fúnebres que é o objetivo do nosso coral, né, então, a gente tem compromisso e canta no natal, enterro dos associados e casamento se eles querem, e natal, *kerp*, páscoa. [...] eu não sei se já perdi um (baile) nós sempre *trapalhem* (na organização do baile), né. (I.L., fem., 60 anos)

A fala de I.B.; 66 anos; F; professora aposentada, também reflete o valor das práticas sociais locais e o envolvimento das mulheres com elas.

O meu envolvimento com a comunidade foi intenso e ainda é bastante intenso. [...] depois que eu me aposentei aqui como diretora (da escola), encaminhei a aposentadoria depois de dez anos de direção [...] eu moro com meu pai e continuo com uma vida bastante ativa aqui na comunidade, né, sô secretária da sociedade Santa Cecília que é a sociedade de cantores, envolve mais ou menos trinta membros, trinta cantores, trinta e cinco, né, [...] eu sou secretária do clube de mães que exige bastante também, a gente se envolve bastante, também sou vice-tesoureira da sociedade de água potável da comunidade [...] além assim, né, de atividades sociais, né, [...] nessa parte cultural sempre tem alguma coisa pra gente se envolvê [...] participo do grupo vida saudável (grupo de ginástica), do qual sou vice-coordenadora. (I.B., fem., 66 anos)

Pode-se considerar estas mulheres como líderes culturais da comunidade. Atuam como zeladoras de tradições, guardiãs da memória coletiva relacionada ao processo de imigração alemã ao Brasil e sua fixação nos territórios do Sul. Em termos linguísticos, pode-se pensar que o português com traços do falar dialetal seja, em alguma medida, uma prática estilística, uma manifestação de identidade local que legitima o desempenho do papel de líder nas comunidades de prática (BATTISTI e LARA, 2015, p. 140-141).

Diante da constatação do papel condicionador do sexo/gênero feminino no desvozeamento das plosivas, mas dada a baixa proporção total de aplicação do processo na comunidade (apenas 2,6 %), pode-se afirmar que as mulheres mantêm um uso linguístico que caminha para a extinção. Para as próximas gerações, a tendência que se visualiza nos grupos etários mais jovens é a do desaparecimento do traço linguístico do desvozeamento, mesmo entre as mulheres.

Quanto ao número de sílabas, as palavras trissílabas, tendo peso relativo de 0,61, e as polissílabas (0,57) foram favorecedoras do processo; as dissílabas (0,54) ficaram

com o peso relativo em torno do ponto neutro (próximo de 0,50); e as monossílabas (0,25) desfavoreceram a aplicação da regra variável. A Tabela 5 traz os resultados:

**Tabela 5 – Número de sílabas**

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Trissílabas ( <i>colega</i> )	156/4936	3,2	0,61
Polissílabas ( <i>complicado</i> )	73/3809	1,9	0,57
Dissílabas ( <i>dele</i> )	185/6219	3,0	0,54
Monossílabas ( <i>do</i> )	93/4304	2,2	0,25
TOTAL	507/19268	2,6	

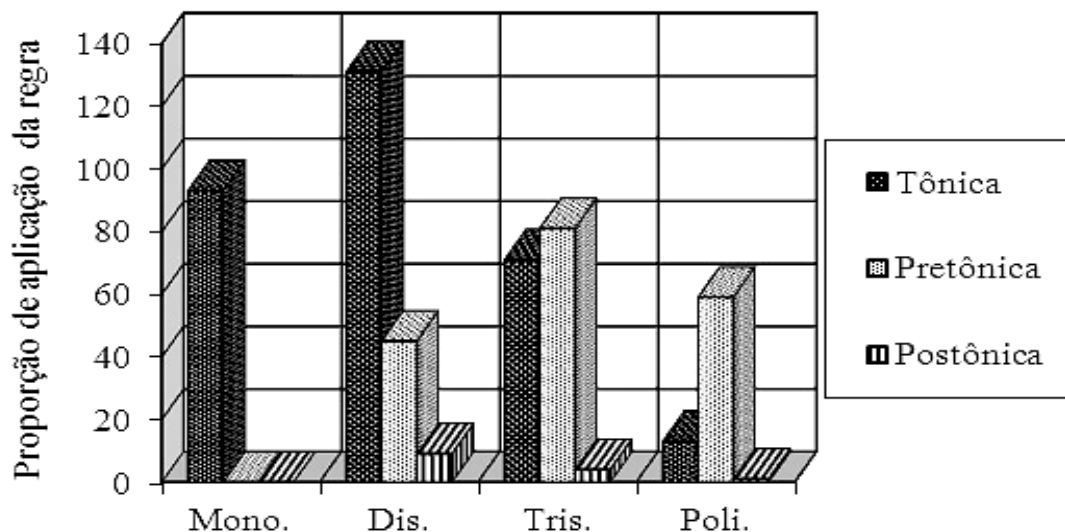
Input: 0,001

significância: 0,000

A hipótese para o número de sílabas das palavras analisadas não se confirmou, uma vez que foram palavras com maior número de sílabas as desencadeadoras da aplicação da regra variável.

Buscando compreender esse resultado, cruzaram-se as variáveis tonicidade da sílaba e número de sílabas. O resultado está na Figura 6.

**Figura 6 – Cruzamento entre tonicidade da sílaba e número de sílabas**



Observa-se nesse cruzamento entre a tonicidade da sílaba (sílabas tônica, pretônica e postônica) e o número de sílabas (monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas) que a tendência à aplicação do desvozeamento na sílaba pretônica aumenta à medida que aumentam o número de sílabas da palavra. A sílaba tônica tem maior proporção de aplicação em monossílabos e dissílabos. Disso se infere que talvez a posição da sílaba na palavra sobreponha-se, em termos de efeitos, ao número de sílabas. As sílabas iniciais, sejam tônicas ou pretônicas, são mais afetadas pelo desvozeamento.

Os resultados da Tabela 6, referentes à variável contexto precedente, apontaram o fator vazio (peso relativo de 0,64) como condicionador da aplicação da regra; o fator alveolares (a amalgamação de tepe, fricativa e a lateral alveolar) está no ponto neutro (0,50); as vogais central (peso relativo de 0,46), anterior e posterior (0,35) e a consoante nasal (peso relativo de 0,39) são desfavorecedoras do desvozeamento.

**Tabela 6 – Contexto precedente**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Vazio ( <i>_gosto</i> )	364/8140	4,5	0,64
Alveolares ( <i>desde</i> )	10/413	2,4	0,50
Vogal central ( <i>cada</i> )	51/3149	1,6	0,46
Nasal ( <i>ajudando</i> )	17/2452	0,7	0,39
Vogal anterior e posterior ( <i>amigo, tudo</i> )	65/5114	1,3	0,35
<b>TOTAL</b>	<b>507/19268</b>	<b>2,6</b>	

Input: 0,001

significância: 0,000

O fator vazio confirmou nossa hipótese, talvez porque a ausência de possibilidade de juntura com segmentos/sílabas antecedentes implique a impossibilidade de assimilar vozeamento.

A variável contexto seguinte apresentou como condicionantes da aplicação da regra os fatores alveolares (as consoantes alveolares tepe, lateral e fricativa também foram amalgamadas), com peso relativo de 0,65 e a vogal posterior (0,58). A vogal anterior e a central foram desfavorecedoras. Os resultados estão na Tabela 7:

**Tabela 7 – Contexto seguinte**

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Alveolares ( <i>agradável</i> )	49/798	6,1	0,65
Vogal posterior ( <i>fazendo</i> )	140/6216	2,3	0,58
Vogal anterior ( <i>dia</i> )	224/7238	3,1	0,45
Vogal central ( <i>daí</i> )	94/5016	1,9	0,42
<b>TOTAL</b>	<b>507/19268</b>	<b>2,6</b>	

Input: 0,001

significância: 0,000

A hipótese em relação à variável contexto seguinte, de que a vogal central fosse condicionadora do processo de desvozeamento das plosivas, foi refutada. Os valores dos pesos relativos para as alveolares talvez se devam ao fato de, em *onsets* complexos, a consoante seguinte à plosiva ser /r/ ou /l/. A consoante plosiva estaria mais à margem da sílaba, local de menor soância, segundo o Princípio de Sequência de Sonoridade

(CLEMENTS, 1990). De acordo com esse princípio, os segmentos encontram-se dispostos em uma escala de sonoridade em que aqueles com maior sonoridade são ordenados mais próximos do centro da sílaba e os segmentos de menor sonoridade mais perto da margem. Na distribuição dos segmentos na estrutura silábica, respeita-se a sonoridade, que aumenta em direção ao núcleo e decresce a partir dele. Ou seja, o Princípio de Sequência de Sonoridade pressupõe que a sílaba tem um contorno de sonoridade, crescente do *onset* para o núcleo e decrescente do núcleo para a coda.

É o que já afirmava Câmara Jr. (1959, p. 83), que define a sílaba como “uma ascensão até um ápice, acompanhada de um declínio, quer se caracterizem uma e outro em termos de impulso de ar, de energia de emissão ou de sonoridade”.

No Quadro 4 estão, para fins de comparação, as variáveis *independentes* condicionadoras de Lara (2013), com dados da mesma localidade e dos mesmos informantes, mas referentes apenas às plosivas bilabiais, e os resultados deste estudo, referentes à toda série de plosivas – alveolares, bilabiais, velares:

**Quadro 4 – Fatores linguísticos e sociais condicionadores do desvozeamento das plosivas**

<b>Variáveis <i>independentes</i></b>	<b>Estudo de Lara (2013), desvozeamento de plosivas bilabiais</b>	<b>Este estudo, desvozeamento de plosivas bilabial, alveolar e velar</b>
Escolaridade	ensino fundamental (0,81)	ensino fundamental (0,91)
Idade	47 anos ou mais (0,86)	47 anos ou mais (0,88)
Tonicidade da sílaba	sílaba tônica (0,58)	sílaba pretônica (0,81) sílaba tônica (0,72)
Gênero	feminino (0,61)	feminino (0,70)
Número de sílabas	dissílabas (0,55)	trissílabas (0,61) polissílabas (0,57)
Contexto precedente	tepe alveolar (0,99) vogal central (0,62)	vazio (0,64)
Contexto seguinte	vogal central (0,66)	alveolares (0,65) vogal posterior (0,58)

Os resultados para escolaridade, idade e gênero são similares nos dois estudos, com o condicionamento pelo nível fundamental, idade de 47 ou mais anos e gênero



feminino. Os resultados para tonicidade também são similares, com destaque para sílabas de maior tonicidade. As maiores diferenças entre os resultados estão no número de sílabas e nos contextos fonológicos precedente e seguinte. Isso, de certa forma, era de se esperar, considerando-se a distinta natureza articulatória dos segmentos analisados num e noutro estudo e, por consequência, os efeitos diversos do entorno fonético-fonológico na realização dos segmentos.

O processo de desvozeamento, na fala em Pt dos informantes da pesquisa, das plosivas bilabial, alveolar e velar é de apenas 2,6% de aplicação. No estudo de Lara (2013), a proporção de vozeamento/desvozeamento variável das plosivas bilabiais foi menor ainda, 1,6 % de aplicação. Os baixos índices reforçam a ideia de que o desvozeamento em Glória seja apenas um resíduo do contato Pt-Hr e não mais uma regra variável. O processo dá mostras de estar rumando para o desaparecimento no Pt.

Apesar de a análise de regra variável realizada neste estudo indicar variáveis linguísticas e extralinguísticas favorecedoras do processo de desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar, a mudança linguística em curso (não-aplicação do desvozeamento) está quase completa na comunidade: é promovida pelos mais jovens, que têm menor contato com as práticas sociais locais e apresentam pouca ou nenhuma proficiência em Hr.

Assim como Schneider (2007), Lara (2013) e Gewehr-Borella (2014), cujos resultados sugerem o gradual desaparecimento da variedade do alemão falada nas comunidades do Rio Grande do Sul por elas pesquisadas, verifica-se, neste estudo, que a fala em português dos habitantes de Glória, descendentes de imigrantes alemães, está se encaminhando para a produção das plosivas sem traços do contato com o Hr. Neste estudo, averiguou-se que o valor de *input*, que indica a tendência geral de a comunidade aplicar o processo, é de 0,01, muito baixo. Ou seja, a comunidade de Glória tende a não promover o desvozeamento das plosivas, muito provavelmente porque o contato Pt-Hr também esteja desaparecendo, dando lugar ao monolingüismo em português.

A relação entre a análise de regra variável e o estudo de atitudes linguísticas tem por finalidade esclarecer o comportamento linguístico dos falantes de Pt-Hr, em Glória, referente às formas desvozeadas no Pt. A constatação, por meio da análise de regra variável, de que o desvozeamento das plosivas é baixo necessita do estudo de atitudes linguísticas para identificar as razões do possível desaparecimento do contato Pt-Hr, que será abordado no capítulo seguinte.

## 5 ATITUDES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO AO Pt, AO Hr E AOS TRAÇOS DO CONTATO Pt-Hr

Neste capítulo, apresentam-se a descrição dos resultados obtidos por meio do estudo de atitudes linguísticas, bem como a discussão e a interpretação dos mesmos. Busca-se dar conta do objetivo específico (b) da pesquisa, de esclarecer as atitudes linguísticas dos informantes em relação ao Pt, ao Hr e aos traços do contato Pt-Hr, na investigação de como essas atitudes se relacionam ao padrão de desvozeamento variável. Ao final do capítulo, na seção 5.6, retomam-se os principais resultados das duas análises, de regra variável e de atitudes linguísticas, para discutir tal relação e responder às questões-problema desta tese (Capítulo 1).

Como já afirmado anteriormente, no capítulo 3, Metodologia, os sujeitos deste estudo não foram submetidos a gravações de amostras de fala para emitir juízos de valor sobre elas, como em investigações na linha de Lambert et. al. (1960) no estudo de atitudes linguísticas (*matched-guised technique*, ou técnica de estímulos pareados). Captou-se essa projeção de valores com um questionário cujas respostas, analisadas e discutidas, são abordadas neste capítulo.

O questionário foi estruturado em seis blocos, que serão seguidos na apresentação e discussão das respostas:

Bloco I – Informações gerais;

Bloco II – Línguas e seu uso: (1) Línguas; (2) Hunsrückisch; (3) Português; (4) Uso das línguas;

Bloco III – Línguas, pessoas, atitudes: (1) Línguas e pessoas; (2) Atitudes pessoais; (3) Os alemães são; (4) A língua portuguesa é; (5) Os brasileiros são; (6) O Hunsrückisch é;

Bloco IV – Países;

Bloco V – Qualidades pessoais mais importantes;

Bloco VI – Palavras.

As respostas receberam tratamento estatístico com o SPSS. Como se verá, o fato de o processo de desvozeamento ter aplicação muito baixa (2,6% do total de dados) afeta todos os resultados desta parte da análise. Assim, a tendência é de os resultados estatísticos do estudo de atitudes serem marginalmente significativos. No entanto, apesar de já se saber que o vozeamento/desvozeamento das plosivas labiais é baixíssimo

em Glória, conforme o estudo de Lara (2013), não se sabia (a) como a análise se comportaria na investigação do processo de desvozeamento, apenas; e (b) tampouco se o fato de se considerar todas as plosivas faria diferença. Ou seja, a verificação de baixa aplicação, tanto pela análise de regra variável quanto pelo SPSS, é um resultado indicador de que não há variação, e sim um traço eventualmente manipulado por questões estilísticas, seja em piadas, por exemplo, ou querendo-se construir algum sentido na interação entre os indivíduos de uma comunidade de prática específica.

## 5.1 BLOCO I – PERFIL DOS INFORMANTES

Na análise do perfil dos informantes com base nas respostas ao bloco I do questionário, compilaram-se as informações gerais em categorias: idade (considerando três faixas etárias: de 15 a 30 anos, 31 a 46 anos e mais de 47 anos); gênero (masculino e feminino); grau de instrução (três níveis de escolaridade); local de nascimento (cidade em que o informante e seus pais nasceram); local de moradia e tempo em que reside no local; se já morou em outros lugares e por quanto tempo; e profissão (do informante e de seus pais).

Os informantes encaixam-se nos seguintes perfis: têm de 15 a 30 anos; 31 a 46 anos e mais de 47 anos; doze informantes são do gênero feminino e doze do gênero masculino; foram estratificados em três níveis de ensino: ensino fundamental, médio e superior. Em cada nível, havia a opção incompleto ou completo, para abranger aqueles que completaram apenas os anos iniciais, e como forma de adaptar o nível de escolaridade dos informantes mais velhos. Antigamente, esses faziam o primário, ginásio e colegial. O fato de os informantes terem o nível de escolaridade fundamental incompleto, por exemplo, pode repercutir sobre o desvozeamento diferentemente do fato de terem o nível de escolaridade fundamental completo. O tempo de permanência no ambiente escolar deve estar relacionado com o desempenho das habilidades tanto oral quanto escrita na língua majoritária.

Os vinte e quatro informantes da pesquisa nasceram em apenas três localidades diferentes, porém, todas no Rio Grande do Sul e na mesma região, o Vale do Taquari: Estrela (vinte informantes), Bom Retiro do Sul (3) e Arroio do Meio (1). Já para os pais dos informantes, o local de nascimento do pai e da mãe foi tratado separadamente,

atribuindo-se o valor 1 para nascidos em Estrela e 2, em outras cidades. São 4 pais e 3 mães nascidos em outras localidades. A maioria dos informantes (dezessete) sempre morou em Glória e 7 informantes moraram em outro lugar. Desses 7 informantes, 3 foram prestar o serviço militar obrigatório<sup>25</sup>, por um período de até 1 ano; e 4 informantes moraram no período da infância em outras cidades, por mais de 10 anos, pois foram morar quando eram crianças em Glória.

Em relação ao perfil dos informantes na variável profissão, amalgamaram-se as profissões em duas categorias: com muita interação e pouca interação. As profissões com muita interação envolvem aquelas em que o sujeito tem contato constantemente com outras pessoas, interagindo em Pt ou em Hr, mas predominantemente na língua majoritária (são exemplos: comerciante, professor, barbeiro, promotor de vendas, bancária). As profissões com pouca interação são aquelas em que o sujeito geralmente trabalha sozinho ou no núcleo familiar apenas (agricultor, dona de casa).

A maior parte dos pais dos informantes foi e é de agricultores e desenvolviam ou desenvolvem as atividades em sua propriedade rural, enquanto as mães eram/são donas de casa e também exerciam/exercem a atividade de agricultoras. Portanto, para os pais dos informantes, a interação era pouca, ou seja, as profissões exercidas eram de trabalhos sem muito contato com outras pessoas, ficavam restritos ao núcleo familiar. Geralmente, eram os homens que saíam para resolver os negócios da propriedade na cidade, quando necessário. O Quadro 5 resume as informações levantadas no bloco I do questionário:

---

<sup>25</sup> O serviço militar é obrigatório no Brasil. “Desde 1906, o alistamento militar é um ato obrigatório a todo brasileiro nato, do sexo masculino, que completa 18 anos de idade [...] voltado aos jovens que ingressam nas Forças Armadas brasileiras”. Em Estrela, os jovens que são convocados para prestar o serviço militar vão para o quartel de São Gabriel, RS.

Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2012/04/alistamento-militar-e-obrigatorio-a-todo-brasileiro-de-18-anos>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

**Quadro 5 – Perfil dos informantes**

<b>Idade</b>	15 a 30 anos	31 a 46 anos	47 anos ou mais
<b>Gênero</b>	Feminino	Masculino	
<b>Grau de instrução</b>	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino Superior
<b>Local de nascimento do informante</b>	Estrela: (20 informantes)	Bom Retiro do Sul: (3 informantes)	Arroio do Meio: (1 informante)
<b>Local de nascimento dos pais</b>	Pai: nascidos em Estrela (20)  outras cidades (4)	Mãe: nascidas em Estrela (21)  outras cidades (3)	
<b>Local de moradia / tempo em que reside no local</b>	Glória: sempre morou (17 informantes)	Outros lugares: (7 informantes)	
<b>Profissões (do informante e de seus pais)</b>	Com muita interação: comerciante professor barbeiro promotor de vendas bancária	Com pouca interação: agricultor dona de casa	

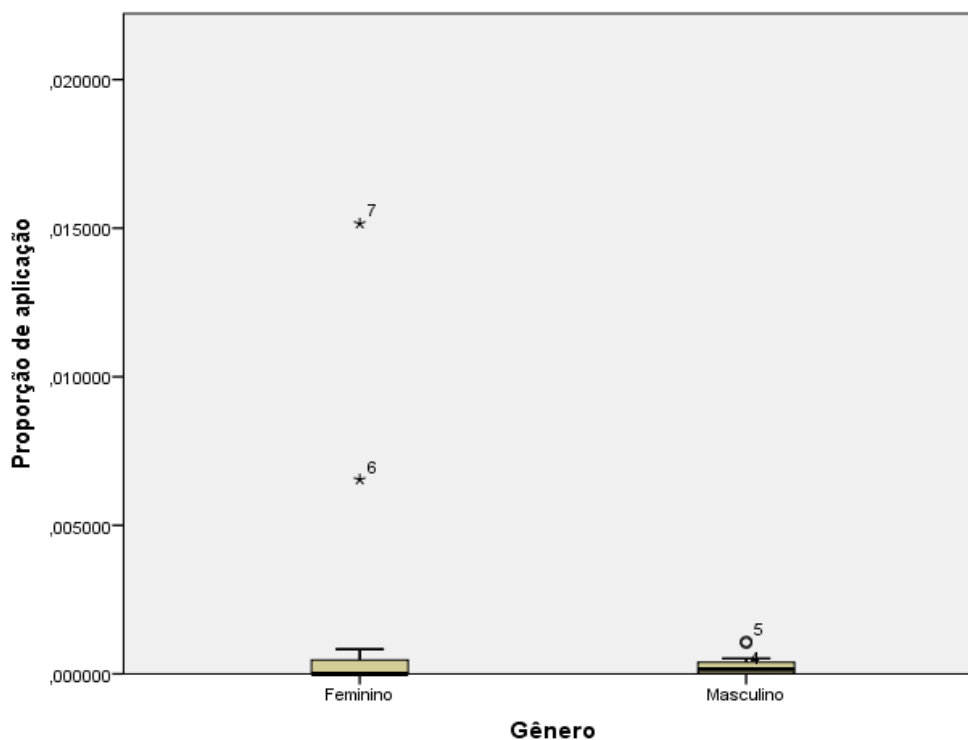
Já os informantes que apresentam maior interação em suas profissões, com mais oportunidades de estudo do que seus pais, obtêm empregos na cidade, além de alguns continuarem exercendo atividades agrícolas juntamente com outra profissão. Como a maioria dos informantes trabalha em Estrela ou nas cidades vizinhas, nas zonas urbanas, e reside em Glória, zona rural, desloca-se para os centros urbanos diariamente e retorna para a zona rural no final do dia, como já observado em Lara (2013).

A baixa aplicação do desvozeamento mostra seus efeitos sobre a análise estatística com o SPSS já no exame da variável gênero, como verificado no teste ANOVA e Chi-quadrado. Com o teste ANOVA, combinadas a variável-alvo (Proporção de aplicação) e a média dos grupos feminino e masculino (variável gênero), não há significância. Este resultado diverge do encontrado na análise de regra variável com o Goldvarb X, segundo o qual as mulheres têm maior proporção de aplicação do que os homens e condicionam a regra (ver Tabela 4 - Gênero). Para averiguar esta divergência

de resultados, realizou-se o teste Chi-quadrado. Nesse teste, também não há diferenças significativas para a variável gênero. Diante disso, o fato de a variável gênero não ter se mostrado significativa surpreende. Os resultados do Goldvarb X, na análise de regra variável, sugerem uma influência que não se comprova estatisticamente com os testes do SPSS.

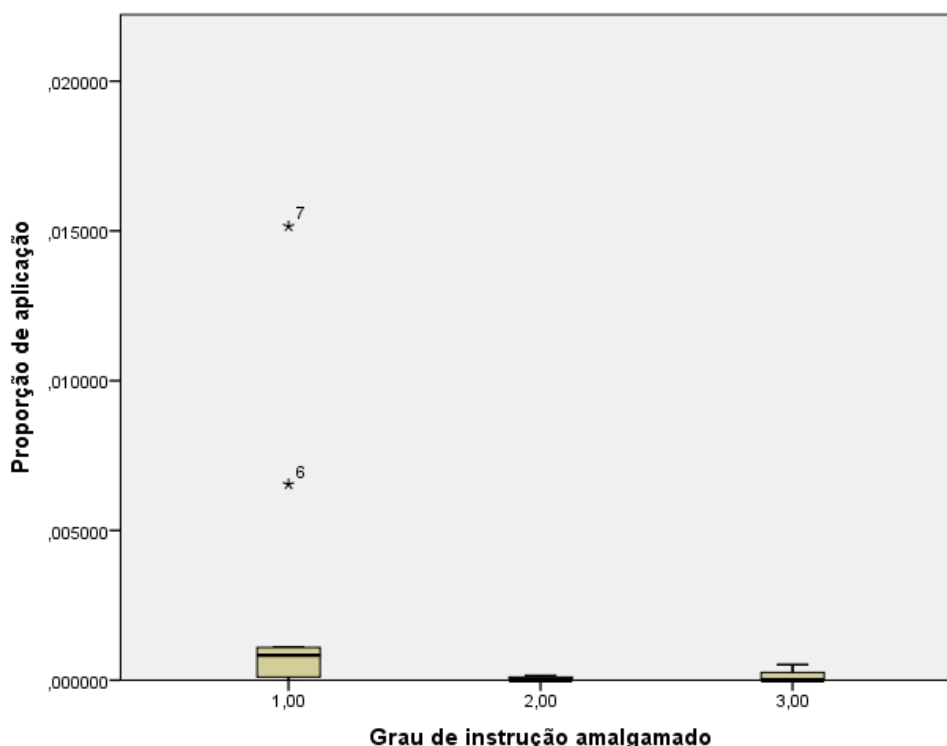
A análise do questionário de atitudes linguísticas indica as mulheres como as que mais falam Hr, o que por seu turno poderia ter efeito sobre o desvozeamento em português. A Figura 7 mostra que das doze informantes do gênero feminino, 5 mantêm a fala dialetal todos os dias (maior frequência), 2 mulheres frequentemente e 2 mulheres de vez em quando, nas interações no núcleo familiar ou na comunidade. Apenas 2 mulheres marcaram que raras vezes utilizam o dialeto e 1 mulher nunca (menor frequência) usa o Hr. Do total de doze informantes do gênero masculino, 3 deles marcaram que mantêm a fala em Hr todos os dias (maior frequência), 2 homens frequentemente e 2 de vez em quando. Ainda, 3 homens assinalaram raras vezes e 2 homens nunca (menor frequência) usam o dialeto nas interações com a família ou na comunidade. Na Figura 7, mostra-se o cruzamento entre as variáveis proporção de aplicação e gênero:

**Figura 7 – Cruzamento entre proporção de aplicação e gênero**



Outras variáveis se apresentaram significativas. Confirma-se, no estudo de atitudes, a hipótese para a variável escolaridade, como já evidenciado na análise de regra variável. No SPSS, o teste exato de Fisher delimitou 0,59, arredondada para 6%, a significância da variável escolaridade. Para tanto, os níveis de instrução foram amalgamados, como apresentados na Figura 8: (1) ensino fundamental (incompleto e completo); (2) ensino médio (incompleto e completo) e (3) ensino superior (incompleto e completo). Os resultados reforçam o nível de escolaridade ensino fundamental, isto é, fato de ter baixa escolaridade como condicionador do desvozeamento. Como já verificado na análise de regra variável, o resultado obtido no SPSS enfatiza a relação de que quanto maior a escolaridade, a exposição ao português e a idealização de práticas sociais em português, menos ocorre o desvozeamento das plosivas. Ou seja, o nível ensino fundamental é o único que se pode afirmar como significativo. A Figura 8 mostra o cruzamento entre as variáveis proporção de aplicação e escolaridade:

**Figura 8 – Cruzamento entre proporção de aplicação e escolaridade**



A escola é uma agência de socialização em que práticas culturais são realizadas (DURANTI, 1997). Na escola, ambiente de participação, promovem-se as práticas culturais conjuntas em português. Tais práticas tornam-se fator determinante para o progresso do Pt em detrimento do Hr em comunidades como Glória.

Como afirmam Rosa, Damke e Von Borstel (2008, p. 8) sobre Missal, um município de base étnica alemã, similar em alguma medida a Glória:

Entende-se assim a cultura como um conjunto de atitudes usadas por determinadas pessoas ou grupos sociais. Essa cultura é representada nas diversas manifestações como, por exemplo, os encontros de famílias de descendentes alemães, as festas típicas, os jantares típicos ou outros eventos onde a gastronomia alemã é destaque ou ainda em outros eventos onde a língua e cultura alemãs estão presentes. Exemplo a ser citado aqui é o caso da *Deutsches Fest*, festa típica alemã, que ocorre a cada ano na cidade de Missal. Nesta festa há a presença do elemento étnico, representado no uso da língua/cultura através das músicas, trajes e comidas típicas, sendo esses elementos considerados como fatores de reconhecimento e pertencimento identitário e cultural, mesmo que haja um processo de hibridização linguística, cultural e socioletal na comunidade.

Nessa primeira etapa do questionário, a variável Q011a “Onde nasceu sua mãe”, amalgamada em (1) Estrela e (2) outro lugar, apresenta 6% (*Fisher's Exact Test*: 0,59) de significância. A hipótese para esta variável foi confirmada: suspeita-se que a mãe exerceria um papel social mais dinâmico do que o pai, por exemplo, no período da aquisição da linguagem, durante o período escolar e no convívio familiar.

O papel de mãe influencia as interações sociais, quer seja em Hr, quer seja em Pt ou em ambas as línguas. É no momento da aquisição da linguagem que se recebe o “*input* linguístico que caracteriza uma comunidade ou grupo falante, veicula seus modelos socioculturais e exerce uma pressão socializadora sobre o uso individual da linguagem no interior dessa comunidade ou grupo” (BORGES; SALOMÃO, 2003, p. 331). Os resultados do cruzamento entre proporção de aplicação e lugar de nascimento da mãe estão expressos no Quadro 6:



**Quadro 6 – Cruzamento entre proporção de aplicação  
e lugar de nascimento da mãe**

		Onde nasceu sua mãe amalgamado		Total
		(1) Estrela	(2) Outro lugar	
<b>Aplicação Nenhuma aplicação</b>	Count	7	3	10
	% within Aplicação <sup>26</sup>	70,0%	30,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count	14	0	14
	% within Aplicação	100,0%	0,0%	100,0%
<b>Total</b>	Count	21	3	24
	% within Aplicação	87,5%	12,5%	100,0%

Conforme os resultados demonstrados no Quadro 6, catorze informantes cujas mães nasceram em (1) Estrela têm mais aplicação do processo de desvozeamento das plosivas; e 3 informantes cujas mães nasceram em (2) outro lugar apresentam nenhuma aplicação. Do total de vinte e quatro informantes, vinte e um deles, o que representa 87,5%, são filhos de mães que nasceram em Estrela. Isso mostra que o falar local sofre influência materna. Essas mães nascidas em Estrela provavelmente também eram filhas de mães estrelenses, pertencentes a uma comunidade falante de Pt em que houve ou há contato com o Hr e prática bilíngue. Nota-se que as interações linguísticas em Hr, passadas de uma geração a outra, hoje ainda influenciam as práticas linguísticas locais, porém, numa proporção muito menor do que antigamente.

A questão da mãe relaciona-se com identidade, com “quem sou eu?”, o que remete às atitudes do núcleo familiar às línguas de imigração. De acordo com Frosi (2010, p. 180), é pela fala de nossos antepassados que aprendemos a nomear o mundo circunstante, a dar nome e sentido às coisas. Guardamos, em nossa memória primordial, palavras, vivências, sonhos e fantasias. Essa relação com nossos antepassados, nossos avós e pais, é cerne para a construção do indivíduo na sociedade, desde os núcleos familiares aos núcleos maiores de práticas sociais. É o que parece ocorrer em Glória,

<sup>26</sup> Contagem para *Count* e % dentro da aplicação para % *within* Aplicação.

onde o papel da família é primordial, especialmente da mãe, como fator central na preservação cultural nas antigas áreas de imigração europeia no sul do Brasil.

## 5.2 BLOCO II- LÍNGUAS E SEU USO

No bloco II do questionário, mede-se a percepção e as avaliações das formas linguísticas pelos falantes nas interações sociais na comunidade, com amigos, no trabalho e nas diversas relações sociais, também fora da comunidade. As variáveis foram agrupadas em quatro sub-blocos:

**(1) Línguas:** recolheram-se informações gerais sobre as possíveis línguas que o informante e seus pais sabem, gostariam de saber melhor ou de que gostam; como são denominadas em Glória; qual é a língua mais importante na comunidade; e a opção de o informante estabelecer uma hierarquia de línguas que usa para desempenhar atividades como ler, escrever, sonhar, rezar.

**(2) Hunsrückisch:** reuniram-se dados sobre como o informante aprendeu o Hr e com quem aprendeu (caso o informante soubesse); e, em uma escala de respostas como: muito bem – bem – mais ou menos – um pouco – não sei, mediu-se o quanto de habilidade linguística o informante tem para falar, entender, ler, escrever e usar o Hr; onde usa, se em casa, no trabalho/escola, nos grupos dos quais participa na comunidade ou em todos os lugares; e com quem usa o Hr: familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho/estudo.

**(3) Português:** as mesmas perguntas para II-2 Hunsrückisch foram solicitadas para o português, na mesma escala.

**(4) Uso das línguas:** questionou-se sobre o uso das línguas, que línguas são usadas com quem. Essas questões envolvem um grau de intimidade ou formalidade, por exemplo: em que língua(s) você fala com seus pais, avós, irmãos, amigos, colegas de trabalho ou de escola, universidade.

### 5.2.1 Línguas

Duas variáveis foram selecionadas, referentes às questões Q016: A sua primeira língua é o (1) português (2) alemão; Q018: Sua mãe sabe alemão?

Inicialmente, a variável Q016 estava aberta a qualquer resposta possível. Porém, os informantes apenas responderam ‘português’ e ‘alemão’. Dessa forma, ajustou-se a variável com as opções (1) e (2), português e alemão, respectivamente. O fato de a variável ser selecionada relaciona-se diretamente à proporção de aplicação do desvozeamento das plosivas: os 9 informantes que escolheram a opção (2) alemão têm dados com aplicação de desvozeamento das plosivas, enquanto dos quinze informantes que responderam a opção (1) português, apenas 5 deles têm aplicação do desvozeamento. O Quadro 7 expõe a distribuição dos informantes no cruzamento entre a proporção de aplicação do desvozeamento das plosivas e a primeira língua falada por eles.

**Quadro 7 – Cruzamento entre proporção de aplicação e primeira língua**

			A sua primeira língua é o		Total
			português	alemão	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count	10	0	10	
	% within Aplicação	100,0%	0,0%	100,0%	
<b>alguma aplicação</b>	Count	5	9	14	
	% within Aplicação	35,7%	64,3%	100,0%	
<b>Total</b>	Count	15	9	24	
	% within Aplicação	62,5%	37,5%	100,0%	

O cruzamento entre as variáveis proporção de aplicação e primeira língua destaca que, do total dos informantes que têm alguma aplicação do processo de desvozeamento, 64,3% deles têm como primeira língua o alemão. Todos os informantes que adquiriram o alemão antes de falar português contabilizaram alguma aplicação em comparação com os informantes que falaram primeiro português e depois alemão, ou que não falam alemão. Por isso, o grau de bilinguismo se mostra relevante, porque é

condicionante. Há relação entre transferência do padrão fonológico do Hr e grau de dominância do Pt.

A variável “A sua primeira língua é o (1) português (2) alemão” é fundamental para entender que o contato com o alemão é um fator condicionador para que haja o desvozeamento das plosivas na fala dos informantes. Aqueles informantes para quem o português foi a primeira língua têm um contato estreito com o alemão, seja por vínculos afetivos ou de convivência social próxima nos grupos sociais da comunidade. Destaca-se, no entanto, que o desvozeamento não é exclusivo dos informantes bilíngues, pois também ocorre entre os monolíngues (35,7%), ou seja, faz parte do Pt de contato. Por exemplo, os informantes D.L.; 47+; F.; F.F.; 15-30; M.; A.C.; 15-30; M; e D.M. 15-30; M.; pertencentes ao grupo etário de 15 a 30 anos, aprenderam português como primeira língua, mas todos eles têm algum nível de proficiência em alemão porque seus pais sabem Hr. Portanto, mesmo que sejam informantes bilíngues passivos, ou seja, que entendam, mas não falem Hr, convivem e participam de espaços sociais em que ocorre a fala em Hr. Já o informante S.S.; 47+; M.; de 74 anos, nasceu numa localidade fronteiriça com Glória, mas estudou os anos iniciais do ensino fundamental na escola em Glória. Depois de adulto, casou-se com uma moradora de Glória e, como membro da comunidade, passou a desenvolver práticas sociais locais. Atualmente, participa dos grupos de ginástica, vôlei e igreja. Tem, portanto, uma identidade construída na comunidade, participando dela. O comportamento social do informante reflete-se diretamente no comportamento linguístico, bem como nas atitudes linguísticas de S.S. perante o falar local, como se verá adiante.

A questão da participação do gênero feminino no processo de desenvolvimento e crescimento dos filhos mostra seus efeitos em mais uma variável, Q018: Sua mãe sabe alemão? Nessa pergunta, somente 3 informantes responderam que a mãe não sabia alemão. Tal fato retoma a discussão iniciada nas variáveis Q003: Gênero; Q011a: Onde nasceu sua mãe (amalgamada em (1) Estrela e (2) outro lugar) e a variável Q016: A sua primeira língua é o (1) português (2) alemão. O local de nascimento da mãe, como já demonstrado, também tende a fomentar o apreço às práticas locais, como o falar, os hábitos culturais e as atividades da comunidade.

Para compreender melhor o papel do gênero feminino sobre a língua, o Quadro 8 expõe o cruzamento das variáveis Proporção de aplicação e Q018: Sua mãe sabe alemão. O resultado de 87,5%, para os vinte e um informantes cujas mães sabem alemão indica uma forte correlação entre as variáveis apontadas acima: o local de

nascimento da mãe ser Estrela e o fato de a primeira língua do informante ser o alemão evidenciam que o gênero feminino tem efeito sobre a fala do indivíduo. Por outro lado, as 3 informantes cujas mães não sabem alemão não têm dados de desvozeamento de plosivas, o que se relaciona o fato de a mãe saber apenas português sem marcas do contato com Hr e transmiti-lo para os filhos.

**Quadro 8 – Cruzamento entre proporção de aplicação e ‘sua mãe sabe alemão’**

		Sua mãe sabe alemão?		Total
		sim	não	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count	7	3	10
	% within Aplicação	70,0%	30,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count	14	0	14
	% within Aplicação	100,0%	0,0%	100,0%
<b>Total</b>	Count	21	3	24
	% within Aplicação	87,5%	12,5%	100,0%

As variáveis relacionadas ao Hr e ao Pt mostraram-se relevantes na análise estatística possivelmente por se relacionarem a traços culturais de Glória. Em relação à língua alemã, para a maioria dos informantes, está praticamente latente, adormecida, na memória de cada um a lembrança de alguém que fala ou falava Hr. Embora seja mediador de poucas práticas sociais da comunidade, o Hr é usado para rememorar histórias, falar das famílias ou de pessoas, em geral, como marca identitária e de pertença. Conforme Fasold (1996, p. 340-341), em analogia com línguas altas e baixas, a língua majoritária (alta), Pt, emprega-se em primeiro lugar e com maior frequência em circunstâncias em que os falantes associam-se à cultura do Pt. Já a língua minoritária (baixa), o Hr, por sua vez, é usada em situações referentes à cultura local.

## 5.2.2 Hunsrückisch

As questões referentes ao Hunsrückisch não foram selecionadas pelo SPSS. As questões englobaram pontos como: onde aprendeu o Hr, com quem aprendeu, e se o informante fala, entende, lê ou escreve alemão<sup>27</sup>. As respostas para as últimas perguntas foram estruturadas em uma escala gradual de muito bem – bem – mais ou menos – um pouco – não sei. Dos vinte e quatro informantes, 7 responderam que falam muito bem, 6 responderam bem, 4 mais ou menos, 4 falam um pouco e 3 não sabem falar Hr. Entender o dialeto sem falar é considerado bilinguismo passivo porque exige do informante a habilidade de compreender sem produzir um *output* em Hr: 8 informantes responderam que entendem muito bem, 7 entendem bem, 3 mais ou menos, 4 entendem um pouco e 2 não entendem.

As habilidades linguísticas ler e escrever em alemão foram consideradas pelos informantes da pesquisa como as mais difíceis e a que eles não têm acesso com facilidade. Essa afirmação foi ressaltada pela maioria dos informantes, pois apenas os que fazem parte do grupo do coral da comunidade têm mais contato com os cantos escritos em alemão que o coral apresenta. Ou seja, ler e escrever em Hr não são atividades comuns praticadas pelos informantes. Por isso, 1 informante lê alemão muito bem, 3 leem bem, 2 mais ou menos, 8 um pouco e 10 não sabem ler alemão. Quanto à habilidade de escrever alemão, nenhum informante sabe muito bem ou bem, 2 informantes sabem mais ou menos, 8 sabem um pouco e catorze não sabem escrever.

Além dessas questões, outras foram respondidas, como: Q033: Eu uso Hr?; Q034: Uso o Hr em casa, com meus familiares?; Q035: Uso o Hr com os vizinhos? e Q036: Uso o Hr com outros grupos sociais?

Sobre a frequência de uso do Hr, as respostas à variável Q033: Eu uso Hr mostraram o uso todos os dias (8 informantes), frequentemente (4 informantes), de vez em quando (4 informantes), raras vezes (5 informantes) e nunca (3 informantes).

As variáveis referentes ao uso do Hr foram reformuladas a fim de relacioná-las aos núcleos sociais, ou seja, o núcleo familiar, que compreende os membros da família com quem o informante tem maior contato, em casa; o núcleo vizinhança, que proporciona um tipo de contato não necessariamente diário ou com muita frequência; e o núcleo social em que o informante realiza as suas interações sociais na comunidade,

---

<sup>27</sup> Os informantes chamam Hr de ‘alemão’.

com uma frequência semanal ou mensal, em grupos de atividades conjuntas como o coral, escola, bolão, ginástica, teatro, grupo de 3ª idade, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja.

Os resultados para esse conjunto de núcleos sociais enfatizam que o Hr é usado em ambientes menores, em casa, no núcleo familiar. Ou seja, vinte e um informantes responderam que falam, ouvem ou convivem em casa com alguém que fala o Hr, geralmente com os avós paternos ou maternos. Nos núcleos sociais maiores, como vizinhança e comunidade, confirmou-se o que se verificou em Lara (2013, p. 82): “o Hr apenas vem perdendo força porque os indivíduos não fazem mais uso e não necessitam dele nas interações realizadas em seu cotidiano, na vida em sociedade”. Destaca-se a preferência por falar Pt. Os informantes mencionam que é o português é mais fácil, conforme a informante I.L. relata, no momento em que se aplicava o questionário, “o meu neto, o [...], foi pra escola e agora não quer mais falar o alemão com a gente, ele disse que era porque o português é mais fácil”.

Ponso (2003, p. 113), em investigação sobre o contato português-italiano em São Marcos, um município do interior do Rio Grande do Sul, também constata essa preferência:

o português de contato falado pelos mais jovens apresenta menor número de traços de interferência fonética do italiano no português da comunidade. Isso deve-se primeiramente ao fato de que a geração dos pais limita-se a falar o dialeto vênето com os *nommos*, mas não é seu hábito falá-lo com os filhos. Em segundo lugar, o português constitui a língua que as crianças estudam formalmente na escola, é a língua dos veículos de comunicação, enfim, é a língua do meio social.

### 5.2.3 Português

As questões sobre o Pt, Q037: Onde você aprendeu o português?; Q038: Com quem você aprendeu o português? foram abertas. Já as demais questões foram respondidas numa escala gradual (muito bem – bem – mais ou menos – um pouco – não sei). Estavam entre essas as questões: Q039: Eu falo português; Q040: Eu entendo português; Q041: Eu leio português; Q042: Eu escrevo português; Q043: Eu uso português; Q044: Uso o português em casa, com meus familiares?; Q045: Uso o português com os vizinhos? e Q046: Uso o português com outros grupos sociais.

As variáveis Q037: Onde você aprendeu o português? e Q038: Com quem você aprendeu o português? apresentaram resultados com alguma significância na análise com o SPSS. Catorze informantes aprenderam o Pt em casa, com os familiares, 10 aprenderam o Pt na escola, com os professores e colegas. Isso se justifica pelo fator idade, pois esses informantes estão nas faixas etárias de 31 a 46 anos e 47 anos ou mais anos. Já alguns informantes do grupo etário intermediário e majoritariamente do grupo etário mais jovem, de 15 a 30 anos, foram para a escola sabendo o Pt porque já o tinham aprendido em casa, com os pais e irmãos.

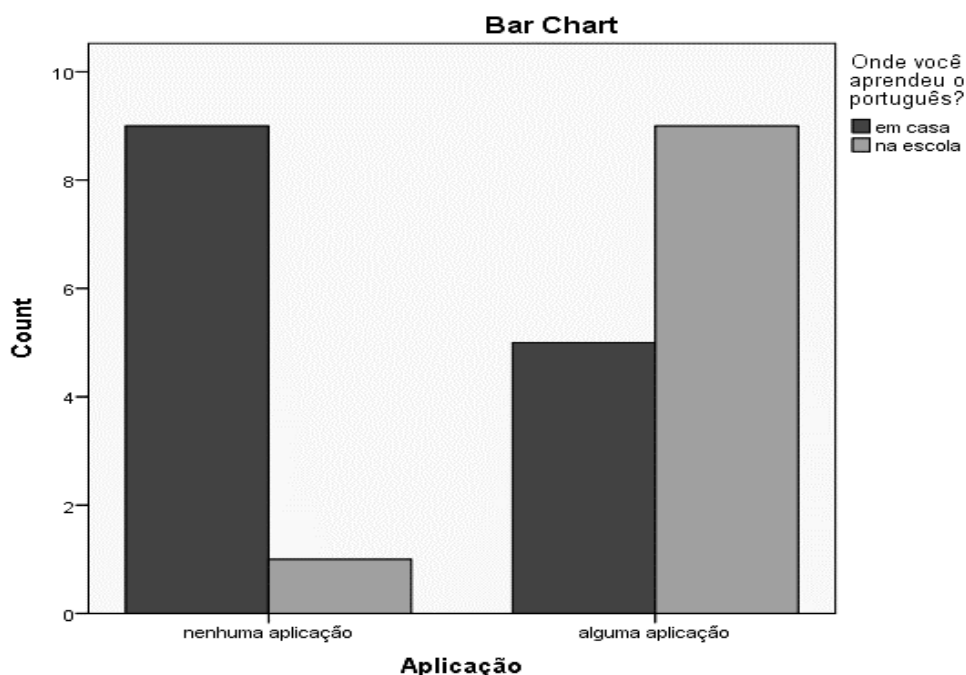
**Quadro 9 – Cruzamento entre proporção de aplicação e  
'onde você aprendeu o português'**

		Onde você aprendeu o português?		Total	
		em casa	na escola		
<b>Aplicação</b>	<b>Nenhuma aplicação</b>	Count	9	1	10
		% within Aplicação	64,3%	10,0%	41,7%
	<b>alguma aplicação</b>	Count	5	9	14
		% within Aplicação	35,7%	90,0%	58,3%
<b>Total</b>		Count	14	10	24
		% within Aplicação	100,0%	100,0%	100,0%

O Quadro 9 confirma a relação estabelecida entre os informantes que aprenderam Pt em casa e a proporção de desvozeamento das plosivas: 64,3% dos informantes que foram para a escola sabendo Pt não apresentam aplicação da regra. Em contrapartida, 90,0% dos informantes que aprenderam o Pt na escola têm alguma aplicação de desvozeamento das plosivas, o que representa 9 informantes. A Figura 9 mostra esta relação:



**Figura 9 – Cruzamento entre proporção de aplicação e ‘onde você aprendeu o português’**



#### 5.2.4 Uso das línguas

A seção Uso das línguas, última do bloco II do questionário, foi composta pelas variáveis Q047 a Q052, com as questões Q047: Em que língua(s) você fala com seus pais?; Q048: Em que língua(s) você fala com seus avós?; Q049: Em que língua(s) você fala com seus irmãos?; Q050: Em que língua(s) você fala com seus amigos?; Q051: Em que língua(s) você fala no trabalho? e Q052: Em que língua(s) você fala na escola/universidade?

Apenas a variável Q048 foi selecionada como significativa pelo SPSS. No Quadro 10, apresentam-se os resultados do cruzamento dessa variável com a proporção de aplicação.

**Quadro 10 – Cruzamento entre proporção de aplicação e em que língua(s) você fala com seus avós**

		Em que língua(s) você fala com seus avós?		Total
		português	alemão	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count	5	5	10
	% within Aplicação	50,0%	50,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count	2	12	14
	% within Aplicação	14,3%	85,7%	100,0%
<b>Total</b>	Count	7	17	24
	% within Aplicação	29,2%	70,8%	100,0%

O fato de essa variável apresentar significância talvez se relacione aos resultados das variáveis anteriormente analisadas no bloco II do questionário. Doze dos informantes, o que representa 85,7%, têm alguma aplicação de desvozeamento das plosivas e usam o alemão para falar principalmente com seus avós. Os 2 informantes que apresentam alguma aplicação e não falam alemão com seus avós, usam somente Pt, relacionam-se intensamente com os grupos sociais da comunidade, por motivos de trabalho, inclusive, tendo contato diretamente com amigos e vizinhos que falam Hr.

Ao analisar as interações e o uso das línguas e mensurar quais línguas são usadas com quem, constata-se, portanto, que doze informantes falam Hr com seus avós. No entanto, os pais (informantes do grupo etário intermediário) e informantes mais jovens não usam mais o Hr com a mesma frequência dos seus avós. Essas tendências geracionais conformam-se a padrões de mudança linguística na comunidade. Segundo Labov (1994, p. 84) sobre a mudança geracional,

Falantes individuais entram na comunidade com uma frequência característica para uma variável particular, mantida durante suas vidas; mas aumentos regulares nos valores adotados pelos indivíduos, frequentemente incrementados pelas gerações, levam a mudanças linguísticas na comunidade.

Além disso, conforme Paiva (2016, p. 26),

formas inovadoras são introduzidas na fala dos mais jovens, substituindo as formas mais antigas/conservadoras ainda recorrentes nas faixas etárias mais

velhas da população. A forma predominante na fala dos mais jovens é uma forte candidata a se generalizar, geração após geração, até o completo desaparecimento da sua concorrente.

A prática de falar Hr com os avós também revela que isso envolve certo grau de intimidade. Ao falar Hr com os avós, os informantes demonstram respeito pelo fato de os avós não terem uma habilidade em Pt como têm em Hr e também carinho ao dialogar com os mais velhos da família.

Para Frosi (2010), se os avós desempenham um papel na manutenção do bilinguismo, os pais promovem o uso do português. Para a autora,

Os avós têm mais tempo do que os pais para ficar com os netos, para conversar e contar a história familiar e as histórias do grupo étnico. De um modo geral, eles já não exercem a profissão, enquanto os pais se encontram em plena atividade, nem sempre fácil de ser cumprida. Avós e netos são descontraídos, ambos privilegiam a simplicidade no viver cotidiano. Os avós já se libertaram de inúmeros preconceitos, os netos ainda não os adquiriram. A sabedoria auferida pelos avós ao longo da vida necessita ser compartilhada e transmitida. A etnicidade encontra um vínculo precioso na figura dos avós porque, por eles, o passado e tudo o que ele contém chega ao presente e se estende para o futuro, por meio da nova geração (FROSI, 2010, p. 47).

Assim, aqueles que têm o convívio com os avós possivelmente adquirem simultaneamente os dois sistemas linguísticos. Mesmo que gradualmente incrementem o uso do português, preservam o dialeto de alguma forma, possivelmente como língua de cultura.

Os resultados para essa questão parecem contradizer, em alguma medida, a ideia do rápido desaparecimento dos falares dialetais. Os pais não transmitem o Hr para os filhos, mas os avós oportunizam a aquisição do Pt-Hr, em casa. No entanto, a interação com os avós e a fala em Hr diminui à medida que os netos crescem e a família deixa de ser a única agência de socialização. Isso talvez explique o declínio do Hr na fala dos jovens, mesmo face ao papel preservador desempenhado pelos avós.

### 5.3 BLOCO III – LÍNGUAS, PESSOAS, ATITUDES

O bloco III do questionário estruturou-se em 6 conjuntos de questões ou variáveis.

Os dois primeiros conjuntos, (1) Línguas e pessoas (Q053 a Q066) e (2) Atitudes pessoais (Q067 a Q073), voltaram-se ao objetivo de mensurar os aspectos atitudinais e comportamentais que revelam os posicionamentos e os modos de proceder com a língua, ou de manifestar-se perante a(s) língua(s) falada(s) na comunidade. Ainda, objetivou-se captar as avaliações dos informantes e verificar se tomam de forma positiva, negativa ou neutra (indeciso) o ato de falar o Pt e/ou o Hr com as outras pessoas, em diversas situações.

Os demais conjuntos, representados pelas variáveis (3) Os alemães são (Q074 a Q093); III-(4) A língua portuguesa é (Q094 a Q103); III-(5) Os brasileiros são (Q104 a Q123) e III-(6) O Hunsrückisch é (Q124 a Q133), tiveram o propósito de identificar a existência de relação entre as línguas investigadas e a identidade dos falantes, bem como as normas valorativas na fala em Pt em contato com o Hr.

Os resultados apresentados serão discutidos levando-se em conta aspectos das atitudes linguísticas, da conduta dos informantes e da manifestação dos mesmos quando solicitados a responder às perguntas do questionário, bem como os aspectos cognitivos, culturais (LABOV, 2010) e aspectos de contato entre línguas.

Os fatores cognitivos apontados por Labov (2010, p. 1-2) referem-se à “ação ou faculdade de conhecer tomada em seu sentido mais amplo, incluindo sensação, percepção, concepção, etc., distinta de sentimento e vontade”. Já os aspectos culturais, segundo Labov (2010), contemplam “a associação de mudança linguística com padrões sociais que são, em parte, se não totalmente, independentes da interação face-a-face” (LABOV, 2010, p. 4). Os aspectos do contato de línguas envolvem as interinfluências de um sistema no outro, causadas pelo uso alternado das línguas nas interações na comunidade (grupos sociais locais) e até mesmo em outros grupos sociais fora dela.

### **5.3.1 Línguas e pessoas**

As perguntas sobre línguas e pessoas (Q053 a Q066) ofereceram opções de respostas organizadas em escala de diferencial semântico. Nesse método, como apresentado na metodologia, capítulo 3, a escala oferece opções de respostas em extremos, ou seja, em polos opostos para uma determinada característica. O informante

precisou marcar uma das 5 possibilidades de respostas, conforme a escala: “concordo plenamente – concordo – indeciso – não concordo – não concordo de modo algum”.

A percepção do informante pode estar associada à uma valoração das variedades linguísticas sendo investigadas. Para Lambert et al. (1960), a atitude está embasada em elementos de crença, valor e conduta somados ao conhecimento, sentimento e ao comportamento em uma situação sociolinguística. Portanto, quando o informante decide por uma resposta e não outra, podem estar em jogo todos esses elementos.

Apenas a pergunta na variável Q066 “Quando falo com meus amigos eu muitas vezes misturo o português com alemão” apresentou alguma significância estatística. Nas demais perguntas, como “Eu gostaria de saber melhor o Hr, o alemão”, “Os alemães ‘da Alemanha’ gostam dos brasileiros” ou “Os brasileiros gostam dos alemães”, os informantes marcaram a opção indeciso como resposta e a análise com o programa SPSS mostrou que não são estatisticamente significativas.

Apenas a pergunta relacionada à mistura das línguas faladas em Glória foi selecionada pelo SPSS. Por isso, então, procedeu-se ao cruzamento da variável “Quando falo com meus amigos eu muitas vezes misturo o português com alemão” com a proporção de aplicação de desvozeamento, cujos resultados estão no Quadro 11.

**Quadro 11 – Cruzamento entre proporção de aplicação e mistura de línguas faladas em Glória**

			Quando falo com meus amigos eu muitas vezes misturo o português com alemão					Total
			concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count		2	3	0	5	0	10
	% within Aplicação		20,0%	30,0%	0,0%	50,0%	0,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count		7	4	1	1	1	14
	% within Aplicação		50,0%	28,6%	7,1%	7,1%	7,1%	100,0%
<b>Total</b>	Count		9	7	1	6	1	24
	% within Aplicação		37,5%	29,2%	4,2%	25,0%	4,2%	100,0%

Dezesseis informantes concordam plenamente com a afirmação de que têm sua fala interinfluenciada pelo contato do Pt-Hr. Sete informantes marcaram não concordo, ou não concordo de modo algum. Apenas 1 informante ficou indeciso.

Esses resultados são expressivos primeiramente porque há coincidência entre os informantes com aplicação de desvozeamento das plosivas e aqueles que concordam plenamente (7 informantes) e concordam (4 informantes) com o fato de que, quando falam com seus amigos, misturam o português com alemão. Ou seja, eles têm a consciência da interinfluência dos efeitos do contato Pt-Hr sobre o português (desvozeamento das plosivas), mesmo que mínimo. Segundo Fernández (1998, p. 183),

esta capacidade de escolha, derivada da consciência linguística, é extraordinariamente decisiva na hora de produzir – e explicar – os fenômenos de variação e de mudança linguística, assim como a escolha de uma língua em uma comunidade multilíngue.

Os resultados são expressivos também porque, ao concordar com a afirmação, os informantes não escondem que são bilíngues, mostram não se importarem com um eventual julgamento negativo que receberiam do interlocutor para a mistura de línguas. Assumem publicamente a mistura, o que pode indiciar uma atitude positiva ao emprego alternado de português e Hr, mesmo que mínimo.

Inferiu-se, portanto, que as respostas da maioria dos informantes sinalizam o quão conscientes são de sua fala e dão indícios de atitude positiva para o falar alternado, num comportamento que assegura a aplicação, mesmo que baixa, do desvozeamento das plosivas quando os dois sistemas linguísticos estão em contato.

### **5.3.2 Atitudes pessoais**

Nenhuma das variáveis sobre atitudes pessoais (Q067 a Q073) foi selecionada pelo SPSS. No entanto, a variável Q070 “Apesar de o lazer ser uma coisa boa, é o trabalho que torna a vida interessante e válida” apresentou resultados relevantes, mesmo que não tenham sido significantes para o teste exato de Fisher. O Quadro 12 apresenta a relação da importância do lazer e do trabalho na vida dos informantes.

**Quadro 12 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a relação lazer *versus* trabalho**

			Apesar de o lazer ser uma coisa boa, é o trabalho que torna a vida interessante e válida				Total
			concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	
Aplicação	nenhuma aplicação	Count	2	4	1	3	10
		% within Aplicação	20,0%	40,0%	10,0%	30,0%	100,0%
Aplicação	alguma aplicação	Count	3	8	1	2	14
		% within Aplicação	21,4%	57,1%	7,1%	14,3%	100,0%
Total		Count	5	12	2	5	24
		% within Aplicação	20,8%	50,0%	8,3%	20,8%	100,0%

Nesse quadro, a resposta não concordo de modo algum não apareceu pelo fato de que nenhum informante optou por ela. Dezesete informantes manifestaram uma atitude positiva, 2 ficaram indecisos e 5 não concordaram em eleger o trabalho como aspecto mais interessante e válido. Assim, as respostas concordo e concordo plenamente confirmam que, para os informantes, o trabalho é mais importante do que o lazer.

Historicamente, o processo de ascensão e as conquistas dos imigrantes no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, consagraram-se com o trabalho intenso, sofrido, pesado, numa conjuntura em que era a única forma de progredir e desenvolver-se. Segundo Altenhofen (1996, p. 56), “O elevado número de filhos desempenhava uma função importante na economia familiar”. Ainda hoje, em Glória, os filhos que permanecem em casa também são vistos como mão de obra para realizar o trabalho com os pais, principalmente na lida com os animais, plantio e colheita.

Conforme Frosi (2010, p. 48), o trabalho é um elemento que caracteriza o indivíduo na construção da identidade étnica numa outra região de destinação de imigrantes europeus no século XIX, a da Região de Colonização Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul (RCI-RS):

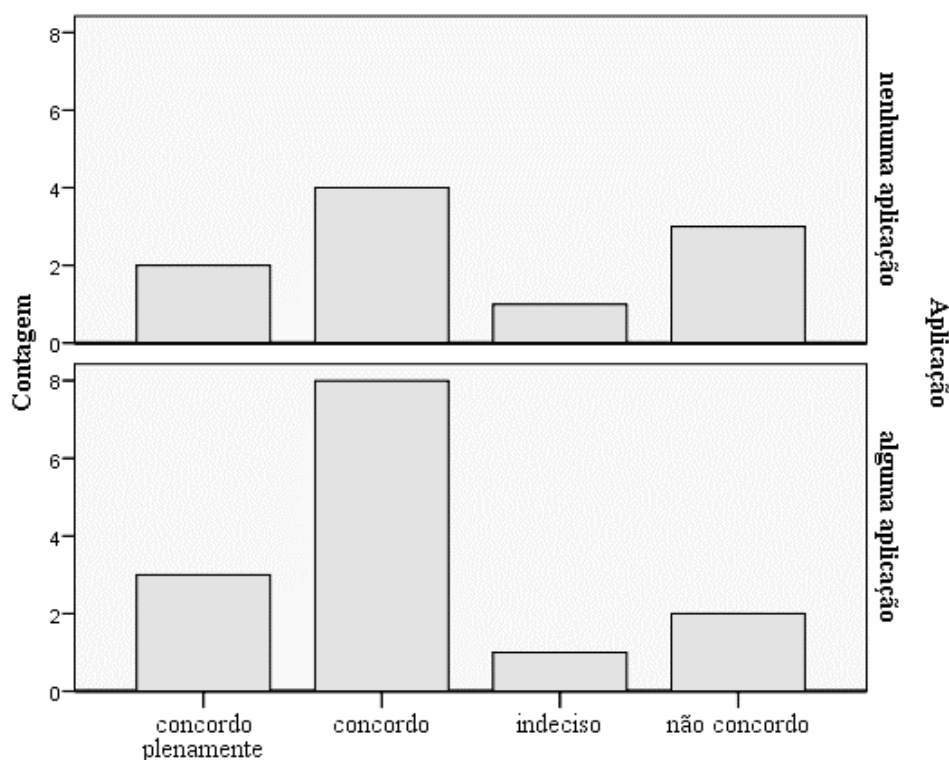
O trabalho é um dos componentes fundamentais na vida de seus antepassados; particularmente na de seus avós e na de seus pais. Com ele se identifica o ítalo-brasileiro das gerações sucessivas de pessoas nascidas na RCI-RS: neles se vê, se reconhece como trabalhador, distingue-se dos outros brasileiros como um ser marcado pelo trabalho, impulsionado ao trabalho. A

imagem do trabalhador não é para ele um simples rótulo, ele a interiorizou por meio do modelo de seus antepassados, herdado de seus avós, de seus pais e a retém de modo indelével, intacta. O ítalo-brasileiro sofre um forte impulso interior para o trabalho e o executa ao máximo possível, como uma edificação contínua, como o cumprimento de um rito, profundo e duradouro, que assimilou no seio da família e que deve ser repetido ininterruptamente para a garantia de uma vida sem miséria e sem fome (FROSI, 2010, p. 48).

Identificam-se os teuto-brasileiros com a concepção de trabalho apresentada pela autora. Os imigrantes alemães firmam um compromisso honroso com o trabalho, mantendo e passando o trabalho como valor para seus descendentes.

A Figura 10 traz o cruzamento entre a proporção de aplicação do desvozeamento e a relação trabalho *versus* lazer.

**Figura 10 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a relação trabalho *versus* lazer**



Oito informantes com alguma aplicação de desvozeamento das plosivas e 4 informantes sem aplicação de desvozeamento concordam que o trabalho em vez do lazer fundamenta uma vida interessante e válida. Três informantes com alguma aplicação de desvozeamento e 2 informantes sem aplicação concordam plenamente com a afirmação. Ou seja, embora a maioria dos informantes com alguma aplicação de desvozeamento concorde com essa ideia (trabalhar é mais importante do que ter lazer),



informantes sem aplicação também concordam, e vice-versa. Portanto, pelo menos para os descendentes de imigrantes, a valorização (positiva) do trabalho associada ao desvozeamento não se confirma plenamente.

Os imigrantes alemães ampliaram suas forças econômicas em diversos ramos, com a venda de suas produções, a industrialização, e a interação com a capital e outras regiões do Rio Grande do Sul. Essas atividades levaram ao contato com indivíduos de outras comunidades. Falar português passou a ser necessário. Assim, as práticas econômicas ligadas ao trabalho, valorizadas pelos informantes de Glória como parte da história bem-sucedida da nova vida no Brasil, também implicaram a gradual perda de espaço de línguas de imigração como o Hr. Possivelmente, isso explique o fato de, estatisticamente, não se poder afirmar que valorizar elementos da cultura local como o trabalho tenha uma associação imediata com traços linguísticos como o desvozeamento, o que teria confirmado a atitude positiva em relação ao Hr e ao português de contato com o Hr.

O lazer, atualmente, está sendo mais valorizado em Glória. Os jovens promovem-no na forma de jogos esportivos, como o futebol e vôlei. Alguns informantes dos grupos etários intermediários participam de atividades como ginástica, que é oferecida pela prefeitura de Estrela. Os mais velhos, além de participarem do grupo da ginástica, jogam cartas e vão a bailes de 3ª idade em Glória. No entanto, o tempo disponível ao lazer ainda é pouco e não faz parte da rotina diária. É visto ainda como uma atividade esporádica, que está começando a ser introduzida como parte de um programa de saúde física e mental.

### **5.3.3 Os alemães são**

O fato de que o trabalho está intimamente ligado à imagem do imigrante se confirma na análise das variáveis do bloco “Os alemães são”. A única variável relevante é “trabalhador”. O Quadro 13 reúne os resultados:

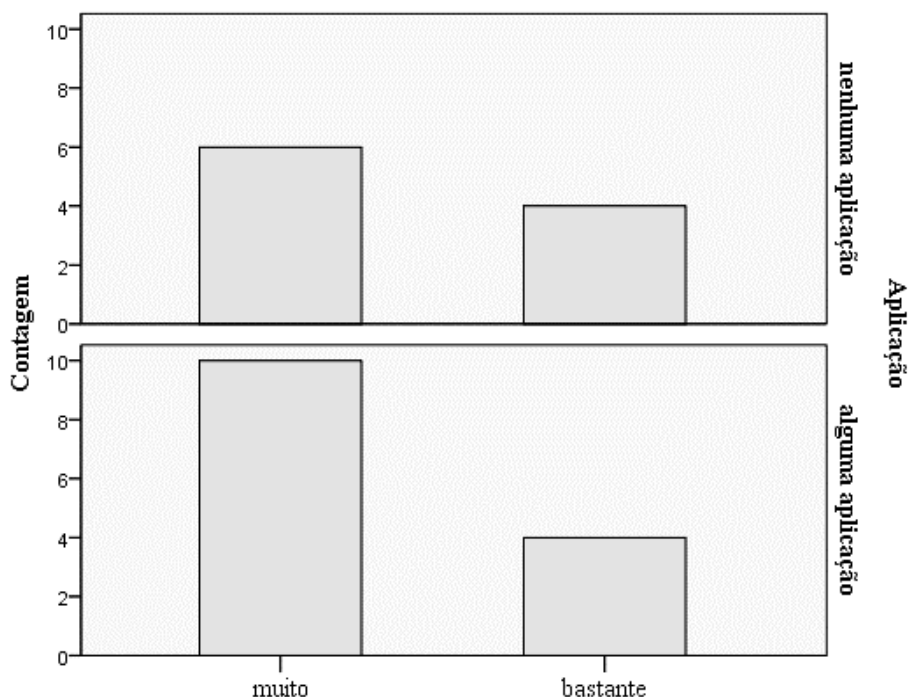
**Quadro 13 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável trabalhador**

			Os alemães são: trabalhadores		Total
			muito	bastante	
Aplicação	nenhuma aplicação	Count	6	4	10
		% within Aplicação	60,0%	40,0%	100,0%
Aplicação	alguma aplicação	Count	10	4	14
		% within Aplicação	71,4%	28,6%	100,0%
Total		Count	16	8	24
		% within Aplicação	66,7%	33,3%	100,0%

Os informantes responderam com graus de intensidade “bastante” e “muito”. Nenhum deles ficou indeciso ou escolheu “pouco”. Do total de informantes, 8 responderam com o grau de intensidade mais elevado, “bastante”, e dezesseis responderam com “muito”. Esses resultados evidenciam a representação do sujeito local, descendente de alemães, como devotado ao trabalho. Sugerem a visão positiva de que o trabalho é fonte de desenvolvimento econômico e progresso da família, da comunidade e das cidades.

A Figura 11 ilustra o cruzamento entre a proporção de aplicação de devozamento das plosivas e a característica “trabalhador”. O grau mais elevado, “bastante”, foi escolhido por 4 informantes com alguma aplicação; e dez informantes com alguma aplicação, escolheram o grau de intensidade “muito”. Dentre os informantes sem aplicação, 4 optaram por “bastante” e 6 por “muito”.

**Figura 11 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável trabalhador**



Novamente, tanto informantes que desvozeiam as plosivas quanto os que não desvozeiam responderam “muito”. Contudo, em termos de tendências gerais, e considerando-se o que já se havia revelado no cruzamento do desvozeamento com a oposição trabalho x lazer, é possível afirmar que ‘trabalhador’, valorado positivamente como elemento da base étnica da comunidade (alemã), associa-se positivamente ao traço linguístico sob investigação, o desvozeamento, resultante do contato com o Hr. Frases da cultura local ditas pelos informantes, como “deixa eu trabalhar que eu ganho mais”, “dinheiro não cai do céu”, “não tenho tempo pra brincar” corroboram o resultado.

### 5.3.4 A língua portuguesa é

As respostas marcadas pela maioria dos informantes para a variável “A língua portuguesa é útil”, numa escala de muito a pouco, confirmam a afirmação embutida no enunciado. Os informantes marcaram “muito” ou “bastante”, nenhum ficou indeciso ou respondeu negativamente.

O Quadro 14 expõe o cruzamento entre proporção de aplicação de desvozeamento e a característica “útil” para caracterizar o português.

**Quadro 14 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável útil (português)**

		A língua portuguesa é: útil		Total
		muito	bastante	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count	6	4	10
	% within Aplicação	60,0%	40,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count	9	5	14
	% within Aplicação	64,3%	35,7%	100,0%
<b>Total</b>	Count	15	9	24
	% within Aplicação	62,5%	37,5%	100,0%

A relação muito/bastante útil e nenhuma aplicação de desvozeamento não se confirma: tanto informantes desvozeadores quanto não desvozeadores das plosivas consideram o português útil. O que justifica tal resultado é o fato de a língua portuguesa, língua oficial, ser majoritária no Brasil, usada nas interações para os negócios, nos meios institucionais, educacionais, econômicos e sociais. Com ela se abrange uma territorialidade maior do que Glória e se entra em contato com falantes de outras regiões. Realizam-se práticas não locais, não apenas transações na comunidade, quando se usaria o Hr entre os pares. Logo, o português é útil porque é usado nas negociações nos bancos, nas cooperativas, no comércio, nas escolas, na igreja, nos eventos sociais e, principalmente, quando se tem pessoas no grupo que não sabem falar Hr. Então, por respeito, se usa o português.

Sobre o comportamento voltado para as interações e práticas sociais em português, bem como as normas valorativas na fala em português, Fernández (1998, p. 183) afirma que

os falantes sabem que sua comunidade prefere alguns usos linguísticos a outros, que certos usos são próprios de uns grupos e não de outros e, portanto, têm a possibilidade de escolher o que consideram mais adequado às circunstâncias linguísticas ou aos seus interesses.

O que o autor menciona refere-se não só aos usos da linguagem, mas à percepção de marcas sociais identitárias dos grupos que realizam práticas em português e em Hr em situações sociais distintas. Os informantes têm consciência para usar português em determinadas situações e Hr em outras, criando identidades sociais em cada uma delas. As línguas estão ligadas à identidade social de um grupo. A valoração das formas e as atitudes linguísticas são relativas a visões que se tem dos grupos. Formas linguísticas são indícios de um conjunto de ideologias nas quais o grupo acredita e segue. A definição de identidade para Fernández (1998) vem ao encontro do que se afirmou,

identidade é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. [...] há um lugar para a língua, porque uma comunidade também se caracteriza pela variedade ou variedades linguísticas usadas dentro dela e, também, porque a percepção do comunitário e o diferencial se fazem especialmente evidentes por meio dos usos linguísticos. Uma variedade linguística pode ser interpretada, portanto, como um traço definidor de identidade, daí que as atitudes em relação aos grupos com uma determinada identidade sejam em parte atitudes em relação às variedades linguísticas usadas nesses grupos e usuários de tais variedades (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Portanto, uma resposta como “útil” para o português pode indicar uma atitude positiva a essa língua para um grupo, mas não para outro. De qualquer modo, o fato de o grupo de informantes desta pesquisa ter assim caracterizado o português usando muito e bastante parece denotar atitude positiva, o que influi favoravelmente no processo de mudança em curso (gradual desuso do Hr) porque as práticas sociais em português são consideradas úteis e, em certos contextos, predominam em detrimento do Hr.

### **5.3.5 Os brasileiros são**

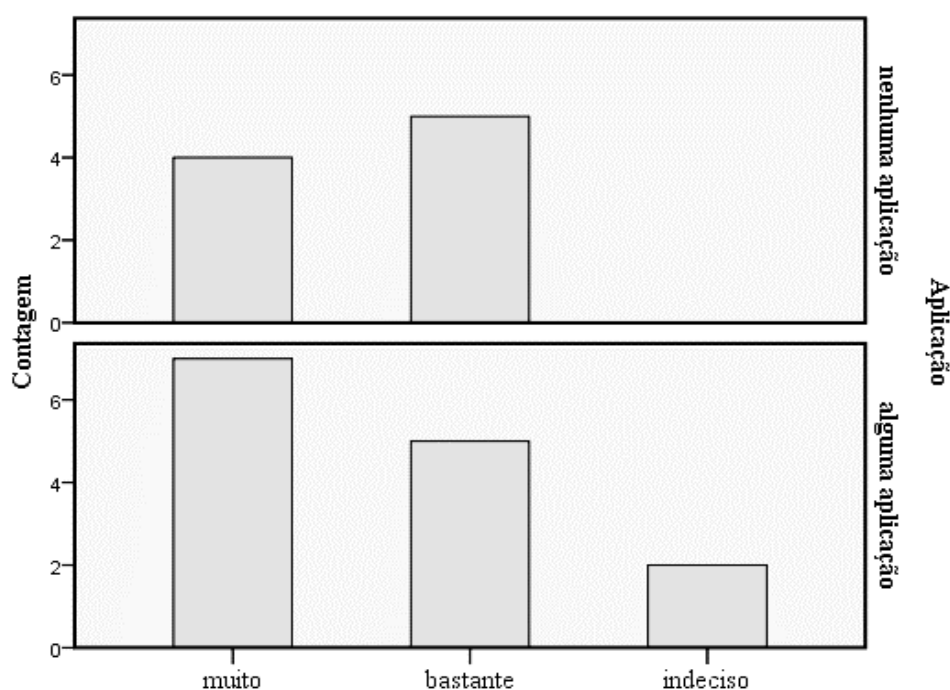
Diferentemente da concepção dos alemães como “trabalhadores”, os brasileiros são considerados “amáveis”.

A característica que os informantes escolheram para caracterizar os brasileiros tem um componente afetivo.

Amabilidade possivelmente seja uma característica que os informantes atribuam a eles mesmos. São brasileiros, não alemães, como disse a informante I.L: “eu falo alemão, mas sou brasileira, nasci aqui”. Essa percepção dos informantes denota um

sentimento de pertença ao Brasil, apesar de terem consciência de que são “diferentes” do que tomam por típico brasileiro, porque falam uma língua a mais, praticam também outros costumes, pela maneira como se organizam e se comportam. A Figura 12 ilustra o cruzamento entre proporção de aplicação de desvozeamento das plosivas e a característica “amável” atribuída aos brasileiros:

**Figura 12 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável ‘amável’**



Na Figura 12, observou-se que a maioria dos informantes com alguma aplicação de desvozeamento posicionou-se positivamente na escala, considerando-se os graus de intensidade “bastante” e “muito”: 7 optaram por “muito” e 5 por “bastante”; 2 informantes manifestaram indecisão quanto ao comportamento “amável” dos brasileiros; e, dos informantes que não desvozeiam as plosivas, 5 escolheram “bastante” e 4 “muito”.

Suspeita-se que a atribuição de uma característica afetiva aos brasileiros deva-se à flexibilidade com que os brasileiros lidam e gerenciam seus sentimentos, vivências e interações, diferentemente da concepção exigente, rígida, disciplinada que as famílias de origem alemã buscam passar para seus descendentes.

Tomando-se amabilidade como traço dos brasileiros e esse traço, como indicador de uma atitude positiva dos informantes de Glória aos não teuto-descendentes,

é possível estender a atitude (positiva) à língua falada por eles, o português, o que se conforma ao observado anteriormente (seção 5.3.4), quando se discutiu a caracterização do português como muito ou bastante útil.

### 5.3.6 O Hunsrückisch é

Analisou-se neste sub-bloco a atitude dos informantes especificamente quanto ao Hr, bem como as normas valorativas na fala em Pt em contato com o Hr.

Os informantes comportaram-se como no sub-bloco “A língua portuguesa é” ao responderem que o Hr também é “útil”. No entanto, além dessa variável, os informantes elencaram a variável “incorreto”, com sentido negativo. No Quadro 15 apresenta-se o cruzamento da proporção de aplicação de desvozeamento com a variável “útil” para o Hr:

**Quadro 15 – Cruzamento entre proporção de aplicação de desvozeamento e a variável útil (Hr)**

		O Hr é: útil			Total
		muito	bastante	Indeciso	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count	5	5	0	10
	% within Aplicação	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count	7	4	3	14
	% within Aplicação	50,0%	28,6%	21,4%	100,0%
<b>Total</b>	Count	12	9	3	24
	% within Aplicação	50,0%	37,5%	12,5%	100,0%

Tanto informantes devozeadores quanto não desvozeadores consideraram o Hr “útil”. Ao comparar com o português, tem-se também para com o Hr uma atitude positiva em relação à utilidade da língua. Em termos gerais, do total de vinte e quatro informantes, vinte e um escolheram “útil”, com graus de intensidade “bastante” e “muito”, e apenas 3 informantes apresentaram uma conduta indecisa.

O uso do Hr, em Glória, é uma prática necessária nas interações familiares e nos grupos sociais, uma vez que os falantes de Hr consideram-no como uma marca identitária sendo passada às gerações, assim mantendo-se os vínculos atuais.

No entanto, os próprios falantes de Hr também o veem como incorreto. O que nos chamou a atenção é o fato de que os 3 informantes indecisos são informantes que apresentam desvozeamento das plosivas. Como a variável “incorreto” também foi saliente nesse sub-bloco, averiguou-se que os mesmos informantes que aqui ficaram indecisos sobre a utilidade do Hr escolheram o grau de intensidade “bastante” para responder que o Hr é incorreto. Logo, observou-se com essa constatação que o Hr conta com algum desprestígio na comunidade. De acordo com Fernández (1998, p. 181),

alguns falantes de variedades minoritárias têm uma atitude negativa em relação a sua própria língua, geralmente quando essas variedades não lhes permitem a ascensão social, uma melhora econômica ou quando os impossibilita de movimentar-se por lugares ou círculos diferentes dos seus.

Com base no autor, e pelo perfil dos informantes, de menor grau de escolarização (ensino fundamental), por desenvolverem atividades profissionais locais e não terem muitas interações com os grupos sociais além de Glória, é possível que eles tenham uma atitude negativa em relação à língua minoritária, falada por eles. Também contribuem para essa avaliação negativa os programas humorísticos e piadas que enfatizam o desvozeamento das plosivas, dentre outros traços, como erros, conforme mencionado no capítulo 1 desta tese, na Introdução.

No Quadro 16 estão os resultados para o cruzamento da proporção de aplicação com a variável “incorreto”:



**Quadro 16 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável incorreto**

		O Hr é: incorreto			Total
		Muito	Bastante	indeciso	
<b>Aplicação nenhuma aplicação</b>	Count	2	4	4	10
	% within Aplicação	20,0%	40,0%	40,0%	100,0%
<b>alguma aplicação</b>	Count	5	5	4	14
	% within Aplicação	35,7%	35,7%	28,6%	100,0%
<b>Total</b>	Count	7	9	8	24
	% within Aplicação	29,2%	37,5%	33,3%	100,0%

Tanto os informantes com alguma aplicação de desvozeamento quanto os que não aplicam o processo distribuem-se equilibradamente entre as respostas muito, bastante e indeciso para “O Hr é incorreto”, com o predomínio de bastante e indeciso no grupo dos não desvozeadores, e de muito e bastante no grupo dos desvozeadores. Um fator interessante do cruzamento concentra-se no quanto os informantes estavam indecisos perante a questão, talvez por que ainda não tivessem refletido sobre ela, o que se relaciona ao fato do quanto o informante tem ou não consciência linguística, de quanto pensa sobre a(s) língua(s). Assim, considerou-se a indecisão, a neutralidade ou até mesmo a hesitação do informante também como uma manifestação de atitude.

#### 5.4 A NOÇÃO DE BRASIL E ALEMANHA

As perguntas sobre os países Brasil e Alemanha, variáveis Q134 a Q137, objetivaram verificar os valores atribuídos a cada país, bem como sua identificação com ele. Primeiramente, foi solicitado ao informante indicar os aspectos positivos, em seguida, os aspectos negativos de cada país.

A variável Q137 abordou aspectos positivos em relação ao Brasil:

- Q134 Do que você gosta no Brasil?

As respostas foram agrupadas conforme o número de informantes que as elencaram:

- a) do meu Rio Grande do Sul, lugar bom, de muitos recursos, muita água e comida (2 informantes);
- b) do clima, porque não tem furacões, vulcões; do tamanho, é um país grande (extenso), do colorido do país, natureza exuberante, muitas opções turísticas, praias, riquezas que oferece (12 informantes);
- c) liberdade, povo alegre (5 informantes);
- d) culturas diversificadas, das pessoas com diversas origens (3 informantes);
- e) das pessoas simpáticas e receptivas, das pessoas em geral (6 informantes);
- f) da uniformidade da linguagem (1 informante);
- g) dos jogos de futebol, voleibol, esportes, corrida de carro (9 informantes);
- h) das festas, do movimento (2 informantes);
- i) do trabalho (1 informante);
- j) da música (1 informante);
- k) da democracia (1 informante);
- l) da produção (2 informantes);
- m) das cidades históricas, de tudo (3 informantes);
- n) da mecânica (1 informante).

Os informantes ressaltaram diversos aspectos positivos do Brasil: as qualidades naturais, históricas e culturais do estado e do país, as características das pessoas, atividades esportivas, eventos sociais, de lazer, da economia. As qualidades naturais destacaram-se em primeiro lugar, pois doze informantes citaram-nas como as de que mais gostam. As atividades esportivas configuraram o segundo lugar, com 9 informantes, e 6 informantes mencionaram as características pessoais, em terceiro lugar. Dentre esses 3 principais agrupamentos de respostas, constatou-se que os informantes manifestaram atitudes positivas em relação ao Brasil, mas sob diferentes perspectivas: natureza, esportes e caracterização pessoal.

A variável Q135 abordou aspectos negativos em relação ao Brasil:

➤ Q135 Tem alguma coisa de que você não gosta no Brasil?

- a) da corrupção, dos roubos, falta de vontade dos nossos políticos de mudarem o nosso Brasil para melhor, política, políticos (23 informantes);
- b) tragédias (2 informantes);
- c) violência (2 informantes);
- d) falta de segurança (1 informante);

- e) a justiça e a educação são fracas, só se tem essas coisas “boas” quando se paga por isso, injustiça, legislação ultrapassada (cheia de emendas com sentimento de impunidade) (4 informantes);
- f) a falta de planejamento em nível de país a longo prazo (1 informante);
- g) dos preconceitos das pessoas, do racismo (3 informantes);
- h) coisas ruins (1 informante);
- i) dos impostos, da falta de infraestrutura (energia, estradas), da falta de serviços públicos (saúde, educação, segurança) (3 informantes);
- j) favelas (1 informante);
- k) carnaval (1 informante);
- l) egoísmo (1 informante);
- m) das leis que não são cumpridas (1 informante);
- n) poluição (1 informante);
- o) desonestidade (1 informante);
- p) falta de responsabilidade (1 informante);
- q) dos árbitros de futebol (1 informante).

Majoritariamente, a corrupção política foi ordenada em primeiro lugar, por vinte e três informantes, como aspecto negativo do Brasil. A insatisfação coletiva que os informantes citaram tão enfaticamente pode dever-se ao fato de o país estar passando por uma delicada situação política quando a pesquisa foi realizada.<sup>28</sup> A falta de justiça, educação, sentimento de impunidade também podem ser reflexo da insatisfação primeira, pois 4 informantes apontaram ser esses os problemas do Brasil. Em terceiro lugar, 3 informantes referiram a cobrança de impostos, falta de infraestrutura em projetos de energia, melhoria de estradas, falta de serviços públicos como saúde, educação, segurança, protestando, clamando por soluções urgentes para o país melhorar.

O interessante dessas respostas é que nenhuma delas se refere a condutas na interação social que envolveriam a linguagem, o que talvez explique a atitude positiva dos informantes para com o português, mesmo que a avaliação do Brasil não seja de total aprovação, principalmente no período em que o país passava por instabilidades políticas.

---

<sup>28</sup> A aplicação do questionário foi realizada no período de março a agosto de 2015, coincidindo com o período em que a linha de investigação, Agentes Políticos, da operação Lava Jato, começou a ser investigada pela polícia federal. Em março de 2015, começavam a ser divulgados resultados de investigações sobre lavagem de dinheiro e desvios de verbas públicas por políticos. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>>, acesso em: 25 out. 2016.

A variável Q136 abordou aspectos positivos em relação à Alemanha:

➤ Q136 Do que você gosta na Alemanha?

- a) capricho (1 informante);
- b) limpeza (1 informante);
- c) organização, do desenvolvimento (avanço), da tecnologia (8 informantes);
- d) futebol, esportes (6 informantes);
- e) a cultura de uma maneira geral, a cultura forte (3 informantes);
- f) as comidas (1 informante);
- g) a hospitalidade das pessoas, receptividade do povo (2 informantes);
- h) disciplina das pessoas, se é proibido não se faz (2 informantes);
- i) modernidade (1 informante);
- j) não conheço nada, gostaria de conhecer melhor o país (2 informantes);
- k) da agricultura moderna e eficiente (1 informante);
- l) dos serviços públicos; da infraestrutura (energia, estradas); da administração pública do governo; construções; conservação dos prédios (5 informantes);
- m) natureza (do compromisso com a natureza) (2 informantes);
- n) da queda do muro de Berlim que possibilitou mais liberdade ao povo alemão e contribuiu para o desenvolvimento do país (1 informante);
- o) são festivos, festas (3 informantes);
- p) um país revolucionário (1 informante);
- q) potência econômica (1 informante);
- r) exemplo de superação de pós-guerra (1 informante);
- s) neve (1 informante);
- t) honestidade, confiança (2 informantes);
- u) de o povo alegre (1 informante).

Em relação aos aspectos positivos da Alemanha, 8 informantes destacaram a organização do país, o desenvolvimento e o avanço tecnológico como o que a Alemanha tem de melhor. O futebol e os esportes, em geral, foram nomeados na segunda posição por 6 informantes, reflexo da goleada alemã no jogo da Alemanha contra o Brasil na Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil, em 2014<sup>29</sup>. O terceiro ponto destacado por 5 informantes foi a qualidade e a agilidade dos serviços públicos, da infraestrutura em energia, estradas, da administração pública do governo alemão, as construções e a

---

<sup>29</sup> O jogo ocorreu em Belo Horizonte (MG) e o placar do jogo foi de 7 gols para a Alemanha e 1 para o Brasil.

conservação dos prédios comparados com a qualidade e agilidade dos mesmos serviços no Brasil.

Por essa avaliação, é possível pensar que os informantes tenham bons motivos para destacar sua origem alemã e os elementos a ela ligados, como a língua.

A variável Q137 abordou aspectos negativos em relação à Alemanha:

➤ Q137 Tem alguma coisa de que você não gosta na Alemanha?

- a) não tenho por não ter contato, não conheço nada (10 informantes);
- b) comida (4 informantes);
- c) alguns alemães são fechados (1 informante);
- d) beber chopp “quente”, cerveja servida a temperatura ambiente (2 informantes);
- e) as pessoas são em geral pouco amáveis (1 informante);
- f) o 7 a 1 contra o Brasil (1 informante);
- g) baixo consumo de carnes (1 informante);
- h) da forma como a primeira ministra Angela Merkel administra o país, com mãos de ferro (1 informante);
- i) muito poupadores (1 informante);
- j) desemprego (1 informante).

Em primeira posição, está a manifestação de dez informantes que disseram não ter alguma coisa negativa, por não ter contato ou por desconhecer a Alemanha. Já outros informantes responderam com base em seu conhecimento do país, como no caso de 4 informantes, que estranharam a forma como a comida era servida na Alemanha, em comparação com o Brasil, e reclamaram da pouca comida. Reclamaram, também, da falta de opções de frutas, verduras e da qualidade das mesmas, pois, quando comiam, não sentiam o mesmo sabor das frutas, verduras e das comidas que estão acostumados a comer no Brasil. Por último, 2 informantes mencionaram o desconforto que sentiram ao beber chopp “quente” e cerveja servida a temperatura ambiente.

A visão dos informantes, tanto dos aspectos positivos como negativos da Alemanha, é baseada nas imagens, noticiários, documentários e por ouvirem outras pessoas contarem sobre as viagens que já fizeram. Embora valorizem a Alemanha, fazem-no contrastando o país com o Brasil, onde, a despeito dos problemas macrossociais, têm experiências positivas no cotidiano, como às relativas à interação social e às práticas gastronômicas. Talvez isso explique considerar o Hr útil, ligado às

raízes culturais do grupo, mas apartado do local de origem e hoje falado por um grupo que tem razões para gostar do lugar onde vive.

## 5.5 QUALIDADES PESSOAIS MAIS IMPORTANTES

As qualidades que os informantes elencaram como mais importantes foram organizadas como variáveis de Q138 a Q157. Em cada uma delas, o informante optou por sim, se a qualidade era considerada importante, ou por não, se não a considerava importante. Do total de vinte qualidades disponíveis aos informantes, cada um deles ordenou as 5 que julgasse mais importantes em sua vida.

No Quadro 17, dispõe-se a ordenação das qualidades conforme a pontuação (quantas vezes a qualidade foi escolhida) por cada informante. Quando a pontuação foi a mesma para qualidades diferentes, ordenou-se na mesma colocação, como no caso da 10ª posição, em que as qualidades “culto”, “íntegro”, “alegre” e “não racista” obtiveram a mesma pontuação (4 pontos).

**Quadro 17 – Qualidades pessoais e o número de vezes (pontos) que os informantes as fizeram constar entre as cinco mais importantes**

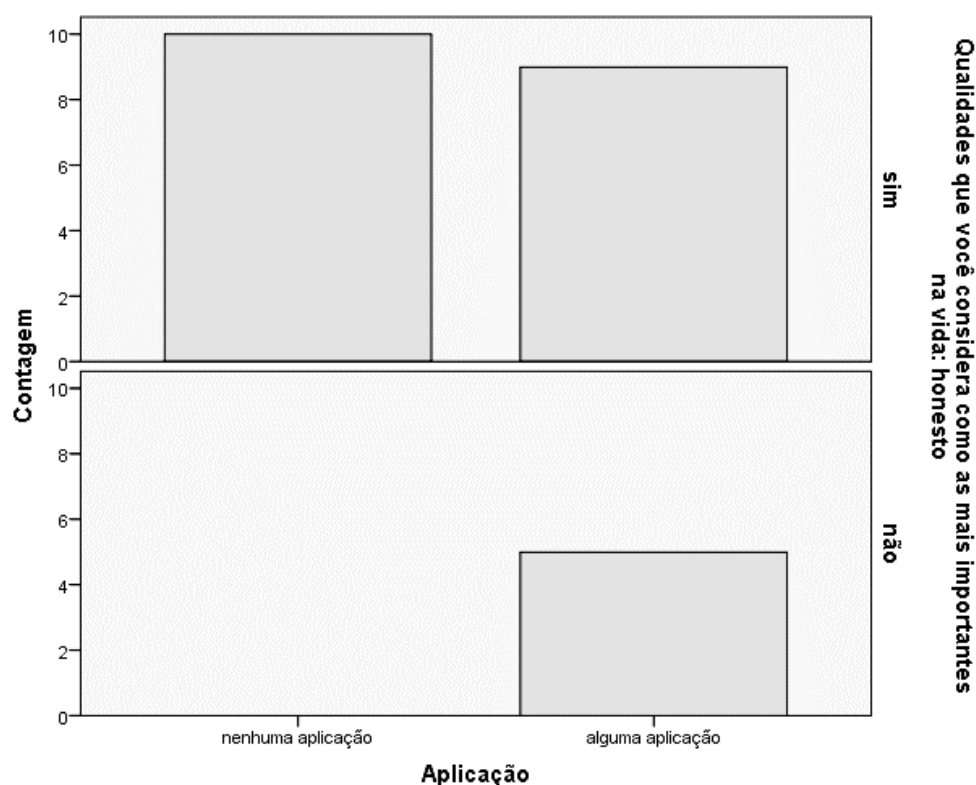
Qualidade	Pontos	Qualidade	Pontos
1ª honesto	19	10ª íntegro	4
2ª trabalhador	18	10ª alegre	4
3ª religioso	11	10ª não racista	4
4ª digno de confiança	10	11ª limpo	3
5ª prestativo	9	12ª instruído	2
6ª amável	8	12ª modesto	2
7ª simpático	7	12ª idealista	2
8ª disciplinado	6	13ª altruísta	1
9ª inteligente	5	13ª liberal	1
10ª culto	4	14ª cortês	0

A primeira qualidade foi ser “honesto”, com 19 pontos; a segunda qualidade foi ser “trabalhador”, com 18 pontos. Qualidade pessoal julgada como a mais importante na

vida dos informantes, a honestidade parece ser um princípio de vida. Associado a ser trabalhador, esse princípio está na base do perfil de pessoa pública desejável em Glória, digna de confiança, conforme aos preceitos religiosos praticados nas comunidades de prática<sup>30</sup>, como o grupo do apostolado, coral, teatro e igreja.

A Figura 13 ilustra o cruzamento entre a proporção de aplicação do desvozeamento e a variável Q148 “honesto”:

**Figura 13 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável honesto (qualidade)**



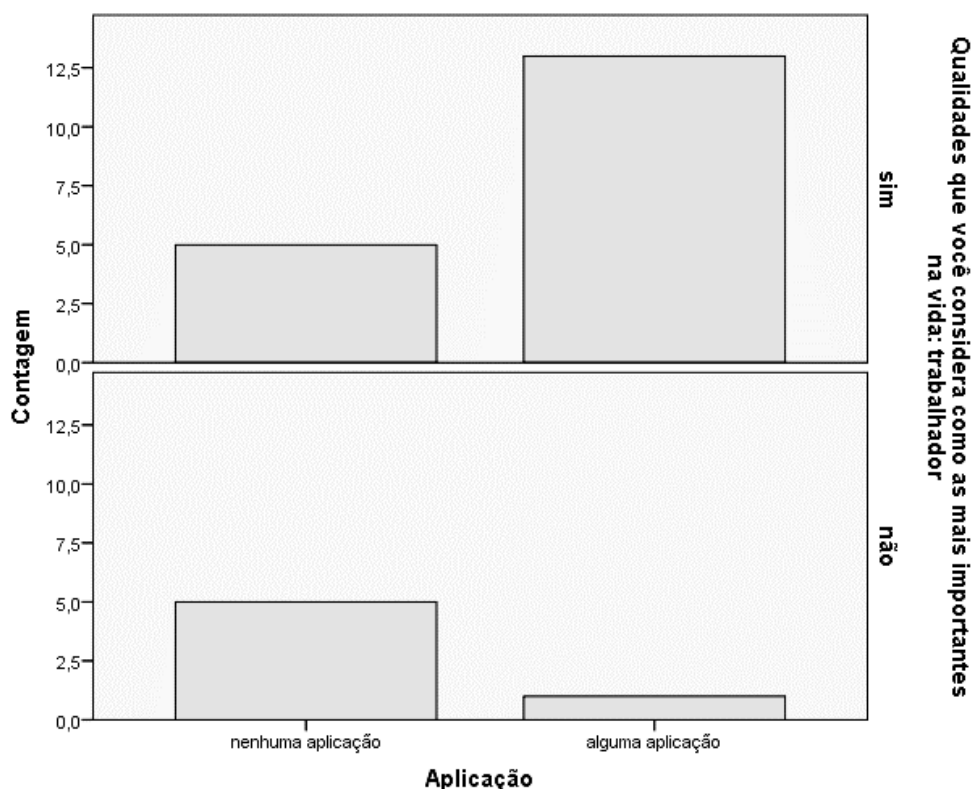
Dezenove informantes consideram a variável honesto como mais importante e 5 informantes não a elencaram. Todos os informantes que não aplicaram o desvozeamento escolheram honesto como qualidade pessoal mais importante, a maioria dos que desvozearam consideram honesto mais importante. Ou seja, não há uma relação entre mais aplicação, mais escolha de honesto, e vice-versa.

<sup>30</sup> Os habitantes de Glória são, em sua maioria, católicos (Igreja Católica). Em Glória, só há igreja, cemitério e ginásio (em que são realizadas as festas da localidade) católicos. Em outras localidades do interior de Estrela, há a presença simultânea da igreja, cemitério e ginásio católicos e a igreja, cemitério e ginásio evangélicos luteranos (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), como na Linha Wink, Costão, Novo Paraíso e São Jacó.

A qualidade “trabalhador” foi novamente selecionada entre as opções. Na variável “Os alemães são ‘trabalhadores’”, ela já se havia sobressaído. Dessa forma, é possível afirmar que a identidade do imigrante alemão e seus descendentes está associada ao perfil de alguém que trabalha bastante.

A Figura 14 ilustra o cruzamento entre proporção de aplicação de desvozeamento e a variável Q142 “trabalhador”:

**Figura 14 – Cruzamento entre proporção de aplicação e a variável trabalhador (qualidade)**



Quase todos os informantes que desvozeiam consideram a qualidade pessoal “trabalhador” importante: do total de vinte e quatro informantes, 18 deles afirmaram ser trabalhador a segunda qualidade mais importante em suas vidas. Esse resultado pode ser tomado como indício de que, sendo trabalhador um traço positivo dos alemães, os informantes tenham uma atitude positiva também para com outras características relativas às suas raízes étnico-culturais, entre elas a linguagem.



## 5.6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DAS DUAS ANÁLISES

Esta seção retoma os principais resultados das duas análises, de regra variável e de atitudes linguísticas, com o intuito de discutir o percurso da mudança linguística em andamento constatada em Glória: a diminuição de falantes de Hr e de oportunidades de usar essa língua nas novas gerações, o que minimiza a presença de traços do contato Pt-Hr no Pt, como o desvozeamento das plosivas.

Como afirma Fasold (1996, p. 327-328), dentre as tendências que conduzem a mudança linguística pode-se confirmar, nesta tese, que a industrialização, mudanças econômicas, educacionais, pressões governamentais, urbanização, o maior prestígio da língua a que se direciona a mudança, a saber, o Pt, e, principalmente, a necessidade de domínio da língua majoritária e oficial, são fatos consensuais propulsores da mudança linguística em andamento em Glória.

A maior parte dos estudos de mudança linguística gira em torno de mudanças que pequenos grupos de pouco prestígio protagonizam ao usarem a língua majoritária, do grupo de maior prestígio, pela influência de instituições como a escola e a igreja sobre os pequenos grupos (FASOLD, 1996, p. 333). Nessa linha, admite-se que as atividades sociais que se realizam em Glória em torno da igreja, como o grupo do coral, teatro, apostolado da oração, bem como a escola são voltadas ao uso do Pt em lugar do Hr. Não somente a religião, também a escolarização e as atividades diárias, como o trabalho e diversão, fornecem fundamentos para que se concretize a mudança em curso. Verificou-se que os avós, em sua maioria participantes desses grupos sociais da comunidade, falam o dialeto como forma de preservação dialetal e porque faz parte de seu *habitus*, (BOURDIEU, 2008 [1982]), uma vez que os netos podem compreendê-los. Os netos, por sua vez, não falam, se comportam passivamente perante o Hr, tampouco empregado por seus pares. Para Bourdieu (2008 [1982], p. 61), “o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista), o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural”.

O processo de implementação da mudança, em Glória, dá-se gradualmente, com o passar das gerações. Os resultados obtidos, até o momento, sobre transição, avaliação e encaixamento do desvozeamento variável das plosivas no Pt em contato com o Hr indicam que a mudança (desuso do Hr) chegará a termo daqui a algumas gerações.

Por meio da análise de regra variável, obtiveram-se 507 ocorrências de desvozeamento de vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas de informantes de Glória. Os dados, submetidos à análise estatística pelo pacote computacional VARBRUL, versão GoldVarb X, apresentaram as variáveis escolaridade (ensino fundamental), idade (47 anos ou mais), gênero (feminino), tonicidade da sílaba (sílabas pretônicas e tônicas), número de sílabas (palavras trissílabas e polissílabas), contexto precedente (vazio) e contexto seguinte (alveolar e vogal posterior) condicionam a aplicação do desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar no Pt de contato com o Hr.

Esses resultados corroboram a pesquisa de Lara (2013) e a de Gewehr-Borella (2014) no que diz respeito aos aspectos linguísticos condicionadores: sílaba tônica, seguida da pretônica e a posição inicial da palavra. O desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar, no Pt é um processo residual na zona rural do município de Estrela/RS.

Na pesquisa qualitativa, constatou-se que os núcleos familiares, compostos por avós, pais, irmãos, tios e tias, influenciam as práticas sociais, linguísticas e culturais na comunidade de Glória. A figura feminina, principalmente, a mãe (geração mais velha) tem responsabilidade na formação e preservação cultural, considerada uma guardiã da memória coletiva de Glória enquanto os mais jovens usam mais o português como língua de interação nas atividades de trabalho e lazer.

As atitudes se relacionam ao padrão de desvozeamento variável à medida que os informantes orientam-se à cultura brasileira e à fala Pt nas práticas linguísticas.

Ponso (2003, p. 114-115), sobre o português de contato com falares dialetais italianos em São Marcos (RS), afirma que:

embora ainda ocorra a manutenção de traços da língua italiana no português falado na comunidade, parece haver indícios de um progressivo abandono dos dialetos italianos enquanto sistemas linguísticos independentes, uma vez que o vínculo dos membros da comunidade com a cultura que vinculava esses dialetos torna-se cada vez mais raro. No entanto, há um comportamento ambíguo por parte dos jovens locais, pois apesar de negarem muitas vezes a sua origem e não fazerem questão de manter elementos que os identifiquem com seus antepassados, eles desenvolveram outras estratégias para manter sua identidade. Ou seja, ao se manter traços do italiano no português local, criam-se outras características de identificação, e por outros motivos que não a manutenção de uma cultura ancestral, mas a valorização do que se tem aqui e agora, a solidificação de um sentimento de grupo.

Segundo Trudgill (1974, p. 209), o estudo científico das línguas convenceu a maioria dos estudiosos de que todas as línguas e dialetos são igualmente ‘bons’ como

sistemas linguísticos, mas não os leigos. Juízos de valor sobre a correção e a pureza de variedades linguísticas são muito mais sociais do que linguísticas. As atitudes para com dialetos não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social de determinada sociedade.

Para Fasold (1996, p. 362-363), as últimas etapas do processo de mudança linguística caracterizam-se por: (i) a língua a se abandonar provavelmente é vista como inferior à língua majoritária; (ii) desequilíbrio entre os empréstimos linguísticos entre a língua a que se pretende abandonar e a que triunfará, pois o fenômeno é mais frequente com a língua majoritária para com a minoritária; (iii) a atividade religiosa influencia a fala na língua majoritária, direcionando o término do processo e (iv) os avós transmitem para os filhos o dialeto, mas os filhos não repassam para seus filhos, ou seja, as novas gerações já não usam o falar dialetal como seus avós usavam.

Ao analisar o uso das línguas e mensurar quais línguas são usadas com quem, constatou-se que doze informantes interagem em Hr com seus avós, compreendem mais do que falam. Confirma-se a hipótese de uma mudança em curso, já que os pais (informantes do grupo etário intermediário) e informantes mais jovens não usam mais o Hr com a mesma frequência como seus avós usavam ou ainda usam.

Com base nos resultados, principalmente, dos blocos II e III sobre línguas e seu uso e línguas, pessoas, atitudes, verificou-se que o português é útil porque é usado majoritariamente nos ambientes como bancos, cooperativas, no comércio, nas escolas, na igreja e nos eventos sociais. No entanto, usar o Hr é uma prática linguística que determina o comportamento e as atitudes dos falantes quando interagem entre os pares, no núcleo familiar, principalmente.

Segundo Blom e Gumperz (2002), o repertório linguístico de uma comunidade é “a totalidade de recursos linguísticos de que cada falante pode lançar mão nas interações sociais relevantes” (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 49). Em Glória, os falantes de Hr atribuem algum prestígio a essa língua, como elemento cultural, mas não se pode dizer que sintam orgulho de praticá-la. O repertório local compõe-se pelo Pt e pelo Hr. Muitos informantes mencionaram, durante a aplicação do questionário, que sofrem ou já sofreram algum preconceito em relação à fala, como piadas, brincadeiras e programas humorísticos que enfatizam a fala estereotipada dos descendentes de alemães desvozeando as plosivas, entre outros traços linguísticos. Em decorrência desses fatos, o falante de Hr quer demonstrar e manifestar sua melhor habilidade linguística optando pelo Pt por questões de *status* atribuído a essa língua, em detrimento do Hr.

Por outro lado, consideram o falar dialetal como parte de sua história, da sua família e o associam à identidade local construída a partir de atitudes valoradas positivamente, como as conquistas por meio do trabalho, os valores como a honestidade e a dignidade que passam para seus filhos na forma de extensão dos costumes pertencentes àqueles que se identificam com a cultura alemã na comunidade e em casa, principalmente. Blom e Gumperz (2002) afirmam que

a aquisição do dialeto se dá na maioria dos lares e dentro da esfera das relações domésticas e de amizade. Assim, o dialeto adquiriu o sabor desses relacionamentos localmente enraizados. Contudo, os falantes do dialeto aprendem a língua padrão na escola e na igreja, na mesma faixa etária em que são introduzidos os valores nacionais noruegueses. A língua padrão, portanto, passa a ser associada com os sistemas de atividades pan-noruegueses (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 57).

Quando comparado o processo de aquisição do Hr com o do ranamål (BLOM e GUMPERZ, 2002), constatou-se que ocorre de forma muito parecida. Muitos dos falantes aprendem o Hr e o Pt em casa, com os pais e avós, principalmente, e aprendem o português na escola ou de alguma forma institucionalizada. Os informantes de Glória avaliam o falar em alemão como pertencente ao local, à comunidade, e o utilizam como capital simbólico em trocas linguísticas com outros falantes de Hr. Aqui está uma questão de valores num mercado linguístico (BOURDIEU, 2008 [1982]). As negociações da fala em Hr implicam certos valores positivos quando os falantes estão entre os pares e valores negativos em situações sociais que exigem interação em português, como na interação com aqueles que somente aprenderam o Pt. Não se estabelece uma relação de equidade linguística. Pelo contrário, no momento em que há o envolvimento dos valores sociais embutidos nas duas línguas no período da aquisição, os informantes direcionam-se aos valores do português.

A avaliação das formas linguísticas e os valores sociais estão intimamente relacionados à identificação do falante com os grupos a que pertence. O comportamento linguístico dos membros do grupo é simbólico. Os traços dialetais, as formas de trocar informações têm significados sociais, reforçam os laços de interação na rede de relacionamentos do grupo e a postura que o grupo assume perante os demais grupos da comunidade. Conforme Blom e Gumperz (2002, p. 67), “o fato de o dialeto refletir valores locais sugere que ele simboliza relações baseadas na identidade com a cultura local que é compartilhada entre os participantes.” Os informantes confessaram que usam o Hr para conversar sobre assuntos de modo a não serem compreendidos por outras

peças que estejam próximas e não saibam o Hr. Em outras situações, em encontros com desconhecidos, usam a língua padrão desde que haja cumplicidade para falarem em Hr. “Em suas interações diárias eles optam entre as duas de acordo com a situação. Os membros da comunidade veem essa alternância como uma troca entre duas entidades distintas” (BLUM; GUMPERZ, 2002, p. 49). Isso funciona como um código local que se alterna conforme a situação em que o informante se encontra e com quem está conversando.

## 6 CONCLUSÃO

Esta tese teve como objeto de estudo o desvozeamento variável das plosivas bilabial, alveolar e velar no português brasileiro local em contato com o Hunsrückisch (Pt-Hr) e as atitudes linguísticas dos falantes para com as línguas em contato. Seu objetivo geral foi analisar o desvozeamento variável das plosivas bilabial, alveolar e velar no Pt em contato com o Hr. Os objetivos específicos da pesquisa foram verificar (a) os condicionadores do desvozeamento variável das plosivas na fala, em Pt, dos habitantes de Linha Glória, comunidade da zona rural de Estrela (RS), a partir da análise de regra variável e (b) as atitudes linguísticas dos informantes em relação ao contato Pt-Hr, na investigação de como estas atitudes se relacionam ao padrão de desvozeamento variável.

A tese foi organizada em 6 capítulos. Referente ao primeiro capítulo, apresentou-se o objeto de estudo analisado, as questões-problema e os objetivos geral e específicos. Em seguida, no segundo capítulo, abordaram-se os conceitos de variação e mudança linguística, contato de línguas, o processo de desvozeamento das plosivas e as atitudes linguísticas. O terceiro capítulo teve como escopo os procedimentos metodológicos adotados para obtenção dos dados submetidos à análise estatística no estudo de variação linguística, realizada com o programa computacional VARBRUL, versão GoldVarb X, e para o estudo de atitudes, que envolveu análise estatística com o software IBM SPSS. Nos capítulos 4 e 5 descreveram-se e discutiram-se os resultados da análise de regra variável e do estudo de atitudes. Ao final, no capítulo 6 desta tese, apresentam-se estas conclusões.

Por meio da análise acústica, no estudo do VOT, constatou-se que as plosivas que emergem no Pt não são especificamente as da língua primária e nem da língua secundária. As medidas de VOT obtidas em Glória são próprias ao Pt de contato. A análise acústica confirmou que o desvozeamento já percebido de oitiva por Lara (2013) e Lara e Battisti (2014) tem propriedades distintas das plosivas do PB e do Hunsrückisch.

Conforme os princípios norteadores da pesquisa empírica sobre variação e mudança linguística (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), lidou-se com os

problemas propostos pela teoria, a partir do levantamento dos fatores condicionantes que propulsionam o processo linguístico do desvozeamento das plosivas.

A análise do processo de desvozeamento das plosivas do Pt, sob o enfoque sociolinguístico da análise de regra variável, captou o padrão de variação na comunidade: a proporção total de aplicação da regra e os grupos de fatores condicionadores do desvozeamento. A proporção total de aplicação da regra foi de apenas 2,6%. É um índice baixo, que revela ser o desvozeamento das plosivas um fenômeno residual no Pt de Glória. O desvozeamento é proporcional ao grau de bilinguismo e de domínio do Pt, que dependem da faixa etária, da escolaridade dos informantes e da quantidade de interação/uso do Pt, maior no meio urbano do que no meio rural. Os informantes com ensino fundamental completo ou incompleto, menor nível de instrução, favoreceram a aplicação do processo. Os informantes com mais de 47 anos favoreceram a aplicação da regra. As mulheres favoreceram a aplicação do fenômeno linguístico em estudo, bem como as palavras com mais sílabas, trissílabas e polissílabas, o fator vazio no contexto fonológico precedente e o fator alveolar e vogal posterior no contexto fonológico seguinte e também as pretônicas, seguidas da sílaba tônica.

A combinação da análise de regra variável com o estudo de atitudes linguísticas, nesta tese, evidenciou que identidades são construídas e que normas são valorizadas na fala em Pt em contato com o Hr. Os comentários dos informantes sobre o português dos falantes de Hr demonstram a existência de uma variedade própria de português de contato com o Hr, sendo essa variedade percebida tanto pelos descendentes de Hr, quanto pelos luso-brasileiros.

Os resultados obtidos no estudo de atitudes linguísticas confirmaram o que a análise de regra variável evidenciou, o maior nível de escolaridade propicia menor ocorrência de desvozeamento das plosivas. Isso ocorre porque há maior exposição ao português, ou seja, as práticas sociais em português conduzem o informante a reduzir o número de ocorrências do processo de desvozeamento, ocorrendo entre informantes bilíngues e também entre os monolíngues como característica do Pt de contato.

As interações, o uso das línguas, quais línguas são usadas com quem, foram questões levantadas, por meio do questionário, com o intuito de mensurar as percepções dos informantes. Assim, constatou-se que há informantes que falam Hr, principalmente os informantes com mais de 47 anos, mesmo que não o utilizem com muita frequência. A figura feminina, a mãe ou avó, que constituem a geração mais velha, propagam e

preservam as práticas sociais, marcas linguísticas e culturais em Glória enquanto que os informantes mais jovens procuram por atividades de trabalho ou lazer nos centros urbanos, usando o português como língua de interação em vez do Hr. Tal padrão configura a tendência à mudança linguística na comunidade.

Conforme Lambert et al. (1960), os elementos que conduzem o informante a decidir por uma resposta e não por outra são definidores de uma atitude, ou seja, os elementos de crença, valor, conduta, conhecimento, sentimento e comportamento em uma situação sociolinguística conformam a percepção do informante. Logo, os informantes demonstraram ter consciência do uso do português em situações determinadas e do uso do Hr quando lhes convêm, associando as identidades sociais que o português ou o Hr podem ter como identidade social pertencente a um grupo.

Portanto, ao responderem que o português é “útil”, os informantes têm uma atitude positiva perante o português, como língua majoritária de um grupo. A caracterização do português como “útil” denota uma atitude positiva. Esse posicionamento dos informantes favorece o processo de mudança em curso, em direção ao Pt. No julgamento das formas variáveis das línguas, padrão e Hr, os testes estatísticos das análises de regra variável e do estudo de atitudes linguísticas comprovaram o encaminhamento de uma mudança linguística, em Glória.

De outro lado, usar o Hr é uma decisão que determina um comportamento e uma prática linguística do núcleo familiar, como língua minoritária de um grupo, mas sendo considerada também “útil” nesse núcleo. Em Glória, usar o Hr é considerada uma prática fundamental para as interações familiares e grupos sociais que usam o Hr. Essa prática configura-se como uma marca identitária, ainda passada às gerações, percebida quando informantes que convivem com os avós adquirem simultaneamente os dois sistemas linguísticos. Ao passo que aumenta o uso do português, preservam o uso do Hr de alguma forma.

Destacam-se, então, os resultados dos blocos II e III sobre línguas e seu uso e línguas, pessoas, atitudes, (a) o português é “útil”, usado nos espaços sociais, como bancos, cooperativas, no comércio, nas escolas, na igreja e nos eventos sociais; (b) o Hr tem utilidade, apesar de também ser considerado “incorreto”, com sentido negativo; (c) os brasileiros são amáveis, indicando uma atitude positiva e (d) a concepção dos alemães é a de que são “trabalhadores”, sugerindo uma atitude positiva de que o trabalho alavanca o desenvolvimento econômico e o progresso local.



Em relação à comparação entre os países, Alemanha e Brasil, os informantes têm uma visão dicotômica: tanto dos aspectos positivos como negativos dos países. Para conceber uma avaliação da Alemanha, os informantes tiveram como base imagens, noticiários, documentários e conversas de pessoas que já viajaram para lá. Mesmo que os informantes valorizem aspectos da Alemanha, sempre os contrapõem com os mesmos aspectos no Brasil para comparar as diferenças e semelhanças. Por exemplo, os aspectos de organização, capricho, limpeza foram citados como positivos na Alemanha e com o sentimento de que não estão tão presentes no dia a dia do brasileiro. Por outro lado, os informantes citaram que as comidas não são tão fartas como no Brasil, no sentido de não terem à disposição tantas frutas, carnes como os brasileiros têm.

No último bloco do questionário, os informantes elencaram as qualidades que julgam mais importantes. Essa questão teve como objetivo identificar os valores sociais que são importantes individualmente, bem como para o convívio dos grupos sociais da comunidade. A primeira qualidade foi ser “honesto”, seguida de “trabalhador”, “religioso”, “digno de confiança”, “prestativo”, “amável”, “simpático”, “disciplinado”. Essas qualidades pessoais, que obtiveram maior pontuação, são as mais importantes na vida dos informantes, pois assim acreditam que devam agir no âmbito individual e coletivo para que as marcas identitárias que se constroem com essas atitudes e esses comportamentos possam ser valoradas na consciência dos informantes.

Por fim, a investigação dessa pesquisa com o estudo de variação e atitudes linguísticas dos falantes, de Glória, atestou que o contato Pt-Hr apresenta uma curva descendente. Os principais motivos para tal são: os programas humorísticos que estereotipam a fala em Hr; a substituição gradual das práticas bilíngues, uma vez que se direciona à fala ao Pt; o desaparecimento das marcas de contato, como o desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar; o percurso da mudança linguística em andamento e constatada em Glória; a diminuição da frequência da fala em Hr; as restritas ocasiões em que se usa o Hr nas novas gerações, com as crianças e os jovens. Dessa maneira, a presença de traços do contato Pt-Hr no Pt está sendo minimizada, ou seja, a fala, em Glória, está direcionando-se ao Pt.

As análises dos dados, de variação e atitudes linguísticas, permitiram concluir que, em Glória, há um português em contato (Pt-Hr). A reflexão que os próprios falantes fizeram, percebendo as línguas faladas, em Glória, é a de que o Pt-Hr tem características peculiares constituídas por traços desse contato. As atitudes dos informantes emergem de suas percepções e concepções linguísticas e sociais, do

repertório linguístico individual e coletivo, de que a língua falada em Hr é memória que ainda vive, mesmo que esteja em percurso de declínio.

## REFERÊNCIAS

- AJZEN, I. *Attitudes, Personality and Behavior*. Milton Keynes: Open University Press, 1988.
- AJZEN, I.; FISHBEIN, M. *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewood-Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1980.
- ALMEIDA, M.J.A. de. *Etudes sur les attitudes linguistiques au Brésil*. Tese de Doutorado, Univ. de Montreal, 1979. (Inédita)
- ALTENHOFEN, C.V. *A Aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilingue do Rio Grande do Sul: um estudo de Redes de Comunicação em Harmonia*. 1990. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- \_\_\_\_\_. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul. In: *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.
- \_\_\_\_\_. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Varição e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.
- \_\_\_\_\_. O contato entre o português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch. In: *Palavra*, Rio de Janeiro, n.11, p. 146-165, 2003.
- \_\_\_\_\_. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: Elizaincín, Adolfo & Espiga, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.
- ALTENHOFEN, C.V.; MARGOTTI, F.W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ALVES, M.I.P.M. *Atitudes Linguísticas de Nordestinos em São Paulo*. (Abordagem Prévia) Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1979. (Inédita)
- ALVES, M.A. *Production of english and portuguese voiceless stops by brazilian EFL speakers*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- AMARAL, M.P. *Mapas mentais das variações linguísticas no Rio Grande do Sul*. Artigo de Seminário não publicado. Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1982.

- AMARAL, M.P. Dialetoлогия perceptual: mapas mentais no sul do Brasil. In: Congresso Internacional da ALFAL, XVII, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2014.
- ANTILLA, A. Deriving variation from grammar. In: HINSKENS; F. VAN HOUT, R; WETZELS, W. L. (eds.). *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- ANTILLA, A.; CHO, Y.Y. Variation and change in Optimality Theory. *Língua* 104. 1998. p. 31-56.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London, Arnold, 1997.
- ARCHANGELI, D. *Underspecification in Yawelmani Phonology and Morphology*. Doctoral dissertation. MIT, Cambridge, MA, 1984.
- ARCHANGELI, D. Aspects of underspecification theory. *Phonology* 5:183-208, 1988.
- BANDEIRA, M.T. *Diferenças entre crianças monolíngues e multilíngues no desempenho de tarefas de funções executivas e na transferência de padrões de VOT (Voice Onset Time) entre as plosivas surdas do pomerano, do português e do inglês*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.
- BANDEIRA, M.T.; ZIMMER, M.C. A transferência dos padrões de VOT de plosivas surdas no multilinguismo. *Letras de Hoje*, v. 46, n. 2. 2011. p. 87 - 95. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/7503/6577>>. Acesso em: 12 jun. 2013.
- BATTISTI, E. Variação. In: BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A.A. A palatalização variável das oclusivas alveolares num falar de português brasileiro e sua análise pela Teoria da Otimidade. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, jan./mar. 2010. p. 80-86.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A.A.; LUCAS, J.I.P.; BOVO, N.M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL*, v. 5, n. 9, ago. 2007. Disponível em:<<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 12 dez. 2013.
- BATTISTI, E.; LARA, C.C. Variável sexo/gênero e alternâncias fonético-fonológicas em falares do Rio Grande do Sul. In: FREITAG, R.M.Ko; SEVERO, C.G. (Org.). *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 129-150.
- BLOM, J-P.; GUMPERZ, J. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 45-84.

- BOERSMA, P.; HAYES, B. *Empirical tests of the Gradual Learning Algorithm*. Linguistic Inquiry 32, n. 1. 2001. p. 45-86.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Versão 5.3.51, 2013. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.
- BORGES, L.C.; SALOMÃO, N.M.R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(2), p. 327-336. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- CAMACHO, R.G. Sociolinguística Parte II. In: BENTES, A.C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, v. 1, 6. ed., 2006.
- CÂMARA JR., J.M. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 [1970].
- CALVET, L.J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, D.P. *Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetoes Brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <<http://openaccess.blucher.com.br/article-list/atitudes-linguisticas-281/list#articles>>. Acesso em: 12 dez. 2015.
- CEDERGREN, H.J.; SANKOFF, D. Variable rules: Performance as a statistical reflection of competence. *Language*, vol. 50, n.2, p. 333-355, 1974. Disponível em:<<http://www.ling.upenn.edu/courses/cogs501/CedergrenSankoff1974.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2015.
- CHO, T.; LADEFOGED, P. Variation and universals in VOT: evidence from 18 languages. *Journal of Phonetics*. 1999. p. 207-229.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G.N. The role of the sonority cycle in cores syllabification. In: *Laboratory Phonology I*, edited by John Kingston and Mary Beckman, C.U. Press, 1990.
- COETZEE, A.W. Variation as accessing non-optimal candidates. *Phonology* 23. 2006. p. 337-385.

- CRISTÓFARO-SILVA, T.C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CRISTOFOLINI, C. *Gradiência na fala infantil: caracterização acústica de segmentos plosivos e fricativos e evidências de um período de “refinamento articulatorio”*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DAMKE, Ciro. *As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português como segunda língua*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.
- DURANTI, A. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Disponível em: <<https://antroling.wikispaces.com/file/view/Duranti.Linguistic+Anthropology.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2016.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford, Blackwell, 2000.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, 2012. p. 87-100.
- FARACO, C.A. *Linguística Histórica uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo, Editora Ática, 2. ed., 1998.
- FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad*. Madrid: Visor Libros, 1996.
- FERNÁNDEZ, Francisco M. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona Ariel Lingüística, 1998.
- FROSI, V.M.; FAGGION, C.M.; DAL CORNO, G.O.M. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- FROSI, V.M. Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa língua, nossa cultura, nossa identidade. In.: FROSI, V.M.; FAGGION, C.M.; DAL CORNO, G.O.M. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- GARRETT, P. Attitude Measurements. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K.J.; TRUDGILL, P. (eds.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society – Volume 2*. Berlin/New York: de Gruyter. 2005. p. 1251-1260.
- GARRETT, P. *Attitude to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GEWEHR-BORELLA, S. *A influência da fala bilíngue Hunsrückisch-Português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.

\_\_\_\_\_. *“Tu dampém fala assim?”: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. 2014. 153f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

GEWEHR-BORELLA, S.; ALTENHOFEN, C.V. Macroanálise pluridimensional da variação de consoantes oclusivas do português por falantes de hunsriqueano. In: Seminário Internacional de Fonologia, IV, 2012, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras/UFRGS, 2012. p. 1 - 16. Disponível em <<http://www.pucrs.br/eventos/fonologia/>>. Acesso em: 09 ago. 2013.

GILES, H.; BILLINGS, A.C. Assessing language attitudes: speaker evaluation studies. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (Eds.). *The handbook of applied linguistics*. Malden, MA: Blackwell, 2004.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard University Press, 1982.

GUY, R.G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*, v. 14, n. 28-29. 2000. p. 17-32. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194/18703>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

GUY, R. G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

HESSEL, L. *O Município de Estrela: história e crônica*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS/Martins Livreiro-Editor, 1983.

HILGEMANN, C.M. *Mitos e concepções linguísticas do professor em contextos multilíngues*. 2004. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

HINSKENS, F.; VAN HOUT, R.; WETZELS, L. Balancing data and theory in the study of phonological variation and change. In: HINSKENS, F.; VAN HOUT, R.; WETZELS, L. (eds.). *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam: John Benjamins B. V. 1997. p. 1-33.

ISTRE, G. A Fonética Acústica. In \_\_\_\_\_. *Fonologia transformacional e natural: uma introdução crítica*. Florianópolis: NEL/SC. 1983. p 37-72.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121-137.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. (Org.). *Linguistic in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 3-91.

KIPARSKY, Paul. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, London, n. 2, p. 85-138, 1985.

KLEIN, S. *Estudo do VOT no português brasileiro*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

LABOV, W. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, vol. 45, n.4, 715-762, 1969.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Malden: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LADEFOGED, P. *Elements of Acoustic Phonetic*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LAMBERT, W.E.; HODSON, R.C.; GARDNER, R.C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), p. 44-51, 1960.

LARA, C.C. *Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil meridional*. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

LARA, C.C.; BATTISTI, E. O *voice onset time* das plosivas do português brasileiro em contato com o hunsrückisch e seu desvozeamento variável. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 39-50, jan./mar. 2014.

LARA, C.C. Desvozeamento das plosivas bilabial, alveolar e velar do português brasileiro em contato com o Hunsrückisch. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 17, Número 1/2: p. 7-31, 2015.

LAUREANO, R.M.S.; BOTELHO, M.C. *SPSS: o meu manual de consulta rápida*. Edições Sílabo, Lisboa: 2010.



LAUREANO, R.M.S. *Testes de hipóteses com o SPSS: o meu manual de consulta rápida*. Edições Sílabo, Lisboa: 2011.

LISKER, L; ABRAMSON, A. A cross-language study of voicing in initial stops: acoustical measurements. *Words*, 20. 1964. p. 384-422.

MCCARTHY, J. *A thematic guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002a.

MACKEY, W.F. Bilingualism and multilingualism/Bilingualismus und Multilingualismus. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K.J.; TRUDGILL, P. (Hrsg). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik*. 2. ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. p. 1714-1726. (HSK; v. 3.2) p. 1483-1495.

MEYERHOFF, M. *Introducing sociolinguistics*. 2.ed. London/New York: Routledge, 2011.

MOHANAN, K. P. 1982. *Lexical Phonology*. Doctoral dissertation, MIT. [Distributed by Indiana University Linguistics Club]

MOHANAN, T.; MOHANAN, K.P. *Towards a Theory of Constraints in OT: Emergence of the not-so-unmarked in Malayalee English*. [Available on Rutgers Optimality Archive, ROA- 416-09100], 2003.

MUELLER, M. *A influência da língua portuguesa nos falantes da língua alemã do interior do município de Tenente Portela*. 1985. Monografia do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), [1985].

NARO, A.J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ODLIN, T. *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo, FFLCH/Universidade de São Paulo, 2015. 390f.

PAIVA, M.C. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, M.C.; JUNIOR, C.F. (Org.) *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

PESETSKY, D. Russian morphology and lexical theory. Ms. MIT, 1979.

PONSO, L.C. *A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS*. 2003. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PRESTON, D.R. Mental Maps of Language Distribution in Rio Grande do Sul (Brazil). Disponível em: <<http://www.gammathetaupsilon.org/the-geographical-bulletin/1980s/volume27/article4.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Language with an attitude. In: CHAMBERS, J. K. et al. (orgs). *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden, MA and Oxford: Blackwell, 2002.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint interaction in generative grammar*. Technical Report, Rutgers University and University of Colorado at Boulder, 1993. Revised version published by Blackwell, 2002.

REIS, M.; NOBRE-OLIVEIRA, D. *Effects of perceptual training on the identification and production of English voiceless plosives aspiration by Brazilian EFL learners*. Proceedings of the Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech. Florianópolis: UFSC. 2007. p. 398-407.

ROSA, R.S. *A comunidade de fala de Porto Alegre no estudo da variação linguística: Identificando subcomunidades*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

ROSA, Eliane Kreutz; DAMKE, Ciro; VON BORSTEL, Clarice Nadir. *Língua/Cultura como fator de pertencimento identitário*. 14ª Jornada Regional e 4º Nacional de Estudos Linguísticos e Literários - Campus da UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon. Paraná. 2008. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo\\_013.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo_013.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E.S. GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

SANTOS, E. O adolescente e a percepção do valor de variantes linguísticas. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1973, (inédita).

SANTOS, E. *A transmissão ao educando de crenças e atitudes linguísticas escolares*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1980. (inédita)

SCHNEIDER, M.N. *Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 261f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TARALLO, F.L. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TESAR, B.; SMOLENSKY, P. *Learnability in Optimality Theory (long version)*. ROA - 156, 1996. Disponível em: <<http://rucss.rutgers.edu/roa.html>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

THUN, H. *La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, 1998. p. 787-789.

THUN, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, Peter & Schmidt, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation. Vol. 1: Theories and methods*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.

TOMIELLO, M. *A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.

TRASK, R. L. *Historical linguistics*. London/New York: Arnold, 1996.

TRIANDIS, H.C. *Actitudes y cambios de actitudes*. Barcelona: Ediciones Toray, S.A., 1974.

TRUDGILL, Peter. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

VANDERMEEREN, S. Research on Language Attitudes. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K.J.; TRUDGILL, P. (eds.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society – Volume 2*. Berlin/New York: de Gruyter, 2005. p. 1318-1332.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. 7. ed. The Hague, Mouton, 1970.

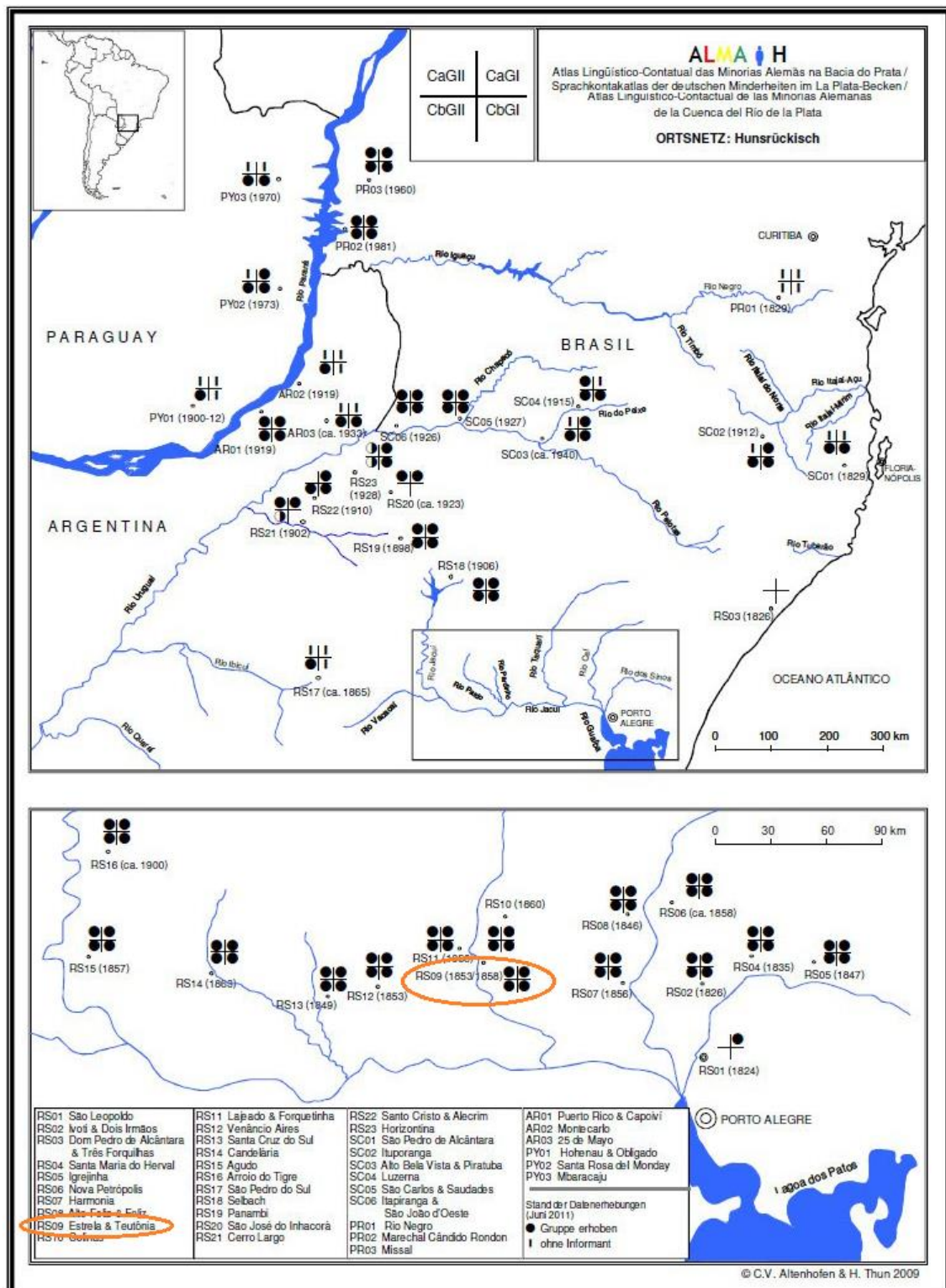
WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WEIRICH, H.C.; FERREIRA-GONÇALVES, G. *Influência da língua de imigração Hunsrückisch na produção de plosivas: uma comparação entre bilíngues e monolíngues*. In: 21ª Congresso de Iniciação Científica e 4ª Mostra Científica (CIC - UFPEL), Pelotas. CIC UFPEL, 2012.

WIESE, R. *The phonology of German*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ZORZI, J.L. *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2003. 174p.

## ANEXO A



Fonte: Mapa 3 – Rede de pontos do ALMA-H, com indicação do ano de fundação da colônia, e estado atual da coleta de dados do Projeto “O Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H)”.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Ficha social

#### FICHA SOCIAL

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de Instrução:	
Profissão:	
Ocupação:	
Bilinguismo: Qual? .....	
<input type="checkbox"/> ativo <input type="checkbox"/> passivo <input type="checkbox"/> zero	
Local de Nascimento dos pais:	
Pai:	
Mãe:	
Estado Civil:	
Número de Filhos:	
Idade:	Sexo:
Grau de Instrução:	
Atividades Sociais/ Lazer:	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador: \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Duração da entrevista: \_\_\_\_\_

Observações gerais:

## APÊNDICE B – Roteiro para a entrevista sociolinguística

### ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

- 1) Como é a vida aqui na comunidade de Linha Glória?
- 2) Quais são suas atividades diárias?
- 3) Voltando alguns anos atrás, na sua infância, como era a comunidade de Linha Glória?
- 4) Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos? Quais eram as atividades dos seus pais?
- 5) Na sua infância, que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos?
- 6) Quando você era pequeno(a), nos seus primeiros anos escolares, você lembra de alguma coisa que tenha sido importante? Que atividades eram feitas?
- 7) Como era a vida em Glória quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo? O que era diferente com relação a hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?
- 8) Gostaria de saber um pouco mais de você, as coisas que você gosta de fazer nos finais de semana, as atividades da comunidade de Linha Glória que você costuma participar: eventos, festas, entre outros.
- 9) Que tipos de atividades de lazer você costuma fazer ou gostaria de fazer?
- 10) Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?
- 11) De que coisas do tempo de sua infância você tem mais saudades?

12) Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível, como por exemplo: ter estudado mais, ter feito alguma viagem, ter feito algum trabalho?

13) Aqui em Glória, quais as coisas que você mais admira? E o que você acha que poderia ser diferente?

14) Se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade de Linha Glória?

15) Se você recebesse um bom dinheiro para ser usado em algo para a comunidade de Linha Glória, em que você investiria?

## APÊNDICE C – As atitudes linguísticas no Português em contato com o Hunsrückisch

(adaptado do questionário de Göz Kaufmann (1997))



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras



### I- Informações gerais

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Sexo: feminino ( ) masculino ( )
4. Qual é o seu grau de instrução?  
 Ensino fundamental incompleto ( )    Ensino fundamental completo ( )  
 Ensino médio incompleto ( )            Ensino médio completo ( )  
 Ensino superior incompleto ( )        Ensino superior completo ( )  
 Outro ( ) Qual? \_\_\_\_\_
5. Local de nascimento (município): \_\_\_\_\_
6. Onde você mora? \_\_\_\_\_
7. Desde quando você mora aqui? \_\_\_\_\_
8. Você já morou em outro lugar por mais de seis meses? Onde e por quanto tempo?  
 \_\_\_\_\_
9. Onde nasceram seus pais?  
 pai: \_\_\_\_\_  
 mãe: \_\_\_\_\_
10. Qual é a profissão/ocupação dos seus pais?  
 pai: \_\_\_\_\_  
 mãe: \_\_\_\_\_



11. Qual é a sua profissão/ocupação?

---



---

## II-1 Línguas

12. Quais são as línguas que você sabe? \_\_\_\_\_

13. A sua primeira língua é o \_\_\_\_\_

14. Quais são as línguas que seus pais sabem?

pai: \_\_\_\_\_

mãe: \_\_\_\_\_

15. Quais as línguas que são faladas em Glória? De que outros nomes podemos chamá-las?

---



---

16. Estabeleça uma hierarquia das línguas que você sabe (começando com aquela que você sabe melhor!

a) Em que línguas você sabe ler? \_\_\_\_\_

b) Em que línguas você sabe escrever? \_\_\_\_\_

c) Em que línguas você sonha? \_\_\_\_\_

d) Em que línguas você reza? \_\_\_\_\_

e) Qual é a língua de que você mais gosta? \_\_\_\_\_

f) Que línguas você gostaria de saber melhor? \_\_\_\_\_

g) Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui? \_\_\_\_\_

## II-2 Hunsrückisch

17. Onde você aprendeu o Hr? \_\_\_\_\_

18. Com quem você aprendeu o Hr? \_\_\_\_\_

19. Eu falo Hr

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não sei falar
-----------	-----	---------------	----------	---------------

20. Eu entendo Hr

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não entendo
-----------	-----	---------------	----------	-------------

21. Eu leio Hr/alemão

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não sei ler
-----------	-----	---------------	----------	-------------

22. Eu escrevo Hr/alemão

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não sei escrever
-----------	-----	---------------	----------	------------------

23. Eu uso Hr

todos os dias	frequentemente	de vez em quando	raras vezes	nunca
---------------	----------------	------------------	-------------	-------

24. Onde uso o Hr

Em casa ( )

Nos grupos dos quais participo na comunidade ( )

Na Trabalho/escola ( )

Em todos os lugares ( )

Outros ( ) Quais? \_\_\_\_\_

25. Com quem uso o Hr

Com meus familiares ( )

Com os amigos/conhecidos da comunidade ( )

Com os vizinhos ( )

Com os colegas de trabalho/estudo ( )

Outros ( ) Quais? \_\_\_\_\_

**II-3 Português**

26. Onde você aprendeu o português? \_\_\_\_\_

27. Com quem você aprendeu o português? \_\_\_\_\_

28. Eu falo português

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não sei falar
-----------	-----	---------------	----------	---------------

29. Eu entendo português

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não entendo
-----------	-----	---------------	----------	-------------

30. Eu leio português

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não sei ler
-----------	-----	---------------	----------	-------------

31. Eu escrevo português

muito bem	Bem	mais ou menos	um pouco	não sei escrever
-----------	-----	---------------	----------	------------------

32. Eu uso português

todos os dias	frequentemente	de vez em quando	raras vezes	nunca
---------------	----------------	------------------	-------------	-------

33. Onde uso o português

Em casa ( )

Nos grupos dos quais participo na comunidade ( )

Na Trabalho/escola ( )

Em todos os lugares ( )

Outros ( ) Quais? \_\_\_\_\_

34. Com quem uso o

Com meus familiares ( )

Com os amigos/conhecidos da comunidade ( )

Com os vizinhos ( )

Com os colegas de trabalho/estudo ( )

Outros ( ) Quais? \_\_\_\_\_

## II-4 Uso das línguas

35. Em que língua(s) você fala com seus pais? \_\_\_\_\_

36. Em que língua(s) você fala com seus avós? \_\_\_\_\_

37. Em que língua(s) você fala com seus irmãos? \_\_\_\_\_

38. Em que língua(s) você fala com seus amigos? \_\_\_\_\_

39. Em que língua(s) você fala no trabalho? \_\_\_\_\_

40. Em que língua(s) você fala na escola/universidade? \_\_\_\_\_

## III-1 Perguntas sobre línguas e pessoas

41. Eu me interesso pelas coisas que acontecem na Alemanha.

concordo plenamente	Concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

42. Tenho contato com alemães “da Alemanha”?

concordo plenamente	Concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

43. Que tipo de contatos (amigos, escola, negócios etc.)?

---



---



---

44. Os alemães “da Alemanha” gostam dos brasileiros.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

45. Eu gostaria de saber melhor o Hr.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

46. Eu gostaria de saber melhor o alemão.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

47. Eu gostaria de conhecer (mais) alemães.

concordo plenamente	concordo	Indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

48. Eu prefiro estar com brasileiros a estar com alemães.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

49. Os brasileiros gostam dos alemães.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

50. Se um alemão que não sabe português se encontra com um grupo de brasileiros, estes deveriam tentar falar alemão?

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

51. Eu quero que ensinem (mais) alemão na família e nas escolas.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

52. Os brasileiros aqui deveriam saber falar o alemão.

concordo plenamente	Concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

53. Quando falo com meus amigos eu muitas vezes misturo o português com alemão.

concordo plenamente	Concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

### III-2 Perguntas sobre atitudes pessoais

54. É perfeitamente natural e correto que as mulheres estejam limitadas em certos aspectos em que os homens têm liberdade.

concordo plenamente	Concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

55. Em público, deveríamos evitar fazer coisas que outros acham erradas, mesmo que saibamos que essas coisas, na verdade, são corretas.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

56. Uma pessoa que não sente sempre amor, gratidão e respeito por seus pais é desprezível.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

57. Apesar de o lazer ser uma coisa boa, é o trabalho que torna a vida interessante e válida.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

58. Obediência e respeito à autoridade são as virtudes mais importantes que a criança deveria aprender.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

59. Crimes sexuais, como o estupro e o abuso de crianças, merecem mais do que a simples prisão; estes criminosos deveriam ser denunciados pelos jornais.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

60. Os negros são bem aceitos na comunidade.

concordo plenamente	concordo	indeciso	não concordo	não concordo de modo algum
---------------------	----------	----------	--------------	----------------------------

### III-3 Os alemães são

		OS ALEMÃES SÃO					
		Muito	bastante	indeciso	bastante	muito	
1	religiosos						ateus
2	idealistas						materialistas
3	amáveis						pouco amáveis
4	pouco prestativos						prestativos
5	trabalhadores						preguiçosos
6	corruptos						íntegros
7	altruístas						egoístas
8	limpos						sujos
9	pouco inteligentes						inteligentes
10	cultos						incultos
11	desonestos						honestos
12	disciplinados						indisciplinados
13	indignos de confiança						dignos de confiança
14	corteses						descorteses
15	instruídos						sem instrução
16	arrogantes						modestos
17	conservadores						liberais
18	simpáticos						antipáticos
19	alegres						tristes
20	racistas						não racistas

## III-4 A língua portuguesa é

		O PORTUGUÊS É					
		<b>muito</b>	<b>bastante</b>	<b>indeciso</b>	<b>bastante</b>	<b>muito</b>	
1	Feio						bonito
2	fácil para aprender						difícil para aprender
3	antiquado						moderno
4	pouco musical						musical
5	desagradável						agradável
6	simples						complicado
7	incorreto						correto
8	formal						informal
9	útil						inútil
10	Bom						ruim

## III-5 Os brasileiros são

		OS BRASILEIROS SÃO					
		<b>muito</b>	<b>bastante</b>	<b>indeciso</b>	<b>bastante</b>	<b>muito</b>	
1	trabalhadores						preguiçosos
2	idealistas						materialistas
3	amáveis						pouco amáveis
4	pouco prestativos						prestativos
5	indignos de confiança						dignos de confiança
6	corruptos						íntegros
7	altruístas						egoístas
8	limpos						sujos
9	inteligentes						pouco inteligentes
10	conservadores						liberais
11	desonestos						honestos
12	disciplinados						indisciplinados
13	cultos						incultos
14	cortesês						descortesês

15	instruídos						sem instrução
16	arrogantes						modestos
17	simpáticos						antipáticos
18	religiosos						ateus
19	alegres						tristes
20	racistas						não racistas

### III-6 O Hr é

		O HUNSRÜCKISCH É					
		muito	bastante	indeciso	bastante	muito	
1	Feio						bonito
2	antiquado						moderno
3	desagradável						agradável
4	simples						complicado
5	incorreto						correto
6	informal						formal
7	pouco musical						musical
8	difícil para aprender						difícil para aprender
9	útil						inútil
10	Bom						ruim

### IV. Perguntas sobre países

61. Do que você gosta no Brasil?

---



---

62. Tem alguma coisa de que você não gosta no Brasil?

---



---



63. Do que você gosta na Alemanha?

---

---

64. Tem alguma coisa de que você não gosta na Alemanha?

---

---

**V. Marque as cinco qualidades desta lista que você considera as mais importantes na vida!**

1 religioso	11 honesto
2 idealista	12 disciplinado
3 amável	13 digno de confiança
4 prestativo	14 cortês
5 trabalhador	15 instruído
6 íntegro	16 modesto
7 altruísta	17 liberal
8 limpo	18 simpático
9 inteligente	19 alegre
10 culto	20 não racista

**VI. Como se diz estas palavras?**

1)



4)



2)



5)



3)



6)



